UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

JOSÉ FONSECA DA ROCHA FILHO

**Atividades turísticas e cultura na paisagem pantaneira dos municípios de
Aquidauana e Corumbá no Estado do Mato Grosso do Sul - Brasil**

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo
2015

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

**Atividades turísticas e cultura na paisagem pantaneira dos municípios de
Aquidauana e Corumbá no Estado do Mato Grosso do Sul - Brasil**

VERSÃO CORRIGIDA

De acordo: _____

Professora Rosa Ester Rossini

José Fonseca da Rocha Filho

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Ciências. Área de concentração: Geografia Humana.

Orientadora: Profa. Dra. Rosa Ester Rossini

São Paulo
2015

“A poesia está guardada nas palavras – é tudo que eu sei.
Meu fado é o de não saber quase tudo.
Sobre o nada eu tenho profundidades.
Não tenho conexões com a realidade.
Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.
Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as
nossas).
Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.
Fiquei emocionado.
Sou fraco para elogios. ”

Manoel de Barros

Dedicatória

Dedico este trabalho:

Ao meu pai, José, (In memoriam), que desde sempre me ensinou a ser generoso, ter caráter, respeitar o próximo e amar a natureza.

A minha mãe, Cleyde, que sempre diz: “no final, tudo vai dar certo”, mesmo quando pareça que tudo dará completamente errado.

À Regina, minha esposa, ao Murilo e Marcella, meus filhos, pelo apoio e compreensão pelas tantas ausências, (às vezes, mesmo quando estava presente).

Aos meus amigos e familiares, cada um torcendo e ajudando a sua maneira.

Agradecimentos

Tive a felicidade e a honra de ser orientando, desde o início da minha caminhada pela Geografia Humana na FFLCH-USP, quando entrei para o Mestrado em 2007, de uma mulher que se tornou especial na minha vida. Fui um privilegiado em poder compartilhar de tanto conhecimento, sabedoria e cultura. Sou realmente uma pessoa de sorte, muita sorte! Sou e serei eternamente grato por sua generosidade, humildade e competência. Muito obrigado, de coração, minha querida Professora Doutora Rosa Ester Rossini.

Agradeço aos professores da minha Banca de Qualificação, Olga Tulik e Fabio Betioli Contel, pelas orientações e colocações que direcionaram de maneira mais produtiva minha pesquisa.

Ao meu mentor, professor Medson Janer da Silva, pela amizade, generosidade e exemplo de vida, muito obrigado.

Agradeço a Emiko Kawakami de Resende, chefe geral da Embrapa Pantanal, por tão gentilmente me receber e pelo enriquecedor bate papo.

Ao diretor do Campus Pantanal/UFMS, professor Edgar Aparecido da Costa, agradeço a colaboração e apoio.

À Elisa Pinheiro de Freitas, professora adjunto e pesquisadora da UFMS, meus sinceros agradecimentos por todo apoio. Sinceramente, sem a sua ajuda, os caminhos por mim trilhados neste trabalho teriam sido, sem dúvida nenhuma, muito mais difíceis.

À professora Roosiley Santos Souza da UFMS – CPAN, muito obrigado pelo apoio e tempo a mim destinados quando de minha estada em Corumbá.

Muito obrigado a Ronan Xavier Machado, coordenador do Observatório do Turismo, da Fundação de Turismo do Pantanal pelo apoio e pelas tantas informações e dicas a mim fornecidas quando estive em Corumbá.

Agradeço ao professor Carlos Martins Junior, da UFMS – Campus de Aquidauana, pela ajuda e generosidade.

Aos professores da UCDB- Universidade Católica Dom Bosco-MS, Dra. Cleonice Le Bourlegat, Dr. Milton Mariani, e também aos professores da UNIDERP-ANHANGUERA/MS Dra. Albana Xavier Nogueira e Dr. Eron Brum,

meus agradecimentos por tão bem me receberem e por compartilharem comigo seus conhecimentos, mais uma vez.

Obrigado a minha esposa, filhos, familiares e amigos pelo apoio e torcida.

Aos colegas do LABOPLAN, agradeço pela constante disponibilidade em dividir seus conhecimentos e pela sempre presente predisposição em ajudar.

Agradeço ao amigo Deomar Barata e a sua mãe, dona Maria, pela amizade e hospitalidade.

Muito obrigado aos meus amigos infalíveis da Copiadora LM, André, Joise e Márcia, pelas inúmeras vezes em que o serviço foi feito “pra ontem”.

A todos os pantaneiros e pantaneiras com quem mantive boas e enriquecedoras conversas: pescadores, artesãos e artesãs, peões, isqueiros(as), cozinheiras, arrumadeiras, pilotos, recepcionistas, gerentes, garçons e garçonetes, fazendeiros e fazendeiras, e tantos outros, muito obrigado pela gentileza e hospitalidade com que sempre me receberam.

Resumo

A proposta deste trabalho é aprofundar os estudos sobre as diferentes modalidades dos usos turísticos do Pantanal, especificamente no que se refere aos municípios de Aquidauana e Corumbá, localizados no Pantanal do Mato Grosso do Sul. Pretende-se entender a especialização regional que os dois municípios desenvolveram e mostrar as especificidades turísticas praticadas nestes dois municípios, pois, cada uma das cidades estudadas tem uma especialização dentro do contexto turístico da região, que não parece ser homogêneo. Como a região tem um papel dentro de um conjunto e no intuito de entender algo maior, também serão efetuadas algumas considerações referentes ao município de Bonito, igualmente localizado na região do Pantanal Sul e Cáceres, no Pantanal do Mato Grosso (MT). O trabalho será apresentado em três capítulos. O primeiro trata do processo histórico e ocupação do Mato Grosso do Sul, das etnias indígenas, da estrutura pecuária do Estado de Mato Grosso do Sul, além de características gerais dos municípios de Aquidauana e Corumbá. No segundo capítulo são apresentados temas como os costumes aprendidos com a tradicional criação extensiva de gado – os saberes e fazeres –, a relação do pantaneiro com o Pantanal, o fortalecimento do ecoturismo na região, as comitativas no Pantanal de Aquidauana. O terceiro capítulo, traz a pesca em Corumbá e o surgimento dos Barcos Hotéis; o Turismo em Corumbá. Folclore; perspectivas e estrangulamentos de desenvolvimento; diagnóstico participativo no segmento do turismo deste município.

Palavras-chave: Pantanal; turismo, cultura; pesca; pecuária.

Abstract

The purpose of this work is to go deeper in Pantanal's different types of tourism, specifically when it comes to the cities of Aquidauana and Corumbá, both located in Pantanal of Mato Grosso do Sul. This work seeks to understand and show the regional specialization, which both cities developed, in terms of tourism, since each one of the cities has an specialization within the touristic context of the region and it seems not to be homogeneous. As the region has a role in the main scenario and in order to understand the whole picture, it is also going to be studied some considerations in reference of the city Bonito, equally located in the area of Southern Pantanal and Cáceres, inside Pantanal of Mato Grosso (MT). This work will be presented in three chapters. The first one is about Mato Grosso do Sul's historical process and occupation, indigenous ethnic groups, cattle raising structure of the state of Mato Grosso do Sul, besides general characteristics of the cities Aquidauana and Corumbá. In the second chapter, it will be presented themes such as the learned mores with the traditional extensive cattle raising – the flavors and do's – the relationship between the ***pantaneiro*** with Pantanal, the strengthening of ecotourism in the region, the ***comitivas*** in Pantanal of Aquidauana. The third chapter brings out the fishing in Corumbá and the Hotel Boats' appearance; the tourism in Corumbá. Folklore: perspectives and struggling of development; participatory diagnostic in the tourism segment of this city.

Key words: Pantanal; tourism; culture; fishing; cattle raising.

Sumário

P.

Agradecimentos	i
Resumo	iii
Abstract	iv
Lista de Fotos	vii
Lista de mapas, quadros e tabelas	ix
Introdução	1
1. Capítulo I	
Formação Sócioespacial de Mato Grosso do Sul: Pantanal brasileiro e os municípios de Aquidauana e Corumbá	23
1.1 Formação Sócioespacial de Mato Grosso do Sul: das “estradas líquidas” à pecuária pantaneira	24
1.2 A ocupação de Mato Grosso do Sul	34
1.3 Mato Grosso do Sul: Etnias Indígenas no espaço da pesquisa em Aquidauana e Corumbá	37
1.3.1 O espaço territorial da etnia Terena em Aquidauana	37
1.3.2 Espaço Territorial da Etnia Guató no município de Corumbá.	46
1.4 A pecuária do Estado de Mato Grosso do Sul	50
1.5 Formação do núcleo urbano de Aquidauana	52
1.6 Formação do núcleo urbano de Corumbá	62
2. Capítulo II	
Aspectos sócioespaciais do turismo na região pantaneira de Aquidauana	66
2.1 O papel da telenovela no desenvolvimento do ecoturismo em Aquidauana.	67
2.2 O ecoturismo, os saberes e fazeres do pantaneiro e sua relação com o Pantanal de Aquidauana.	69

2.2.1	A tradição das comitivas no Pantanal de Aquidauana	88
2.2.2	A mulher pantaneira. Do difícil começo ao desenvolvimento das atividades formais com o advento do turismo	100
3.	Capítulo III	
	O turismo na região pantaneira de Corumbá	107
3.1	A pesca em Corumbá e o surgimento dos Barcos Hotéis.	108
3.2	Turismo em Corumbá. Folclore; perspectivas e estrangulamentos de desenvolvimento	116
3.3	Diagnóstico participativo no segmento do turismo de Corumbá	124
3.4	Análise dos resultados e prognóstico com a discussão de dados primários (diagnóstico)	130
3.5	Contexto socioeconômico. Análise	132
3.6	Subsistema de Produção do Turismo	132
3.7	Subsistema de Transformação	135
3.8	Subsistema de Comercialização	135
3.9	Outras Institucionalidades no Município	136
	3.9.1 Ambiente institucional de apoio	136
3.10	Metodologia	139
	Considerações finais	145
	Bibliografia	150
	Anexos	171

Lista de Fotos	P.
Foto 1	Gado Nelore. 9
Foto 2	Corumbá 11
Foto 3.	Aquidauana 13
Foto 4	Índios Terena 27
Foto 5	Dança da siputrena 44
Foto 6	Artesanato Terena 45
Foto 7	Índio Guató 46
Foto 8	Ilha dos Guató 48
Foto 9	Barco de transporte 48
Foto 10	Canoa Guató 49
Foto 11	Carcaças resfriadas 51
Foto 12	Caminhão do Frigorífico 51
Foto 13	Capa da revista 'VEJA' 67
Foto 14	Artesanatos e apetrechos 70
Foto 15	Mate quente 74
Foto 16	D. Joana 74
Foto 17	Capataz da fazenda 75
Foto 18	Nascer do sol 76
Foto 19	Sequencia nascer do sol 77
Foto 20	Pôr do sol 77
Foto 21	Pôr do sol 2 78
Foto 22	Pôr do sol 3 78
Foto 23	Mesa do café da manhã 80
Foto 24	Opções de passeios 81
Foto 25	Alunos e professores 82
Foto 26	Sala de eventos 83
Foto 27	Passeios em Bonito 85
Foto 28	Comitiva com 1100 cabeças 89
Foto 29	Comitiva com 900 cabeças 89
Foto 30	Gaiola Boiadeira de alumínio 96
Foto 31	Gaiola Boiadeira de madeira 96
Foto 32	Cozinheiro de Comitiva 97
Foto 33	Sophia Rondon 101
Foto 34	Maria Lescano (2007) 103
Foto 35	Maria Lescano (1961) 103

Foto 36	Mulheres pantaneiras	105
Foto 37	Gado recebendo sal mineral	106
Foto 38	Barco Hotel Cabexi II	110
Foto 39	Anúncio publicado Cabexy	110
Foto 40	Piloteiros	113
Foto 41	Barcos hotéis – Corumbá	114
Foto 42	Barco hotel Kalypso	115
Foto 43	Grupo folclórico Tradição	118
Foto 44	Siriri e Cururu	119
Foto 45	Barcos hotéis – Cáceres	122
Foto 46	Dolina milagrosa	123

Lista de Mapas, quadros e tabelas

P.

Mapas

Mapa 1	Pantanal Brasileiro: área de estudo Aquidauana e Corumbá	4
Mapa 2	Divisão dos 11 pantanais	7
Mapa 3	Município de Aquidauana	53
Mapa 4	Pantanal Sul-Matogrossense	53

Quadros

Quadro 1	Área dos 11 Pantanais	6
Quadro 2	Os municípios e sua participação no Pantanal Brasileiro	8
Quadro 3	Características gerais e populacionais da área da pesquisa	19
Quadro 4	Rebanho bovino – MS- Aquidauana – Corumbá	50
Quadro 5	Evolução da População	59
Quadro 6	Município de Aquidauana/MS	61
Quadro 7	O turismo em Bonito	84
Quadro 8	Pacote VIP: Bonito – Aquidauana	86
Quadro 9	Pacote conjugado comum: Bonito – Aquidauana	87
Quadro 10	Toques principais do berrante	92
Quadro 11	Regras da Comitiva	99
Quadro 12	Diagnóstico geral de serviços, comércio e político relacionado ao turismo de Corumbá	128
Quadro 13	Diagnóstico do setor de cultura e identidade	131
Quadro 14	Diagnóstico do setor de turismo	131
Quadro 15	Localização estratégica no Pantanal Binacional	132
Quadro 16	A importância do aeroporto para acelerar o processo do desenvolvimento	132
Quadro 17	Principais instituições de apoio identificadas	138

Tabelas

Tabela 1	Custo de transporte do gado em comitiva	82
Tabela 2	Custo de transporte do gado em Gaiola Boiadeira	82

Introdução

A primeira viagem ao Pantanal foi realizada em meados do ano de 1991, alguns meses após o término da exibição na novela homônima exibida pela rede Manchete. A partir daí, muitas foram as incursões para aquele destino. Mas em 2007, ano em que iniciei o Mestrado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, meu olhar deixou de ter como foco principal o jornalismo e passou a exercer observação mais direcionada para a Geografia, mais especificamente, à Geografia Humana.

Desde então foram 9 viagens para Pesquisa de Campo:

Voltar para o mesmo lugar é fazer outra viagem ao encontro de espaços e gente modificados; é o exercício atualizado de aprender a ler seu subtexto, *sempre mais presente nas miudezas geográficas (ou humanas) do que nas apoteoses cujo fulgor pode nos ofuscar sem deixar marcas de seu brilho. O que vale é conhecer como os outros se resolvem e como as coisas são trabalhadas.* (YÁZIGI, 2013, p. 84)

Foram visitados municípios e distritos da região do Mato Grosso do Sul (principalmente), e também do Mato Grosso – alguns repetidas vezes e outros mais superficialmente. Foram eles Aquidauana, Anastácio, Camisão, Piraputanga, Campo Grande, Miranda, Bonito, Terenos, Coxim, Corumbá, Cuiabá (ver “Linguajar Cuiabanês em Anexos - p. 192), Vargem Grande, Mimoso, Cáceres, Poconé, Barão de Melgaço, Santo Antônio do Leverger.

As belezas naturais da fauna e da flora, a princípio, sempre exerceram enorme atração, desde o primeiro contato. Isto, somado à cultura local, aos saberes e fazeres e tradições locais manifestadas na música, nas danças, na

culinária, nas festas, nas falas e prosas etc. e à paixão percebida do pantaneiro pelo lugar – como bem define Yázigi “Homem apaixonado pelo meio cria a alma do lugar.” (YÁZIGI, 2001: p. 45) – foi que houve o encantamento, citando as palavras do mesmo autor: “O encantamento (por paixões, lugares, objetos, o que queiram) ocorre através de sensações, mas para que nos alce acima da banalidade é preciso contar com “coisas cheias de aura”” (YÁZIGI, 2013, p.32). E “coisas cheias de aura” é que não faltam no Pantanal.

As idas a Aquidauana passaram a ser frequentes o que proporcionou acompanhar desde o início o processo (modificações/alterações/adaptações entre outros), por que passaram algumas fazendas pantaneiras, que tinham há décadas, como única atividade, a criação extensiva de gado bovino e que, num curto espaço de tempo, passaram a conhecer o ecoturismo, passando também a receber turistas.

Paralelamente, a constante quantidade de pescadores que sempre se dirigiam a Corumbá para a prática da pesca esportiva no rio Paraguai, que se alojavam em pousadas e, principalmente, em barcos hotéis, chamava a atenção e despertavam a curiosidade, notadamente pelo aumento do número das embarcações mencionadas.

Decidido que seriam estes dois municípios, Aquidauana e Corumbá, ambos localizados no Estado do Mato Grosso do Sul, os recortes da pesquisa, optou-se por algumas ações (ou metodologias) que seriam empregadas. Uma delas foi a utilização de entrevistas. Em nossa opinião, a entrevista faz com que o assunto se desenvolva melhor e deixa mais à vontade tanto entrevistado com entrevistador, aproximando-os mais, tornando o resultado mais denso, humano e menos matemático do que o questionário. Leite (2003) afirma:

“(...) Há ainda uma memória coletiva, aparente nos falares, nos cantares, nos traços e gestos, nos hábitos, nos corpos e nas mais diversas formas de existência de pessoas. (...) As entrevistas revelam partes da memória do entrevistado, trazendo informações na forma de lembranças ‘requentadas’ ao sabor das dúvidas e certezas do pesquisador”. (LEITE, 2003: pp. 19 e 28)

Muitas foram as entrevistas realizadas. Com professores(as) da UCDB - Universidade Católica Dom Bosco; da UNIDERP - Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (atualmente Anhanguera-Uniderp); Funcionários(as) do SEBRAE, da Casa do Artesão, do Museu Pantaneiro, do Frigorífico Buriti, da ACERT (Associação Corumbaense das Empresas de Turismo); da Fundação de Turismo de Mato Grosso do Sul (Fundtur); da Fundação de Turismo de Aquidauana (FTA); da Embrapa Pantanal. Entrevistas com fazendeiros(as), proprietários(as) de pousadas e agências de turismo, peões (vaqueiros), pescadores, indígenas, donos de estabelecimentos comerciais como farmácias, artigos de montaria e apetrechos, talabarterias (confeção artesanal de todos os acessórios para montaria e afins); com as mulheres das fazendas/pousadas (cozinheiras, copeiras, arrumadeiras, guias, lavadeiras, recepcionistas, gerentes, etc.); da Casa de Massabarro de Corumbá; proprietários(as) de barcos hotéis e pousadas. Recolhimento de dados em órgãos públicos como IBGE; SEMA/SEMAC/MS; IBAMA; IMASUL, entre outros.

Este trabalho teve como macroárea de estudo o Estado do Mato Grosso do Sul, em especial, a região do Pantanal entre os municípios de Aquidauana e Corumbá:

Mapa 1 - Pantanal Brasileiro: áreas de estudo: Aquidauana e Corumbá

Fonte: Embrapa Pantanal, 2009.

O Pantanal é uma área de aproximadamente 230 mil quilômetros quadrados. “É a maior planície de inundação contínua do planeta¹”, dividindo-se entre Brasil, Bolívia e Paraguai, “uma imensa planície sedimentar que se alaga periodicamente” funcionando como um grande reservatório (PROENÇA, 1997). Ainda, conforme explicitou Valverde (1972, p. 50):

O Pantanal é o extremo interior dessa grande planície [planície plantina], isto é, a parte em que ela mais se aprofunda para o norte. Está submetida a um clima tropical semi-úmido, e sua cobertura vegetal forma um conjunto complicado, a que os geógrafos têm dado a denominação vaga do "Complexo do Pantanal", mas na qual há predominância indiscutível das savanas (VALVERDE, 1972, p. 50)

O volume das águas, entre entradas e saídas, acompanha o anual ciclo das cheias, período esse que vai de novembro até maio. A paisagem se altera totalmente nesta época. Normalmente, o assunto predominante versa sobre a diversidade dos animais, das plantas, tudo em meio a uma natureza exuberante. São 650 espécies de aves já identificadas, 262 de peixes, 120 de mamíferos, 50 de répteis, fora as centenas de espécies borboletas:

No auge da estiagem, além dos animais domésticos, a fauna pulula para aproveitar a relva fresca e a água ao redor das "baías". São mamíferos de grande porte, como a capivara e o veado; passarinhos e aves de médio porte, como o carão, a anhuma, o marreco selvagem, a curicaca, o gavião; pernaltas, como a garça, o flamingo e o colhereiro, e aves corredoras, como a ema e a seriema (VALVERDE, 1972, p. 98).

¹ CIMA – Comissão Interministerial para Preparação da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, (1991).

Após pesquisas realizadas em 1997, foi elaborado o Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai – PCBAP, pelo Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal – MMA. Foram classificadas então 11 sub-regiões pantaneiras. Abaixo, temos no quadro 1 os 11 pantanais com sua área em Km². Na página seguinte, no mapa 2, a divisão dos 11 pantanais (ver “Características das 11 sub-regiões do Pantanal” em Anexos – p. 201), e em seguida, no quadro 2, os municípios e sua participação no Pantanal brasileiro:

Quadro 1 - Área dos 11 Pantanais

Sub-regiões	Área (km²)
Cáceres	12.456
Poconé	16.066
Barão de Melgaço	18.167
Paraguai	8.147
Paiaguás	27.082
Nhecolândia	26.921
Abobral	2.833
Aquidauana	5.008
Miranda	4.383
Nabileque	13.281
Porto Murtinho	3.839
Total	138.183

Fonte: Silva e Abdon, 1998. Organização: José Fonseca, 2010.

Mapa 2 - Divisão dos 11 pantanais

Fonte: Silva e Abdon, 1998

**Quadro 2 - Os municípios e sua participação no Pantanal Brasileiro
(em Km²)**

Mato Grosso	Pantanal (A)	A/B (%)
Barão de Melgaço	10.782	7,80
Cáceres	14.103	10,21
Itiquira	1.731	1,25
Lambari D'Oeste	272	0,20
Nossa Senhora do Livramento	1.115	0,81
Poconé	13.972	10,11
Santo Antônio do Leverger	6.890	4,99
Sub-total	48.865	35,36
Mato Grosso do Sul	Pantanal (A)	A/B (%)
Aquidauana	12.929	9,36
Bodoquena	46	0,03
Corumbá	61.819	44,74
Coxim	2.132	1,54
Ladário	66	0,05
Miranda	2.106	1,52
Sonora	719	0,52
Porto Murtinho	4.717	3,41
Rio Verde de MT	4.784	3,46
Sub-total	89.318	64,64
Total (B)	138.183	100,00

Fonte: Silva e Abdon, 1998. Organização: José Fonseca , 2010.

O Pantanal, com seus imensos pastos nativos tem sido, tradicionalmente, utilizado como cria e recria de gado (foto 1), uma vez que “as terras ali ainda são muito baratas. O boi pantaneiro goza de excelente reputação como gado de corte” (PAULA CIDADE, 1943, p. 185):

Foto 01. Gado Nelore. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, 2009

A área pertencente ao território brasileiro – 138.183 Km² - localiza-se na região Centro-Oeste, nos Estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, divisão esta – entre Sul e Norte – datada de 11 de outubro de 1977. Deste total, 89.318 Km² pertencem ao Estado do Mato Grosso do Sul.

O município de Corumbá (foto 2) está situado na região do Pantanal de Mato Grosso do Sul, na fronteira com a Bolívia. Está a 118m de altitude e fica na margem esquerda do rio Paraguai e a 418 quilômetros da capital do Estado, Campo Grande.

Foto 02. Corumbá. Fonte: José Fonseca, 2014

Possui uma população de 108.010 habitantes, segundo estimativas das populações residentes em municípios 2014, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e um rebanho bovino de 1,75 milhões de cabeças (IBGE, 2012). A extração mineral de ferro, manganês, calcário e areia constituem também em importantes atividades econômicas, além da pecuária. Há décadas o turismo de pesca é praticado na região. Embora os rios como o Aquidauana e o Miranda tenham sempre apresentado considerável estoque das espécies de

peixes mais cobiçadas pelos pescadores esportivos, como o Dourado, o Pacu e o Surubim (pintado ou cachara), entre outros, foi na região de Corumbá – às margens do rio Paraguai que a pesca esportiva teve seu grande impulso a partir da década de 1970, com o surgimento dos Barcos Hotéis. Esta prática turística se intensificou, tornando-se o principal destino de pescadores de todo o Brasil e também do exterior (PAIXÃO, 2006, p. 127).

O município de Aquidauana (foto 3), está a 147m de altitude, tem uma população de 46.998 habitantes, segundo dados do IBGE-2014, sendo que aproximadamente 21% deste total vivem na zona rural e o restante na área urbana. Naquele município situam-se os distritos de Camisão, Piraputanga, Taunay e Cipolândia. Seu território estende-se de norte a sul desde o morrinho do Pimenteiral, na divisa com os municípios de Corumbá e Rio Verde, até o rio Aquidauana, divisa com o município de Anastácio ao sul, numa distância de perto de duzentos quilômetros; de leste a oeste a serra de Maracaju, divisa com os municípios de Dois Irmãos do Buriti, Terenos, Corguinho, Rio Verde e Rio Negro até a divisa com os municípios de Miranda e Corumbá, numa distância de cerca de 190 quilômetros: “seu território pode ser dividido em duas partes distintas: a região baixa, ou do Pantanal, que ocupa aproximadamente dois terços da área do município; e a região alta, ocupada pela serra de Maracaju e seus diversos ramos” (ROBBA, 1992, p. 9). Segundo Souza (1973), “se Corumbá e Murtinho são cidades pantaneiras pelas respectivas localizações, Miranda, Cáceres e Poconé situam-se nas orlas do Pantanal, enquanto Cuiabá, Aquidauana e Coxim estão na Baixada” (SOUZA, 1973, p. 36).

Foto 03. Aquidauana. Fonte: José Fonseca, 2011

Aquidauana apresenta grande variedade de fauna e flora típicas pantaneiras. Possui rebanho bovino estimado em 780 mil cabeças, de um total de 21,5 milhões que compõem o rebanho bovino do estado do Mato Grosso do Sul, que por sua vez figura em terceiro lugar na produção nacional, que é de 211,27 milhões de cabeças, segundo o Censo Agropecuário divulgado pelo IBGE - 2012.

Esta situação de possuir parte de suas terras em locais um pouco mais elevados – um Pantanal mais alto –, ligeiramente menos afetado pelas enchentes do que os localizados em áreas mais baixas contribuiu para uma concentração de expressivo rebanho bovino, pois as perdas causadas pela ocorrência de enchentes apresentam menor incidência (ROCHA FILHO, 2010). Este fato contribuiu também como um facilitador para que o turismo se desenvolvesse na região.

Buscando a concepção do turismo e sua origem histórica, Andrade (2013) destaca a origem do turismo em seu trabalho, buscando a Organização Mundial de Turismo – OMT e a World Tourism Organization – WTO (1991). O turismo é basicamente gerado pelo deslocamento voluntário e temporário de pessoas para fora dos limites da área ou região em que têm residência fixa, por qualquer motivo, exceto o de exercer alguma atividade remunerada. O turismo encontra registros históricos do século XV até o XVII, período em que existiam as excursões organizadas de Veneza à Terra Santa, consideradas como o maior fenômeno das peregrinações. Nesse período, as hospedarias para viagens eram mantidas por religiosos, os chamados mosteiros (ANDRADE, 2013). Após essa incursão surgiu, no final do século XVII, início do XVIII, o Grand Tour Clássico, sendo lançado o primeiro pacote turístico constituído pelos serviços de transporte, acomodação e a satisfação de um novo e desejado destino, com recreações educacionais, exercícios físicos, artesanato, formação musical e excursões (URRY, 1999). O turismo dependia da cooperação e organização dos poderes públicos e privados, juntamente com a comunidade local (ANDRADE, 2013). Segundo esses mesmos autores, a competitividade de uma região turística é o resultado de ações integradas do

governo, do setor privado e da comunidade, na produção e reprodução da infraestrutura básica e infraestrutura de apoio turístico, em termos de: hospedagem, alimentação, atrações turísticas, entretenimentos/atividade de lazer, excursões, serviços pessoais (jornais, lavanderia, cabeleireiro), lojas varejistas, bancos/seguros, e de suporte, como serviços do setor público compartilhados com a comunidade local, como: combustível, farmácia, pequenas (familiares) e grandes indústrias e atacadistas, saúde, segurança, meio ambiente, etc., ou seja, todos aqueles que permitem ao turista usufruir dos bens materiais e imateriais (MOTA, 2001; LICKORISH & JENKINS, 2000). Ainda no século XIX, o turismo se desenvolveu em diferentes modalidades: de negócios; pedagógico; científico; rural, religioso; histórico-cultural e o ecoturismo, que inclui o turismo de pesca, mais especificamente a pesca desportiva, como conhecido pelos adeptos dessa modalidade de esporte e lazer, o principal foco deste trabalho. Empreender uma viagem é passar de um estágio (rotina) a outro, como de um espaço conhecido – vivido – para outro – espaço desconhecido ou (re)conhecido. Essa dicotomia representa o lugar de origem e o lugar de destino, o deslocamento geográfico – no tempo e no espaço – que implica contatar culturas diferenciadas, motivando viajantes a ver ecossistemas em seu estado natural mais preservado, a vida selvagem, e a população nativa e suas manifestações culturais. O turismo nas mais variadas vertentes é de interesse universal. Vários países desejam alavancar e fomentar essa atividade em seus territórios. Muitos são os benefícios para as populações envolvidas, que vão desde o incentivo a investimentos financeiros para a conservação do meio ambiente, a geração de emprego e renda, o estímulo ao desenvolvimento de infraestrutura de uso coletivo, à integração

econômica e inserção social, considerando a produção e a reprodução da atividade no local em que se insere (MMA, 2012). “Qualquer mudança na demanda afetará toda a cadeia produtiva do turismo de uma localidade, por conseguinte uma mudança no nível de produção, renda familiar, emprego, receitas do governo e fluxo de moeda estrangeira” (Cooper, 2001, p. 283).

Apesar de ser economicamente viável, é necessário compreender a visibilidade do desenvolvimento, adotando técnicas de planejamento e ordenamento das atividades locais e regionais, baseando-se nos métodos sociais, políticos, ambientais e pluriculturais, dentro da interdisciplinaridade, instrumento de integração dos campos das várias ciências do conhecimento, considerando os principais aspectos das novas tendências e desafios.

Como ocorre em todo local com potencialidade voltada para o turismo, no entendimento de Lage e Milone (2001, p. 127-131) é natural que ocorram “[...] efeitos econômicos, sociais, culturais e ambientais múltiplos [...]”, promovendo mudanças comportamentais no aspecto social das localidades onde o turismo é introduzido. Cita-se como exemplo a busca de emprego nesse segmento pela população que apenas consegue atuar “[...] em trabalhos de pouca qualificação direta ou indiretamente relacionados com o turismo, que vêm oferecer-lhes uma substancial posição financeira, a qual lhes atribui certo status social”. São empregos de natureza temporária, de poucos meses, ou como diaristas, que se alteram de acordo com o fluxo de turistas, na alta e na baixa temporadas (sazonalidade). Reforça-se a importância da gestão do setor, principalmente pelos elementos socioeconômicos, culturais, políticos e ambientais inseridos em um ecossistema dotado de recursos naturais frágeis, como o Pantanal brasileiro de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, que implica na utilização

sustentável, visando a garantir a utilização pelas futuras gerações (Ministério do Turismo (1994).

Em Aquidauana o Ecoturismo teve seu fortalecimento após a exibição em rede nacional da novela Pantanal, pela Rede Manchete, no início dos anos de 1990. O Pantanal foi mostrado como um lugar possível de se conhecer. Os turistas começaram a ficar hospedados em fazendas tradicionais de criação extensiva de gado bovino e mantinham contato direto e diário com moradores locais; integravam-se mais a sua cultura. Eles acompanham o dia-a-dia do peão, ao aparte de um lote de gado que será vacinado, conversavam com eles no campo, ficavam sabendo, através deles, fatos longínquos, pois o pantaneiro é um grande contador de 'causos' (ROCHA FILHO, 2010). Essa dinâmica acontece até os dias atuais.

Aprofundar os estudos sobre as diferentes modalidades dos usos turísticos do Pantanal, especificamente no que se refere aos municípios de Aquidauana e Corumbá, ambos localizados no Pantanal sul, é a proposta desta pesquisa. Este será o foco principal do trabalho. Pretende-se entender a *especialização* regional que os dois municípios desenvolveram e mostrar as especificidades turísticas praticadas nos municípios de Aquidauana e Corumbá, pois, cada uma das cidades estudadas tem uma especialização dentro do contexto turístico da região, que não parece ser homogêneo. Como a região tem um papel dentro de um conjunto e no intuito de entender algo maior, também serão efetuadas algumas considerações referentes ao município de Bonito, igualmente localizado na região do Pantanal Sul e Cáceres, no Pantanal do Mato Grosso (MT).

Segundo a Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comércio de Bonito, o município já opera um turismo ligado ao ambientalismo global. É um turismo internacionalizado que mira o discurso que interessa a todos em qualquer parte do mundo. O que difere o segmento de turismo de Bonito para o segmento da área da pesquisa está em que o de Bonito tem planos diretores, planejamento e gestão dos passeios e eventos, enquanto que o de Aquidauana, de Corumbá e Cáceres apresentam um turismo que ainda não conseguiu atingir o *status* de atividade programada por profissionais especializados, apesar de, em Campo Grande, a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) oferecer curso de graduação em Turismo. Chega-se a conclusão que é relevante a UFMS – Campus do Pantanal – localizada em Corumbá, ofertar também um curso de graduação em Turismo.

Considerando-se o Pantanal como sendo uma grande região, cada uma das duas áreas estudadas – Aquidauana e Corumbá – apresentam especializações turísticas diferentes. Estudar esta dinâmica regional e seus efeitos torna-se importante no contexto socioeconômico local e regional.

Nas atividades turísticas de Aquidauana, Corumbá (Bonito e Cáceres em menor escala), procurou-se apreender a cultura local, as tradições, o modo como as pessoas que visitam a área se comportam, a forma como é o lugar, a alimentação, a vestimenta, o transporte, como tudo funciona, etc. Podemos observar no quadro 3 algumas características gerais dos municípios estudados:

Quadro 3 – Características gerais e populacionais da área da pesquisa

Municípios	Gentílico	Pop. 2014	Área (Km²)	Dens. (hab/Km²)	Pecuária (2013)
Aquidauana	Aquidauanense	46.998	16.957	2,69	782.155
Bonito	Bonitense	20.825	4.934	3,97	373.022
Cáceres	Cacerense	90.106	24.351	3,61	980.953
Corumbá	Corumbaense	108.010	64.962	1,60	1.802.976

Fonte IBGE. Organização: José Fonseca, 2014

Em Bonito existe uma *economia do turismo* totalmente especializada, de alto nível, que se sobrepõe à economia do lugar. A economia de Bonito está baseada no turismo. Nas outras localidades – Aquidauana, Corumbá e Cáceres – mas principalmente em Aquidauana, existe uma articulação da economia local com o tradicional e com o turismo. Este entra complementando, ou seja, a atividade principal em Aquidauana continua sendo a da criação extensiva de gado bovino e é essa tradição que fortalece e fomenta a atividade do ecoturismo.

Em Cáceres, grandes barcos hotéis estão presentes bem como algumas pousadas de pesca. Faz fronteira com a Bolívia e é internacionalmente conhecida por realizar o maior campeonato de pesca do mundo em águas fluviais, o Festival Internacional de Pesca (FIP). Este evento já foi inclusive registrado no Guinness Book, o livro dos recordes e atinge todos os anos a marca de aproximadamente 1500 a 1600 participantes. O segmento do turismo de Cáceres é semelhante ao de Corumbá. Ambos trabalham com barcos hotéis, pousadas de pesca; os dois municípios fazem divisa com a Bolívia; contam com pouco planejamento e organização e, segundo informações

obtidas dos atores sociais do segmento do turismo (coletores de iscas, piloteiros, pescadores, comércio ambulante de artesanato, agências de turismo, etc.), possuem também um viés de turismo sexual – intenso nas décadas de 1980/1990 – e em uma escala muito menor nos dias atuais (PAIXÃO, 2005, p. 130).

Cabe, portanto, observar e estudar estas diferenças e peculiaridades entre os tipos de turismo praticados em Aquidauana e Corumbá (e também de Bonito e Cáceres) para definir como operam, pressionam, desenvolvem-se, integram-se – ou não – na paisagem pantaneira, região de um povo que ainda mantém e preserva a cultura tradicional. Esta situação merece maior aprofundamento, o que, certamente, a pesquisa objetivou realizar durante o seu desenvolvimento. A execução do projeto fez uso de uma metodologia de trabalho composta por diversas ações. Além da leitura bibliográfica, que embasou teórico-metodologicamente a pesquisa, foram buscadas informações primárias e secundárias. Para obtenção de dados primários destacou-se vasta pesquisa de campo que se traduziu, principalmente, em viagens à fazendas tradicionais de criação extensiva de gado bovino – que passaram a receber turistas – localizadas em Aquidauana/MS – e a pousadas de pesca e Barcos-Hotéis na região de Corumbá/MS. Com o intuito de enriquecer a pesquisa, foram efetuadas também viagens e entrevistas em Bonito/MS e Cáceres/MT para conhecer melhor a realidade dos lugares apesar destes não terem sido o foco principal desta pesquisa.

Com a finalidade de obter dados secundários contatou-se instituições como Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE/MS; Conselho Nacional do Meio Ambiente – CONAMA; Ministério do

Meio Ambiente – MMA; Associação de Proprietários de RPPN - Reserva Particular do Patrimônio Natural do Mato Grosso do Sul – REPAMS; Secretaria de Estado de Meio Ambiente, do Planejamento, da Ciência e de Tecnologia – SEMAC; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE; Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA Pantanal, ECOA/Rios Vivos, entre outras. Além disso, foram acessados sites, visitados museus, casas de artesanato, associações, lojas de artigos de pesca, comércio de iscas vivas (da captura a venda), etc., nos municípios estudados, além de consulta a inúmeros sites de organizações governamentais, empresas, ONGs, etc.

A pesquisa realizada será apresentada em três capítulos. O primeiro, denominado “Formação Sócioespacial de Mato Grosso do Sul: Pantanal brasileiro e os municípios de Aquidauana e Corumbá.” trata do processo histórico e ocupação do Mato Grosso do Sul, das etnias indígenas no espaço da pesquisa em Aquidauana e Corumbá, da etnia Terena em Aquidauana e da Guató no município de Corumbá, além da estrutura pecuária do Estado de Mato Grosso do Sul. Também são apresentados aspectos de Mato Grosso do Sul, quanto à produção agrícola e as características gerais do município e Aquidauana e Corumbá.

No segundo capítulo, “Aspectos sócioespaciais do turismo na região pantaneira de Aquidauana”, são apresentados temas como os costumes aprendidos com a tradicional criação extensiva de gado – os saberes e fazeres –, a relação do pantaneiro com o Pantanal, o fortalecimento do ecoturismo na região e o Evento que desencadeou o desenvolvimento do ecoturismo em Aquidauana. Além disso, apresentamos também a tradição das comitivas no Pantanal de Aquidauana - com suas especificidades - e terminamos o capítulo

discorrendo sobre as atividades da mulher pantaneira e como a mesma participa na divisão regional do trabalho com o advento do turismo.

O terceiro e último capítulo, intitulado “O turismo na região pantaneira de Corumbá; análises e diagnósticos” traz a pesca em Corumbá e o surgimento dos Barcos Hotéis; o Turismo em Corumbá. Folclore; perspectivas e estrangulamentos de desenvolvimento; diagnóstico participativo no segmento do turismo de Corumbá; análise dos resultados e prognóstico com a discussão de dados primários e secundários da região. Também apresenta o contexto socioeconômico, análise do segmento do turismo de Corumbá, subsistema de Produção, de transformação e de comercialização do turismo de Corumbá.

1.

Capítulo I

Formação Sócioespacial de Mato Grosso do Sul: Pantanal brasileiro e os municípios de Aquidauana e Corumbá

1.1 Formação Sócioespacial de Mato Grosso do Sul: das “estradas líquidas” à pecuária pantaneira

Conforme explanou Valverde (1972), a região pantaneira passou por pelo menos quatro fases de ocupação. A primeira corresponde a chegada dos jesuítas e exploradores espanhóis, os primeiros imigrantes a chegarem na área que hoje é o Mato Grosso do Sul (MS). Eles se estabeleceram, principalmente, nas margens dos rios Aquidauana, Miranda e Guaporé, além de outros locais. E estavam interessados nas regiões mineiras de Potosí (Bolívia), México e Peru (RONDON, 1972; VALVERDE, 1972). Na segunda fase de ocupação coube aos paulistas o papel de *prear* indígenas:

Descer para o Pantanal e lá fazer correrias para prear indígenas foi o passo imediato, que não lhes custou realizar. O fato é que já em princípios de 1719, Antônio Pires de Campos regressava feliz de Barra do Coxipó, parte da atual Cuiabá, trazendo uma multidão de coxiponés acorrentados, que se deixaram ingenuamente aprisionar. Encontrou então a bandeira de Pascoal Moreira Cabral, que para lá se dirigia com o mesmo objetivo. Ofereceram-lhe os silvícolas tenaz resistência e quando o destino da bandeira parecia comprometido, um dos participantes descobriu ouro à margem do Coxipó (VALVERDE, 1972, p. 101).

Exploradores espanhóis e bandeirantes, quando passaram pelo Pantanal, não tiveram influência ou pretensão no sentido de que houvesse a fundação de um povoado. Não era essa a finalidade das viagens: “Os primeiros bandeirantes, que temporariamente acamparam em Cuiabá, não pretendiam por ventura chumbar-se à região que os surpreendeu com o chamariz das suas luzentes pepitas.” (CORRÊA FILHO, 1946: p. 48).

A passagem pelo Pantanal era feita por causa dos seus rios navegáveis. Assim, a circulação entre São Paulo e Cuiabá era por via fluvial ou “estradas

líquidas”. Corumbá, por exemplo, fora fundada em 1778 como Albuquerque e o objetivo daquela ocupação era o de manter a distancia dos índios paiaguás. Os espanhóis, em busca das minas de prata situadas em Potosí/Bolívia (VALVERDE, 1972, p. 101); os paulistas, procurando o ouro de Cuiabá e aprisionando os índios: “Enquanto os bandeirantes lhes invadiam os domínios com intuits belicosos, mas temporários, para os reduzir ao cativeiro, não se animariam a enfrentá-los.” (CORRÊA FILHO, 1946: p. 50). Afirma o autor:

Ao penetrar nos pantanais, o bandeirante sentiria, de começo, o contraste com seu berço planaltino, de paisagens inteiramente diversas, a que se habituara, desde a infância. Não os desejaria para residência definitiva. Varava-os apenas em busca do índio neolítico, sem suspeitar que, de golpe, iria maravilhá-lo a inesperada descoberta das aluviões fartas de Cuiabá. (CORRÊA FILHO, 1946, p. 101).

A terceira fase da ocupação se dá com as atividades agropastoril. Assim, a origem da pecuária no Pantanal Sul está vinculada aos cuiabanos e poconianos, descendentes de portugueses. Um grupo desceu para a região de Corumbá, no pantanal da Nhecolândia, onde fundaram a fazenda Firme. Outro grupo veio para a região do Taboco, do Rio Negro. E tiveram variada contribuição no que diz respeito aos primeiros trabalhadores. Com a notícia da existência destas terras começaram a vir também gaúchos, paulistas, paranaenses e mineiros:

Decidiu então o Cel. Costa Neto, superintendente do Domínio da União, subdividir a parte ribeirinha da fazenda em lotes de uma a duas léguas de testada por 5 de fundo, daí resultando propriedades de cerca de 36.000 hectares cada uma. Evidentemente, várias famílias do litoral aproveitaram a ocasião para investir seus capitais na pecuária pantaneira (VALVERDE, 1972, p. 110).

Além disso, havia interesse do governo brasileiro em povoar a região por uma questão geopolítica, principalmente após a guerra do Paraguai (de 1864 a 1870):

Remontando-se a história ao princípio do século XIX, é fato sabido que, com a independência, a Argentina procurou recompor o vice reinado do Prata, sob o controle de Buenos Aires. Os projetos ambiciosos de Azara orientaram, aparentemente, sua política externa. Mas o ditador Francia não aceitou a adesão oferecida pelos portenhos e constituiu a república do Paraguai. O Brasil independente foi dos primeiros a reconhecer a autonomia da nova república, pois a existência desta conciliava-se com os interesses do Brasil. Como era perigosa a existência de um poderoso vizinho confrontante, a criação de um estado-tampão entre o Brasil e a Argentina era-nos vantajosa. Ademais, a existência de outro país, na bacia do Paraná-Paraguai constituía excelente pretexto para justificar a internacionalização da navegação desses rios, condição fundamental para as comunicações regulares da corte com Mato Grosso naquela época. Eis que, na segunda metade do século passado, é o ditador Lopez, do Paraguai, que tenta controlar toda a bacia, até o oceano (VALVERDE, 1972, p. 110)

As famílias foram chegando de outras regiões, fundando fazendas. Misturada à cultura paulista, paraguaia e gaúcha, temos hoje muita influência destas culturas na comida, nas vestimentas, na música e no vocabulário pantaneiros (ROCHA FILHO, 2010).

O tipo de peão de origem indígena também foi uma presença importante e contribuiu consideravelmente para a cultura pantaneira. Ele se originou dos índios guató, guaná, xamacocos, terenas e dos guaicurús (vide foto 04):

Foto 04. Acima e abaixo à esquerda, descendentes de índios Terena. É comum trabalharem como diaristas nas fazendas. Abaixo, à direita, vaqueiro paraguaio. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, 2011.

Também do negro escravo que veio para trabalhar nas minas de ouro e, posteriormente, nas plantações de cana. Já na parte sul recebeu a influência do paraguaio, do qual absorveu os costumes e a fisionomia. (PROENÇA,

1997). Corrêa Filho (1955) complementa dizendo que na parte sul-pantaneira “costumes diferentes resultaram da colaboração de outras componentes étnicas na formação dos vaqueiros. Cadiveus, descendentes dos guaicurus, Terenos, e silvícolas de várias tribos supriram a falta de camaradas dos centros civilizados” (CORRÊA FILHO, 1955: p. 25). Ainda sobre as tribos existentes quando do início da ocupação efetuada, temos os Guaraní e os Payaguá.

O regime pastoril encontrou na região um habitat prodigioso. Além disso, foi a necessidade de expansão e do transporte dos rebanhos imensos que obrigou a abertura dos primeiros caminhos, através dessas longas distâncias (SODRÉ, 1941). Em outra referência à construção do espaço através da pecuária extensiva no Centro-Oeste brasileiro, temos que o início desta em Mato Grosso data de 1737, quando Pinho de Azevedo, trouxe os primeiros rebanhos de gado, que rapidamente se aclimataram (MARQUES, 1923).

O Pantanal, com seus imensos pastos nativos – um verdadeiro patrimônio local – sempre foi, tradicionalmente, utilizado como cria e recria; vocação e controle naturais. “Não obstante conviverem touros, vacas e novilhos de mistura, nos campos, o instinto só os acasalava em época própria e lhes regulava a parição, limitada normalmente aos meses de seca.” (CORRÊA FILHO, 1955: p. 31).

A formação de enormes fazendas pantaneiras de criação extensiva de gado no Mato Grosso do Sul foi uma expansão das fazendas cuiabanas e poconianas do lado do norte que eram escravistas, mas, diferentemente destas, quando avançam para o sul, não o são mais. As primeiras fazendas pantaneiras de criação extensiva de gado no Mato Grosso do Sul foram baseadas na peonagem com mão-de-obra indígena e paraguaia. Na fala de Corrêa Filho, “na parte sulina do Pantanal (...) silvícolas de várias tribos supriram a falta de

camaradas dos centros civilizados.” (CORREA FILHO, 1955: p. 25). Embora nos séculos XVII e XVIII desbravadores paulistas já percorressem a região na intenção de capturar índios e encontrar o ouro (BANDUCCI JR, 2007), “será apenas nos anos de 1800 que a pecuária irá se estender de forma sistemática e contínua pelos campos (BANDUCCI JR, 2007: p. 27).

No Mato Grosso do Sul, a implantação, expansão e desenvolvimento da pecuária ocorreram dentro de um contexto de redirecionamento dos capitais e também foi subordinada às relações econômicas do Brasil na primeira metade do século XIX (LEITE, 2003). “As fazendas de gado foram instaladas, em princípio, às margens das ‘estradas líquidas’ que integram a bacia do rio Paraguai”. (LEITE, 2003: p. 98).

As fazendas do sul vêm do modelo de auto-subsistência e ocupam grandes áreas porque na época da cheia ficam com boa parte de suas terras inundadas. Além disso, devido às grandes distâncias dos centros urbanos, ao isolamento e à dificuldade de locomoção, estas fazendas eram chamadas de autarcias, ou seja, uma economia que tem que se autogarantir. Tinham de ser economicamente autossuficientes e produzir tudo o que necessitavam. A cultura pantaneira foi consideravelmente influenciada e moldada por estas características típicas e singulares que acompanham as gerações até hoje. A quarta fase de ocupação se dá com a reestruturação fundiária e com o avanço da estrada de ferro em decorrência da aquisição de terras pelos argentinos:

Preocupado com essa penetração discreta [dos argentinos], mas que organizou verdadeiros Estados dentro de nosso país, nas mãos de súditos do país vizinho, apressou-se o governo em construir a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil para alcançar o rio Paraguai no ponto mais adequado. O traçado da ferrovia foi profundamente alterado: destinando-se primitivamente a Cuiabá - donde seguiria

talvez mais tarde, rumo ao Acre, justificando assim o nome da estrada - foi ela parar em Porto Esperança, no ano de 1914 (VALVERDE, 1972, p. 112),

O pantaneiro e sua relação com o Pantanal

“Embora usando métodos diferentes, pode-se dizer que o pantaneiro é, ao mesmo tempo, um botânico, um zoólogo, um astrônomo, um geógrafo acostumado à leitura semiótica da natureza, com a qual aprendeu a conviver, no dia-a-dia. Ao colocar em prática suas experiências testadas secularmente pela relativa margem de acertos, em situações similares, acabou estabelecendo algumas leis empíricas que são arroladas por eles mesmos como experiência de vida.” (NOGUEIRA, 2002: p. 31)

Quando se fala sobre o Pantanal, invariavelmente, o assunto predominante gira em torno da diversidade dos animais, da natureza exuberante que existe por lá, com suas 650 espécies de aves já catalogadas, 262 de peixes, 120 de mamíferos, 50 de répteis, 1.100 de borboletas. Com respeito à flora já foram identificadas 1.700 espécies de plantas (EMBRAPA - 1997). Em meio a toda essa diversidade natural que levou o Pantanal a ser considerado um dos mais importantes santuários ecológicos da Terra – foi declarado Reserva da Biosfera Mundial e Patrimônio Natural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em 2000 – existe figura do pantaneiro – sua existência e presença – que foi imprescindível e teve grande importância tanto no desbravamento como na preservação e manutenção deste cenário e que, através dos tempos, manteve sempre uma delicada união entre Sociedade e Natureza.

Nas palavras de Sodré,

“(...) não houve, e não há, no Oeste, a luta entre o homem e a terra. (...) a adaptação do homem ao ambiente, no Oeste, se fez quase que automaticamente. Ele se amoldou, vinculou-se, conciliou-se com o meio. (...) Estabeleceu um ‘modus vivendi’ em que não houve choques, conflitos, contradições. A sua posição, em relação à natureza, não foi de domínio nem de servidão. Viveu lado a lado. (...) não busca alterar as suas condições. Não sofre com as suas mutações. (...) o único fenômeno marcante é a inundação.” (SODRÉ, 1941: pp. 118, 121 e 122).

“A noção que o pantaneiro tem de seu meio é fruto de um convívio intenso que mantém com os animais e plantas, sobre os quais possui conhecimento respeitável.” (BANDUCCI JR, 2007: p. 160). Além disso, ele não procura ou tenta modificar o que a natureza lhe oferece, mas sim, busca sempre uma adaptação. Esta atitude também foi fator importante e teve grande contribuição na formação, no fortalecimento e na manutenção das suas tradições que, com o passar do tempo, moldaram a sua cultura (BANDUCCI, 2007). Ainda: “(...) o clima regula grandemente, no Pantanal, as atividades humanas (...) a adaptação dos processos de trabalho, de meios de subsistência, de hábitos de vida (...) (CORREA FILHO, 1955: p. 5).

No Estado de Mato Grosso do Sul, a agricultura moderna iniciou com quatro irmãos vindos de Itu/SP, Segundo Acyr Vaz Guimarães (1999), em seu livro “*Mato Grosso do Sul - Sua Evolução Histórica*”, esses paulistas atiraram-se em uma canoada rio Tietê abaixo. Bem armados, com escravos e dinheiro, passando o Rio Grande (Paraná hoje), navegando seu afluente, o rio Pardo, talvez por erro de cálculo, em vez de tomarem o rio Anhanduí, caminho conhecido, subiram o próprio Pardo e foram ter às suas nascentes, bem ao norte, no cimo da mesma serra de Maracaju, que antes Antônio Pires de Campos e Pascoal Moreira Cabral haviam varado ao sul. Sem saber quando

chegariam ao rio do ouro, viajando por terras desconhecidas, já com pouco mantimento, fizeram paradas em terras do espigão divisoras de águas, plantaram roça e colheram de tudo, à vontade. Fartos, tão logo preparadas as farinhas (de milho e mandioca), ficam dois, Antão e Domingos, nas roças, rumando os outros dois, João e Lourenço, para as minas recém-descobertas do Cuiabá. Sabiam que nas minas ninguém os pegariam para pagar pelos crimes que haviam cometido em Itu/SP. Os quatro irmãos, com o estabelecimento das roças, descobrem o varadouro de Camapuã, nome que deram ao lugar porque ali se levantavam dois morros à maneira de dois belos seios de mulher, que são ditos na língua indígena: “*cama*” (seios), “*poã*” (bonitos). Estavam, assim, abrindo caminho para os aventureiros que, logo a seguir, penetrariam os sertões desconhecidos para as encantadas minas de Cuiabá, abandonando o caminho de Antonio Pires de Campos, chamado de Caminho da Vacaria.

Fundava-se a primeira fazenda de Mato Grosso do Sul, a fazenda Camapuã. Fixavam-se, também, os primeiros homens brancos em terras do Estado, João e Lourenço, régulos, Antão e Domingos, homens de bem. Os fatos a seguir ocorreram no ano de 1719, segundo interpretação de Suzuki (2001):

“A frente de ocupação das terras mato-grossenses, pelos luso-brasileiro, remonta ao século XVIII, tendo em vista que as incursões anteriores não passaram de meras tentativas de penetração e fixação que não obtiveram sucesso. Essas terras, ocupadas inicialmente por varias tribos indígenas (como a dos Guaicuru, dos Paiaguá e dos Caiapó, foram incorporadas à capitania de São Paulo sobretudo pela ação dos bandeirantes em busca de mатаis preciosos. Essa frente de ocupação resultou na formação do primeiro núcleo de povoamento, o Arraial de Forquilha, às margens do rio Coxipó, em 1719, para o qual foram convocados “[...] profissionais de todas as

categorias para atender as necessidades do núcleo recém-formado [...]”. As descobertas auríferas continuaram, permitindo a formação de vários outros aglomerados, sobretudo a partir do final do segundo decênio do século XVIII, nos quais se realizavam as primeiras atividades econômicas da região, ampliadas pelas sucessivas levadas migratórias, tanto de homens livres, quanto de escravos (negros ou indígenas).

De qualquer maneira, o afluxo populacional possibilitou aos aglomerados se ampliarem e se tornarem imprescindíveis para a continuidade das atividades auríferas, constituindo-se em condições para a realização da extração de ouro. Era nesses núcleos que se encontravam as primeiras casas comerciais e a possibilidade de compra dos viveres e da venda dos resultados da atividade extrativa.

A atividade comercial, realizada nessas terras, ainda durante o século XVIII, era extremamente onerosa ao mineiro, mas principais ao trabalhador, pois era pago pouco pelo resultado da atividade extrativa e cobrado muito pelos viveres que eram adquiridos ora dos mascates, ora das casas comerciais, ora dos ambulantes, ora dos comissários volantes. Essa exploração do garimpeiro se relacionava à onerosa mediação que o comércio litorâneo - ou próximo dele - fazia entre as áreas de extração aurífera e a burguesia mercantil metropolitana portuguesa. A transferência de riqueza da Colônia para a Metrópole resultava em condições precárias de existência.

Mesmos nessas condições, os aglomerados se constituem relacionados à atividade garimpeira, a extração de uma riqueza extraída na natureza; porém não teriam subsídios sem a existência de outras atividades que assegurassem a continuidade da extração aurífera, tais como a criação de gado vacum e a policultura.

Os aglomerados, também, representam o locus do poder metropolitano: o centro de decisão, controle e fiscalização da produção aurífera. A coroa, ao verificar as potencializadas minerais da região, enfraqueceu o poder das lideranças locais para exercer um poder maior sobre as jazidas.

O sentido da atuação da Coroa portuguesa, enquanto agente orientador e organizador do povoamento, pode ser compreendido da leitura da primeira carta de instruções recebida por D. Antonio Rolim de Moura, primeiro Governador capitão-general da capitania de Mato Grosso, de 19 de janeiro de 1749.

Desta data em diante, abriu-se o caminho rumo às novas fronteiras do Centro-Oeste, e muitos aventureiros passaram a buscar terras para o plantio do milho, feijão, cana-de-açúcar, banana e outras culturas. Suzuki (2001) também destaca:

“A ocupação do Mato Grosso estava relacionada a meios de transporte extremamente precários. Com a ampliação da atividade pecuária na primeira metade do século XX e da agricultura, sobretudo, a partir da década de 1970, com os incentivos fiscais, a melhoria das técnicas de cultivo, o desenvolvimento de sementes adequadas para o cerrado, permitindo a expansão da área agricultável para os campos, o que constituiu um grande interesse pelas terras do centro-norte mato-grossense, originando uma aceleração dos fluxos migratórios e a constituição de um grande número de aglomerados em que a comercialização das terras, tanto

rurais, quanto urbanas, teve papel decisivo, tanto como fonte de ganhos com a venda de terra, quanto para o desenvolvimento de atividades produtivas principalmente. Assim, pode-se afirmar que a ocupação mato-grossense, nos séculos XVIII e XIX, esteve fundada no desenvolvimento da atuação geopolítica e administrativa da Coroa Portuguesa e, posteriormente, do Estado brasileiro e no desenvolvimento de atividades extrativas e produtivas; enquanto que a ocupação foi determinada, no século XX, sobretudo, pela busca de terra de trabalho e terra de negócio”.

1.2 A ocupação de Mato Grosso do Sul

No Brasil, o estabelecimento das novas relações de produção combinou-se com a imigração de trabalhadores europeus, como recurso não só para constituir a força de trabalho necessário à cultura do café, mas, também, como recurso para pôr no lugar do trabalhador cativo um trabalhador livre, cuja herança não fosse a escravidão. Mais de um milhão e seiscentos mil imigrantes vieram para o país no espaço de pouco mais de 30 anos, entre 1881 e 1913, a maioria dos quais para trabalhar como colonos nas fazendas de café. Devido justamente à modalidade das relações de produção aí vigentes no chamado colonato, a imigração constitui um requisito de importação constante e maciça de pessoas trabalhadoras em grupos familiares. O colonato, diversamente das relações de produção caracteristicamente capitalistas, criou uma subprodução relativa no campo, que tornou a imigração subvencionada pelo Estado um dos seus ingredientes básicos (MARTINS, 1998).

Mato Grosso, inteiramente isolado do resto do país e onde durante muito tempo só se tinha acesso regular através dos rios da Bacia do Prata, teve duplo povoamento. Pelo norte, por povoadores que subiam os afluentes da

margem direita do Amazonas, organizando seringais e castanhais, na mesma forma e nas mesmas bases utilizadas na Amazônia e, pelo sul, por pecuaristas que ocuparam os campos do Pantanal e as florestas da bacia do Paraná. Ambas as formas foram latifundiárias, de vez que nos pantanais se formaram fazendas com milhares de hectares onde se fazia uma pecuária ultra-extensiva em campo aberto, ao passo que nas margens do Paraná, grandes empresas, como o Cia Mate Laranjeira, exploravam a erva-mate para as Repúblicas do Prata, onde se colocavam as mercadorias produzidas. Ela só seria integrada à economia brasileira com a construção da estrada de ferro que ligava Bauru a Corumbá, atravessando o Pantanal.

A República encontrou as áreas do Pantanal e os cerrados localizados nos planaltos ocupados por grandes fazendas que faziam sobretudo a cria e recria do gado e enviavam as grandes boiadas para os frigoríficos paulistas da porção ocidental do estado.

Com a ampliação da rede de transporte ferroviário e rodoviário, estas fazendas não só tiveram maior facilidade para exportar seus produtos, como ampliaram a sua atividade de engorda de gado (VALVERDE, 1972).

O avanço de migrantes para Mato Grosso teve aumento quando da construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, ligando as duas bacias fluviais, Paraná e Paraguai (Instituto Municipal de Planejamento Urbano e de Meio Ambiente – PLANURB-MS, 1998).

Segundo o IBGE no Censo de 1980, o Estado de Mato Grosso do Sul, em 1970, possuía 1.010.000 habitantes e em 1980 passou para 1.341.074 habitantes, demonstrando crescimento anual de 3,01%. Enquanto que o Estado de Mato Grosso, em 1970, possuía 612.000 habitantes, em 1980,

1.145.000, demonstrando um crescimento anual de 6,62%, um crescimento dobrado em relação ao Estado de Mato Grosso do Sul. E, ainda, o Estado do Paraná demonstrou, na mesma época, 0,94% de crescimento populacional anual, o que indicava um fluxo migratório em direção ao Centro-Oeste rumo aos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Atualmente a população do Estado do Mato Grosso do Sul é de 2.449.024 e a estimativa para 2014 é de 2.619.657 (IBGE 2010), e a população de Mato Grosso é de 3.035.122 e a estimativa para 2014 é de 3.224.357 (IBGE 2010). O Mato Grosso do Sul é menor em extensão, mas é economicamente mais forte. Como o Mato Grosso é um Estado que continua recebendo anualmente milhares de migrantes, sobretudo no extremo-norte, torna-se difícil avaliar a população real do Estado.

Os Estados maiores fornecedores foram na ordem: São Paulo, com 196.961 pessoas; o próprio Mato Grosso (pessoas nascidas no Estado), com 91.345; Goiás, com 38.000; Bahia, com 26.500. Os demais Estados contribuíram com números menos expressivos. Os 91.345 migrantes do Mato Grosso são também oriundos de outros Estados e antes de 1970 já haviam efetuado, pelo menos, uma mudança dentro do próprio Estado de Mato Grosso. A partir de 1970 o Paraná deixa de ser o pólo de atração das migrações e o Mato Grosso vem ocupar este espaço ao lado do Paraguai e de Rondônia. O Sul do Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul) intensificou a ocupação a partir de 1950, sendo Dourados o centro dinamizador de todo Extremo Sul do Estado, correspondendo praticamente ao papel assumido no Sudoeste do Paraná por Cascavel. Milhares de gaúchos se localizaram na região, mecanizando cada vez mais a lavoura dirigindo-se, principalmente, para o Norte do Mato Grosso, nas regiões de Aripuanã, Alta Floresta, Colider, Sinop,

Porto dos Gaúchos, etc. A abertura da rodovia BR-163 proporcionou a colonização imediata de toda a região abrangida pelo seu traçado. Em uma extensão de quase 800 km, em território mato-grossense, praticamente todas as matas ao longo da rodovia já foram derrubadas, situando-se na região centenas de fazendas de todos os tamanhos, mega-projetos e grandes agropecuárias. Tal ocupação data de 1974.

1.3 Mato Grosso do Sul: Etnias Indígenas no espaço da pesquisa em Aquidauana e Corumbá.

1.3.1 O espaço territorial da etnia Terena em Aquidauana

Os Terena, remanescentes da grande família Aruak, pertencem ao subgrupo Guaná ou Txané. De índole pacífica, além de exímios agricultores, esse grupo chegou a ser submetido pelos invasores portugueses e espanhóis e por outras tribos, como foi o caso dos Kadiwéu e, talvez para manter a própria sobrevivência, aceitavam com relativa facilidade as regras do dominador.

O relatório Estigarribia (1928), chamou atenção para o aspecto da participação dos Terena, que desempenharam suas funções como operários semi-especializados em obras de engenharia civil: “Em caminho visitamos os serviços da estrada de automóveis de Campo Grande-Ponta Porã, a cargo da Comissão Rondon, cujos operários são índios Terena”.

A participação dos Terena na construção da linha telegráfica é colocada por Mangolim (1993), constando ainda a participação em outra obra muito importante para o desenvolvimento da região Centro-Oeste do Brasil: a estrada de ferro Noroeste do Brasil. Nessa época criaram-se diversas cidades na

região, utilizando-se para os serviços mais pesados da construção a mão-de-obra dos Terena.

Neste particular, temos que enfatizar a constante adaptação dos Terena advinda do contato interétnico através de diferentes religiões dos missionários, cuja prática religiosa contrariava as tradições indígenas. Da mesma forma, os protestantes levaram às comunidades da região seu idealismo e princípios, que não eram compatíveis com o do povo Terena.

Foi exatamente por estes aspectos que os Terena vieram ao longo dos séculos se adaptando, moldando-se, estruturando-se em seu modo de vida e, com isso, conseguindo sobreviver de forma precária até os dias de hoje. Eles lutaram na guerra do Paraguai para garantir o direito de permanência no território que ocupavam, contudo esse direito não foi reconhecido pelo governo brasileiro. Os Terena não aceitavam as condições impostas pelos não-índios e nem o fato de terem perdido as suas terras, e começaram a reivindicar ao governo brasileiro o direito de permanecer nos antigos territórios que ocupavam antes da guerra. Nessa época era patente a violação dos princípios jurídicos do indigenato pelos não-índios. Não fora respeitado o direito natural que o índio possuía por sua ocupação precedente à dos fazendeiros das terras localizadas na região.

A presença e ocupação indígena na região de Limão Verde, em Aquidauana, eram um fato tão inquestionável que, mesmo nas primeiras décadas do século, já não havia como oficialmente negá-lo, mas parecia não haver motivação em reconhecê-lo formalmente, uma vez que sem dúvida, prejudicaria interesses fundiários locais já constituídos.

Silva e Alvarenga (2003) observam que, diante dos conflitos existentes, o governo brasileiro começou a ser pressionado, tanto pelos índios como pelos fazendeiros, a proceder a demarcação das terras indígenas, razão pela qual reiniciou o processo de aldeamento, iniciado antes da Guerra contra o Paraguai e interrompido por ocasião desta. Continuando, os autores destacam o texto escrito por Vargas, (2003, p. 87):

“A necessidade da política de demarcação das terras indígenas possuía interesses próprios, principalmente visando o benefício dos próprios fazendeiros. Mas, ressaltava também que se os índios Terena não tivessem posto a sua própria política em prática, não teria necessidade do governo estabelecer o seu lugar, uma vez que um dos objetivos do governo era de se apossar definitivamente das terras indígenas. Então, mesmo sendo limitados, insuficientes, e cercados pelas fazendas, os seus territórios foram conquistados, mantidos e garantidos pelos próprios Terena, os grandes responsáveis pela própria história.”

Nesse ínterim, o Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, em 1900, estabeleceu-se na região para construção das linhas telegráficas, que contaram muito com ajuda dos índios da etnia Terena. Cinco anos mais tarde, foi fundada a Companhia Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que tinha como objetivo construir uma estrada de ferro ligando a cidade de Bauru (São Paulo) à cidade de Corumbá (Mato Grosso), mais uma vez com a colaboração dos terena na construção.

Na Tese de Doutorado *“Índios da Etnia Terena. Agricultura Familiar no Pantanal de Aquidauana / MS: Limitações e Perspectivas de Desenvolvimento Sustentável*, 2004, Silva destaca uma entrevista com o índio Terena Issac (Fontes orais, p. 142), da Aldeia de Limão Verde em Aquidauana:

“[...] aqueles tempos que fizeram as linhas dos telégrafos, a maioria dos TERENA participaram deste serviço, abriram picada, cortando pau para fazê poste e muitas coisa. Inclusive o pessoal da aldeia

Bananal, que ficava mais perto da linha, mas a turma daqui também ajudou...

*[...] índio TERENA trabalhou muito na continuação da noroeste do Brasil, tirava **dormente** e carregava no trecho, muito difícil e pesado. Mas foi bom, o índio ganhou dinheiro sem sair da aldeia...*

*[...] Rondon, como ele é índio também, lutou pela comunidade na criação do **SPI**, primeira vez quando o governo fez o decreto da criação **SPI** e do Ministério da Agricultura, que ajudou o índio a plantar, dava sementes e orientação técnica, o presidente era o Sr. Nilo Peçanha (1909 a 1910), inaugurou no Brasil o ensino para o índio, isso foi com ajuda do Rondon. O presidente Nilo Peçanha era o vice-presidente do Brasil, com a morte do presidente Afonso Pena, que tinha começado a fazer o decreto do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), aí que foi importante a ajuda do Rondon, aí que eu falo, ele ajudou muito o índio do Mato Grosso do Sul.*

*[...] a demarcação, os meus avós tinha muito problema de encontrar o governador Cândido Mariano, quando ele veio em Aquidauana, aí não tinha jeito de conversar com ele, aí que não deu jeito de legalizar a terra do Limão Verde. Aí então, a Prefeitura, no tempo Lucarelli, eu era cacique e bati em cima, o Jair (índio TERENA) era vereador e fiz o pedido na câmara, eu fui falar com o prefeito. Aí deu certo. “Eu fui **25** anos cacique”, mas antes de sair a posse definitiva da terra, eu tive que andar muito, fui a Campo Grande, muitas vez, até que eu falei com advogado da FUNAI, Dr. Saulo. Era difícil resolver, tinha que fazer um documento para vereador e a câmara aprovou e foi legalizada 1700 ha, naquela primeira legalização.”*

Segundo o autor da pesquisa documental essa legalização foi apenas a nível local na data de 1972, necessitava a legalização Oficial da União que só foi possível em 1973 e apenas 1238 há, como veremos logo mais adiante.

Em 1928, o decreto número 795 do governador do Estado de Mato Grosso, Mauro Corrêa da Costa, reservava para o patrimônio de Aquidauana uma área de terras devolutas de 2.000 hectares. Enquanto as demais Reservas Indígenas de todo o então Sul de Mato Grosso foram demarcadas e devidamente escrituradas entre os anos de 1904 e 1928, a do Limão Verde continuava a receber tratamento de terra devoluta. O próprio Serviço de Proteção aos Índios (SPI), estranhamente, não se fazia atuante em Limão Verde com a mesma presença de outras áreas, por falta de uma liderança mais atuante, segundo o Sr. Issac.

No transcorrer dos anos cinqüenta, vinha enfim amadurecendo, pelo poder local, a idéia de demarcar uma área para a comunidade de Limão Verde.

Com a implantação do regime militar e a crise do órgão responsável, nenhuma medida foi tomada. Entretanto, a própria comunidade Terena de Limão Verde, movida pela consciência de seu território tradicional de ocupação e já premida pela exigüidade das terras permitidas à ocupação, foi progressivamente aumentando a pressão sobre os fazendeiros vizinhos e autoridades em geral.

Em 1967 é extinto o SPI, surgindo a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) que, até se estruturar, não se fez presente de imediato na região.

Continuando a discussão, Silva (2004) destaca que na década de setenta, nenhuma medida administrativa sequer havia sido tomada e, em termos documentais, tanto para a comunidade indígena ocupante como para a sociedade envolvente, nenhum outro referencial era conhecido que não fosse o Decreto Estadual número 795/28. Na verdade, pelo fato do memorial não ser minucioso, os limites indicados pelo mesmo acabaram por se tornar tão polêmicos quanto sua própria destinação.

Prosseguindo ainda com base no velho Decreto Estadual de 1928 e inspirado no mesmo texto omissivo quanto à ocupação indígena, foi publicado o Decreto Legislativo número 2029, de 12/11/71, autorizando o Poder Executivo a doar ao município de Aquidauana para colonização a área de Limão Verde, entre o Morro do Amparo e o Ribeirão João Dias.

O núcleo sede atual de Limão Verde dista 24 Km do centro de Aquidauana e a 51 Km de seu distrito, Cipolândia, ao norte pela MS-345 de

chão batido. De Miranda são 90 Km, sendo 66 Km até Aquidauana pela BR-262, asfaltada.

Na sede da aldeia estão vinte casas e, progressivamente mais afastados, moram 230 “roceiros”, como são conhecidas as famílias que ocupam as partes mais afastadas do núcleo central.

Segundo observações em visita a aldeia e através de dados secundários, a distribuição das famílias se dá por sistema piramidal. O pai tem uma posse que é simbolizada pelas árvores e pela plantação e o filho, ao casar ou se emancipar, recebe um pedaço de terra onde plantará suas frutíferas, sua roça e exercerá sua posse. Cada família que se forma deve receber normalmente uns cinco hectares, sendo reservado um para plantar as frutíferas e os demais para verduras e cereais. Assim, todas as suas atividades estão voltadas para a terra.

Documentos municipais datados de 1927 registram que Limão Verde teria sua população constituída por 126 índios, já em 1954 eram 262.

Dados preciosos foram perdidos num incêndio, talvez criminoso, ocorrido nos arquivos do SPI, pouco antes da criação da FUNAI, destruindo assim grande parte do acervo.

Em 1976, segundo o relatório apresentado pelo antropólogo José Marinho dos Santos Neto, a população somava 707 pessoas, sendo 367 homens e 340 mulheres.

Em 1990, foi procedido minucioso censo revelando 1.189 pessoas. Em 1995, outro censo somou 1.384 pessoas. Em 1997, finalmente novo censo foi realizado somando 1.446 pessoas de ambos os sexos e todas as faixas etárias, correspondendo a 286 famílias.

Em geral, a saúde da população de Limão Verde é boa. A mortalidade infantil presentemente não chega a dois por cento (MANGOLIN, 1997; PETROBRÁS, 1997).

Segundo dados do Instituto de Planejamento de Mato Grosso do Sul (IPLAN-MS) de 2001, a aldeia Terena de Limão Verde possui 1645 índios, já como oficioso de uma das seitas religiosas que esta sediada na comunidade, esse número passa de 1900 indígenas. As escolas encontradas na aldeia atendem as necessidades de educação do Terena também possui uma linha diária de ônibus para Aquidauana. Além de que a maioria das famílias Terena de Limão Verde possuem residência no município de Aquidauana. Na cidade de Aquidauana comercializam os produtos agrícolas e seus artesanatos típicos em cerâmica, além de muitos Terena estudarem na cidade e em cursos superiores, mantém em suas escolas na aldeia a língua mãe dos Terena. Fazem apresentação de suas danças típicas aos turistas do município de Aquidauana, sendo a mais comum e solicitada à dança da Ema, dançada pelos homens enquanto as mulheres dançam a siputrena (ver foto 5 na próxima página):

Foto 05. Dança da siputrena e a dança da Ema. Fonte: Neli Guimarães Silva. Campo Grande, 2012.

Os Terena também comercializam suas cerâmicas (foto 6), como artesanato aos turistas que visitam Aquidauana. Aquelas têm um valor histórico para eles e também comercial. Ainda, o valor histórico conferido àquelas cerâmicas é transmitido de geração para geração, sendo ensinada pelos mais velhos aos jovens e na escola com cultura e tradição da etnia.

Foto 06. Artesanato Terena de cerâmica. Fonte: Neli Guimarães Silva. Campo Grande, 2012

1.3.2 Espaço Territorial da Etnia Guató no município de Corumbá.

Segundo a Professora Marcia Vanderlei de Souza Esbrama, da UFMS, no seu artigo *A cultura indígena Guató em vídeos/documentários e filmes: abordagem histórico-cultural*, sobre a cultura indígena neste Estado, destaca que os Índios Canoeiros do Pantanal nos remete a origem das reações e comportamentos hereditários dessa população indígena. “Estes sujeitos possuem uma carga hereditária importante para a humanidade e para a cultura indígena... “O resgate a este patrimônio cultural do índio guató é relevante e necessário para a ciência...”. É um povo que vive e sempre viveu na região pantaneira, não estão extintos, embora poucos, mas ainda temos quatro índios que falam a língua e mantém a cultura de seu povo” (ESBRAMA, 2008, p. 13).

Foto 07. Morador da Ilha dos Guató. Fonte: Oscar Coiado. Corumbá, 2012

Os Guatós, após várias décadas sobrevivendo na periferia de Corumbá, não esqueceram sua história, suas lendas, as maravilhas da ilha Ínsua. As grandes caçadas de onças são objeto de suas conversas. O sonho de retornar ao seu paraíso está agora mais perto da realidade. Estes maravilhosos canoeiros do pantanal ainda hão de remar pelos rios Paraguai e São Lourenço cantando felizes a vitória de poder ter sobrevivido a tempos tão hostis. (MANGOLIM,1993, p.114)”

Os Guató sempre existiram e ocuparam a ilha Ínsua, em Corumbá, (fotos 08 e 09), além de viverem sua história e sem perder a própria cultura. Estes índios são do município de Corumbá. Possuem 12.716 hectares de terra. Conforme Mangolim (1993, p.86) os índios guató possuem a Associação dos Índios Canoeiros do Pantanal (AICGP). Podemos resumir a caracterização do guató, de acordo com Mangolin (1993) da seguinte forma:

Índios canoeiros viveram e vivem nas cercanias das grandes lagoas e dominaram extenso trecho do Rio Paraguai e parte do Rio São Lourenço. São conhecedores das baías Uberaba, Gaíva e Mandioré sabendo andar por corixos, vazantes e desaguadouros como nenhum outro navegador. Possuem dialeto único e próprio. Tem como rival a nação paiaguá. Habilidosos caçadores, os guató atacavam onças, logrando esposas pela quantidade de onças caçadas. Agricultores plantavam mandioca, milho e cereais. Sua caracterização marcante é viver disperso. (MANGOLIM, 1993, p. 26-29).

Fazem suas próprias embarcações (foto 10) e chegam a comercializar com os ribeirinhos, muitas vezes servem de guias a pescadores isolados que frequentam a Ilha e trabalham um artesanato de madeira, além de plantar seus próprios gêneros alimentícios.

Foto 08. Ilha dos Guató em Corumbá, na divisa com a Bolívia – Foto do historiador Oscar Fernandes Coiado Junior, 2012.

Foto 09. Barco de transporte coletivo da aldeia e canoas produzidas pelos Guató. Fonte: historiador Oscar Fernandes Coiado Júnior. Corumbá, 2012.

Foto 10. Canoa Guató recém construída. Foto: Oscar Fernandes Coiado Júnior. Corumbá, 2012.

1.4 A pecuária do Mato Grosso do Sul

Segundo dados da Fundação Instituto de Estudos e Planejamento, o Mato Grosso do Sul tem uma economia tradicionalmente voltada para a agropecuária. Possui área de aproximadamente 33 milhões de hectares de terras passíveis de exploração para a pecuária e agricultura, contando ainda, com áreas de grande potencial mineral, turístico e de proteção ambiental. Da sua área potencial, destaca-se a ocupação de 22 milhões de hectares em pastagens, sendo 16 milhões em pastagens plantadas e 6 milhões em pastagens naturais e a agricultura ocupando apenas 1,4 milhões de hectares diante de um potencial agricultável de aproximadamente 10 milhões.

A seguir, como produção econômica, pode-se destacar, principalmente, a pecuária:

Quadro 4 Rebanho bovino – MS – Aquidauana – Corumbá – 2004 a 2012

Ano	REBANHO BOVINO – CABEÇAS		
	AQUIDAUANA	CORUMBÁ	MS
2004	621.985	1.889.553	24.715.372
2005	807.116	1.957.141	24.504.098
2006	820.029	1.994.810	23.726.290
2007	810.790	1.811.254	21.832.001
2008	775.040	1.935.896	22.365.219
2009	820.700	1.973.275	22.325.663
2010	829.560	1.930.475	22.354.077
2011	758.466	1.700.651	21.553.851
2012	779.010	1.755.650	21.498.382

Fonte: IBGE. Organização: José Fonseca, 2014

O Estado é detentor do maior rebanho bovino entre os estados brasileiros, contando com 21.498.382 cabeças, segundo o Censo agropecuário de 2012 divulgado pelo IBGE, aproximadamente 22 milhões de cabeças, voltado principalmente para a produção de carne (fotos 11 e 12):

Foto 11. Carcaças resfriadas. Fonte: José Fonseca. Anastácio/MS, 2011.

Foto 12. Caminhão do Frigorífico Buriti. Fonte: José Fonseca. Anastácio/MS, 2011.

1.5 Formação do núcleo urbano de Aquidauana

Segundo historiadores regionais, deve-se aos espanhóis, por volta do século XVI, a primeira penetração no território que constitui o Município de Aquidauana. Em 1580, era fundado o povoado de Xerés, às margens de um rio que hoje é chamado de Aquidauana. Entretanto, essa povoação foi destruída em 1648. Decorridos quase dois séculos, isto é, em 1776, o explorador João Leme do Prado encontrou tais ruínas, com grande presença de árvores frutíferas, tais como: laranjeiras, limoeiros, goiabeiras, mangueiras, etc.

Certo é que das ruínas de Xerés nasceu um novo povoado distante apenas 12 Km, junto às margens do Rio Aquidauana, cujo ponto fluvial facilitava o intercâmbio de mercadorias com outros aglomerados, tais como Miranda, Nioaque e Campo Grande (SILVA, 2004).

Entretanto, coube ao entusiasmo dos criadores da região a implantação dessa nova cidade, cujas terras haviam sido transferidas definitivamente para mãos e cérebros que acreditavam numa bela e próspera cidade. Foi assim que nasceu Aquidauana e isso se deu a 15 de Agosto de 1892. Afirmam as crônicas, segundo Fausto Vieira de Campos, que em 15 de agosto de 1892, o Major Teodoro Paes da Silva, encabeçando comitiva de fazendeiros e pessoas da Vila de Miranda, demandou para um sítio à margem esquerda do Rio Aquidauana, num ponto justamente a 180 km da confluência deste com o Miranda e ali promoveu reunião para assinalar a fundação do novo povoado. (mapa 3). (Prefeitura Municipal de Aquidauana, 2008).

Mapa 3 Município de Aquidauana – MS

Mapa 4 Pantanal Sul-Matogrossense

Figuravam na comitiva entre outros cidadãos, os coronéis: Augusto Mascarenhas, Estevão Alves Corrêa, João D'Almeida Castro, Manoel Antônio Paes de Barros e outros. A criação de gado foi o fator econômico mais importante em agosto de 1892, período que determinou a própria constituição da cidade, e tudo que acontecia na região se dava através da produção pecuária. Por determinações político-econômicas dos fazendeiros da região, reuniu-se à margem direita do rio Aquidauana, com o prévio intuito de fundar um povoado que serviria de prestação de serviços e ligações inter-regionais, para os produtos produzidos na região e manter contato com São Paulo que já era pólo econômico brasileiro. Mesmo durante o período de inundações anuais o local determinado contava com uma área de 16.708 Km².

Os índios Terena habitavam a região e eram conhecidos como agricultores e ceramistas. A facilidade de comunicação oral possibilitou uma melhor e mais rápida relação entre eles de forma menos conflituosa, facilitando o convívio e o trabalho. Theodoro Rondon, um dos fundadores da cidade, se encarregou da educação com a primeira Escola Pública da vila. Dois anos depois o professor João Metelo Nunes transferiu-se para o local com o intuito de ajudar na formação educacional de Aquidauana. Lecionava para os filhos e filhas dos fundadores e as primeiras crianças nascidas no vilarejo, sendo que a instrução não se restringia apenas às letras, mas também ao ensino de música (ROBBA, 1992).

Em 1899, a vila precisava de uma padroeira e os fazendeiros que fundaram a cidade, Anacleto Maurício Rodrigues, Manuel Antônio de Barros, Augusto Ferreira Mascarenhas, Manuel dos Santos Cabra, José Alves Ribeiro, José Simões Pires, Francisco Alves Correia, Deocleciano Mascarenhas,

Teodoro Rondon, João Batista da Fonseca Moraes e o padre Julião Urquia, em 05 de julho, criaram a irmandade de Nossa Senhora da Conceição do Alto Aquidauana, então, imediatamente iniciou-se a construção da capela que foi inaugurada em 28 de agosto de 1904 e recebeu o mesmo nome da Santa padroeira (ROBBA, 1992).

Em 1906, a Lei n. 467 de 18 de dezembro, elevou à categoria de município a vila de Aquidauana e, em 03 de maio, a vila foi elevada a município. Já possuía exército, polícia, correios, farmácia e livraria instalados. Em 1910 houve a elevação à categoria de comarca.

No ano de 1912, aconteceu a chegada da primeira locomotiva a vapor em Aquidauana, seguida da inauguração da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, que aconteceu no dia 12 de outubro de 1914. A cidade passou a ter um novo panorama econômico porque podia escoar a produção pelas vias de acesso, a comunicação e o intercâmbio cultural com o local foram facilitados, causando uma mudança nos valores e costumes da população porque até então o meio de transporte era exclusivamente fluvial. Duas escolas estavam em funcionamento em Aquidauana e o Instituto Pestalozzi instalou-se no local, em 1915, sendo que dois anos mais tarde mudou-se para Campo Grande. Em 1918, aconteceu a elevação à categoria de cidade (Prefeitura Municipal de Aquidauana, 2009).

Em 1919, foi adquirida, em São Paulo, uma ponte metálica que faria a ligação entre a margem direita e a margem esquerda do rio Aquidauana que só era feita via balsa. Foi lançada a pedra fundamental para a construção e a montagem da ponte, que foi inaugurada em 1926. A melhoria nos meios de transporte refletiu nos meios de comunicação e isso se confirma através do

expressivo número de jornais, mais de dez que a cidade possuiu (ROBBA, 1992).

No ano de 1930, a cidade crescia e sentia falta de uma infra-estrutura educacional que cumprisse com os anseios da população em ascensão. O grupo escolar Antônio Corrêa pôde ser finalmente transferido para sua sede própria.

Em 1933, o professor Luiz Mongelli, músico italiano, além de lecionar música, foi responsável pela composição do *Hino de Aquidauana*, juntamente com o poeta Vicente Murano, e pela formação da Banda Municipal que recebeu o nome de “Banda de Música Santa Cecília”. Os funcionários da Noroeste do Brasil formaram um dos primeiros grupos musicais da cidade, a “Lira Operária da Noroeste”.

Em 1940, aconteceu a instalação da primeira agência bancária (Banco do Brasil) e, em 1944, teve início a montagem do Ginásio Cândido Mariano que começou a funcionar no ano seguinte. Muitas escolas particulares participaram do contexto educacional da cidade, Escola Paroquial e o Ginásio Imaculada Conceição. Inauguração da primeira estação de ondas curtas do Estado (Rádio Difusora).

No ano de 1955, houve a inauguração da primeira tela panorâmica do Estado (Cine Glória); em 1964, Aquidauana foi desmembrada, por motivos políticos e na margem esquerda do rio Aquidauana começou a se formar o município de Anastácio. Desde a fundação, a base econômica da cidade foi de pecuária de corte. Com o crescimento da cidade, essa atividade se firmava cada vez mais, e na metade do século XX, 80% da produção econômica do município estava ligada à pecuária, a agricultura participava com apenas 3% da

produção, a indústria com 2% e os serviços gerais com 15%. A elevada taxa econômica concentrada na pecuária deixava o município com baixo número de imigrantes, e decorria então da pouca mão-de-obra que a pecuária necessitava.

Em 1965, a cidade contava com uma vida social entrelaçada com as culturas dos países vizinhos – Bolívia e Paraguai - e relativamente acelerada. Encontravam-se no local clubes sociais, clubes esportivos, entidades filantrópicas, estádio de futebol, praças públicas, biblioteca pública, cooperativa de leite e no que se refere à educação: 20 escolas, sendo 03 estaduais, 05 municipais e 12 particulares (ROBBA, 1992).

Em 1968, havia apenas 38% de professores formados sobre os leigos e o ensino médio ainda contava com um representativo número de evasões. A falta de profissionais capacitados era um problema sempre presente na educação e no ensino primário a predominância era de professores sem formação adequada. Neste ano foi fundado o “Instituto Musical de Aquidauana”.

No ano de 1970, Aquidauana contava com um sistema de saúde composto de 02 hospitais, 01 posto de saúde, 07 farmácias, 10 médicos, 10 dentistas e enfermeiros. O município era servido por transportes rodoviário, com duas empresas de ônibus, a Via-Comercial Cruzeiro do Sul e a Real que ligavam Aquidauana a Corumbá, Cáceres, Campo Grande e Cuiabá.

Além dos meios de transporte, no começo da década de 1970, Aquidauana era servida de energia elétrica fornecida pela Central Elétrica de Mato Grosso (CEMAT), o abastecimento de água era feito por um sistema de sete poços tubulares profundos, e os serviços telefônicos já estavam

implantados. Nesta época, o município possuía Igrejas católicas, protestantes, centros espíritas e lojas maçônicas (SILVA, 2004).

Em 1971, houve a implantação do Centro Pedagógico de Aquidauana (UEMS – UFMS), sendo que o problema da qualificação dos professores poderia ser sanado em médio prazo. Em 1974, foi criado o Centro de Educação Rural de Aquidauana (CERA), instituição de ensino médio profissionalizante, que funcionava em regime de internato e atendia aos alunos de toda a região.

No ano de 1977, realizou-se a divisão do Estado. Desde o século passado, alguns “revolucionários” haviam iniciado o movimento de separação do Estado, e assim transcorreu durante todo o século XX com sucessivas tentativas, que muitas vezes fracassavam por interferências das forças políticas do norte do Estado de Mato Grosso. A região sul do Estado teve sua ocupação mais acelerada e o desenvolvimento econômico se acentuava cada vez mais em relação à região norte, dessa forma a receita arrecadada pelo sul era bem mais representativa que a do norte e gerava uma distribuição de renda diferenciada. Além do problema econômico, aspectos físicos, geográficos e culturais, afastavam as regiões. A planície e o solo do sul são propícios para a pecuária, já o norte contava com planalto e as características físico-geográficas são da bacia amazônica (SILVA, 2004). Sendo assim, no dia 11 de outubro de 1977, o então Presidente da República, General Ernesto Geisel, assinou definitivamente o decreto da divisão do Estado de Mato Grosso e a criação do Estado de Mato Grosso do Sul.

A partir da divisão do estado, a região começou a ter outro panorama político, administrativo, econômico, social e cultural. Em março de 1964 Aquidauana foi desmembrada, dando origem ao município de Anastácio.

Abaixo quadro com a evolução populacional dos municípios de Aquidauana e Corumbá e também do Estado do Mato Grosso do Sul a partir de 2004 (quadro 6):

Quadro 5 – Evolução da População

	POPULAÇÃO		
ANO	AQUIDAUANA	CORUMBÁ	MS
2004	45.543	99.441	
2005	46.007	100.268	
2006	46.469	101.089	
2007	44.920	96.373	2.265.274
2008	46.266	99.196	
2009	46.515	99.467	
2010	45.614	103.703	2.449.024
2011	45.781	104.317	2.477.542
2012	45.943	104.912	2.554.130

Fonte IBGE. Organização: José Fonseca, 2014

O comércio de Aquidauana é pouco especializado, o setor que obteve um índice representativo de crescimento foi o da prestação de serviços – ligados principalmente à agricultura e à pecuária. A economia ainda tem como “carro-chefe” o setor primário que além de possuir o maior número de pessoal ocupado, cada vez mais incrementa e complementa o ciclo de produção de carne bovina para o Brasil e exterior. Apesar destes fatores, a distribuição da renda ainda é concentrada e excludente (SILVA, 2004).

O município de Aquidauana vem se desenvolvendo, segundo um modelo primário exportador que procura maximizar a utilização dos recursos naturais – pasto nativo - aproveitando ao mesmo tempo o crescimento do

mercado para o seu produto básico, que constitui a carne bovina. No ano de 1991, a Escola Pestalozzi foi a primeira a integrar, no Brasil, em nível de escolaridade, deficientes/normais. Em 1993, aconteceu a implantação do Primeiro Curso Técnico em Meio Ambiente (2º Grau) no país – (FCERA). Em 1994, houve a implantação do Curso de Zootecnia, o primeiro do Centro-Oeste.

Ao levantarmos os dados demográficos do município de Aquidauana (ver quadro 7), verificamos um aumento, entre 1980 e 2010, de 16% da taxa de urbanização do município em vinte anos, o que retrata uma evolução e uma busca de uma suposta melhora de qualidade de vida a seus municípios. Mas, na verdade, o que vemos é um empobrecimento do campo e um aumento populacional das periferias dos centros urbanos, transformando-as em verdadeiras propriedades rurais. Isto porque o trabalhador rural que se muda para a cidade, não encontra ocupação e, com frequência, passa a cultivar seus quintais com produtos do campo para sobreviver (SILVA, 2004).

O município de Aquidauana demonstra esta realidade, em seus bairros, como o Bairro Alto e o Nova Aquidauana, então povoados pela maioria de produtores rurais que deixaram suas pequenas propriedades e empregados de grandes fazendas, que passam a ter uma atividade tanto, no trabalho rural como na cidade. Assim também o indígena da etnia Terena, que tem sua residência na aldeia e na cidade (SILVA, 2004).

Quadro 6 – Município de Aquidauana/MS (Dados Demográficos, 1980-2014)

Ano	População total	Taxa urbanização (%)	Densidade demográfica
1980	34.482	68,26	-
1991	39.342	74,46	-
1996	40.394	79,16	-
2000	41.007	-	2,41 HAB/KM ²
2010	45.614	81,23	2,69 HAB/ KM ²
2014 ¹	46.998	-	-

(1) Estimativa. Fonte: IBGE IPLAN/MS - Fundação Instituto de Estudos e Planejamento do MS. Org. José Fonseca, 2014.

Aquidauana, está localizada a 137 Km da capital Campo Grande e liga-se a esta pela rodovia BR 262; possui uma população de 45.614 habitantes (IBGE 2010), sendo que aproximadamente 21% deste total vivem na zona rural e o restante na área urbana. No seu município estão os distritos de Camisão, Piraputanga, Taunay e Cipolândia. Está localizada no extremo oeste de Mato Grosso do Sul. Sua localização está mais precisamente definida por Robba (Aquidauana, 1992), quando explica que seu território estende-se de norte a sul desde o morrinho do Pimenteiral, na divisa com os municípios de Corumbá e Rio Verde, até o rio Aquidauana, divisa com o município de Anastácio ao sul, numa distância de perto de duzentos quilômetros; de leste a oeste a serra de Maracaju, divisa com os municípios de Dois Irmãos do Buriti, Terenos, Corguinho, Rio Verde e Rio Negro até a divisa com os municípios de Miranda e Corumbá, numa distância de cerca de 190 quilômetros. Sua altitude é de 147m.

1.6 Formação do núcleo urbano de Corumbá

Segundo alguns historiadores, teriam sido os espanhóis os primeiros a visitarem o território do atual Município. Assim é que Juan Ayolas e seu sucessor Domingos Martínez de Irala, entre 1537 e 1538, Álvarez Cabeza de Vaca e, em 1547, novamente Irala, agora em demanda dos Andes, estiveram nas terras do futuro Corumbá. Até fins do século XVIII as fronteiras das possessões portuguesas e espanholas eram mal definidas. Disso aproveitou-se o capitão Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres para, após a violação de tratado de limites pelos espanhóis em 1774, garantir a posse de grande parte da margem direita do rio Paraguai e da esquerda do Guaporé, expandindo o território da Capitania sob seu governo. A 13 de setembro de 1775 lança os fundamentos do porto de Coimbra, cria no ano seguinte o forte Príncipe da Beira e manda ocupar, em 21 de setembro de 1778, o local que hoje constitui a cidade, denominando-o de N. S^a da Conceição de Albuquerque (VALVERDE, 1972).

Em 1853, por decreto imperial, o porto de Corumbá foi habilitado para o comércio, sendo dotado de Mesa de Rendas. A Alfândega é instalada em 1861. Durante a guerra com o Paraguai, Corumbá foi teatro de algumas batalhas. A 28 de dezembro de 1864 apresentou-se diante do Forte de Coimbra o coronel paraguaio Vicente Barrios, com três mil homens embarcados, iniciando o ataque. O tenente-coronel Hermenegildo de Albuquerque Porto Carreiro, com 157 homens, opôs resistência aos invasores, sustentando luta por 2 dias, findos os quais, se retirou para Corumbá. A 2 de janeiro de 1865, a guarnição militar evacua a cidade, seguindo para Cuiabá.

Somente dois anos depois, aos 13 de junho, é retomada pelos homens comandados pelo tenente-coronel Antônio Maria Coelho. A Alfândega que tinha interrompido seu funcionamento desde aquele ano, devido a ocupação paraguaia, só volta à atividade em 1872, ano em que é fundado o Arsenal de Marinha do Ladário. A imprensa local surge em 1877, com a edição de "O Iniciador". O distrito de Corumbá foi criado por Lei provincial n.º 4, de 19 de abril de 1838.

Em 5 de julho de 1850 a Lei provincial n.º 12 deu-lhe autonomia política com sede na povoação de Albuquerque, e pela Lei n.º 6, de 11 de novembro de 1869, perdeu a categoria de Município. A sua restauração coube à Lei provincial n.º 7 de 7 de outubro de 1871, sendo constituído com território desmembrado do de Cuiabá, e reinstalado em 14 de maio de 1872. Corumbá foi elevada à categoria de cidade pela Lei provincial n.º 525, de 15 de novembro de 1878. Novas perspectivas são abertas ao progresso local, quando, a 3 de maio de 1908, é iniciada a construção da Estrada de Ferro Itapura-Corumbá, com o lançamento da pedra fundamental na Estação de Porto Esperança e sua conclusão em 1914.

O Município sofreu várias modificações no seu quadro administrativo, ora perdendo ora ganhando território. Pelo Decreto-Lei estadual n.º 145, de 29 de março de 1938, ficou constituído dos seguintes distritos: Corumbá, Albuquerque, Amolar, Ladário, Morcego, Nhecolândia e Porto Esperança até 1943, quando sofreu alteração apenas no topônimo dos distritos de Morcêgo e Nhecolândia, que passaram a denominar-se Santa Rosa e Mercedes, respectivamente.

Pelo Decreto-Lei federal n.º 5.839, de 21 de setembro de 1943, o Município de Corumbá perdeu o distrito de Porto Esperança, desmembrado para constituir o novo Município deste nome, do Território de Ponta Porã. Extinto o Território, pelo artigo 8.º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, de 18 de setembro de 1946, volta o distrito de Porto Esperança a integrar o Município de Corumbá, com o mesmo topônimo. Pela Lei n.º 679, de 11 de dezembro de 1953, perdeu o distrito de Ladário que se constituiu em Município. No mesmo ano houve reformulação administrativa, surgindo o distrito de Coimbra, em 17 de dezembro. É constituído dos distritos de Corumbá, Albuquerque, Amolar, Coimbra, Nhecolândia (ex-Mercedes), Paiaguás e Porto Esperança.

O município de Corumbá segundo os dados IBGE 2012 possui 108.703 habitantes, uma densidade demográfica de 1,60 hab/km² e uma área territorial de 64.962,720 Km². Uma extensão em área agropecuária, ocupada principalmente com a pecuária bovina de 4.816.436 hectares, para 1.802.976 cabeças de gado, uma densidade demográfica de 6 hab/km² e uma área de 357.145,532 Km². Tem sua economia voltada para agropecuária e o número de seu rebanho bovino de 21.047.274 cabeças (IBGE 2013). Os municípios que fazem parte na divisa com a Bolívia em um território de identidade contínuo são Puerto Suarez com 26.152 habitantes, Puerto Quijarro com 11.788 habitantes e Puerto Arguirre com 2.000 habitantes. São camponeses que vivem da agricultura, pecuária de produção familiar e da pesca e ainda de um turismo insipiente. Já a Província de Santa Cruz possui 2.467.400 habitantes (OLIVEIRA, Tito: 2004).

Segundo a pesquisadora Fátima Aparecida Machado de Andrade em sua dissertação de mestrado pela UFMS (2013), sobre o turismo na fronteira do Brasil e Bolívia e estudos sobre barco hotel, o turismo desenvolveu-se a partir do século XIX, ganhou força no século XX, em variadas modalidades de lazer e seguiu promovendo transformações socioeconômicas (relações de trabalho) e culturais na localidade receptiva, ou seja, no destino receptor, como ocorre em Corumbá (MS), que se expande para além-fronteira no Mato Grosso do Sul.

No local encontra-se a população que vive e convive diariamente com sentidos e significações múltiplas neste território de representatividade diferenciada, nos seus aspectos políticos e socioeconômicos e também através das inter-relações sociais, culturais e econômicas de brasileiros e bolivianos, que fazem parte da zona fronteira. Destaca-se, ainda, a territorialidade empreendida na ocupação, produção, reprodução e uso dos espaços terrestre e fluvial, que nos remete a uma dimensão escalar ampla, se considerarmos a área de Corumbá e também o rio Paraguai com aproximadamente 1690 km de extensão no território brasileiro, na microrregião do Pantanal de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. O rio, dentre outras atividades econômicas, é propício para a pesca amadora recreativa-esportiva e faz parte do cotidiano de inúmeras pessoas que vivem na dependência dos recursos naturais, alguns como sua única forma de sobrevivência (PAIXÃO, 2005).

2.

Capítulo II

Aspectos sócioespaciais do turismo na região pantaneira de Aquidauana

2.1 O papel da telenovela no desenvolvimento do ecoturismo em Aquidauana.

No início dos anos 90, com a apresentação da telenovela Pantanal (foto 13), um sucesso de grande audiência, exibida pela Rede Manchete, houve uma projeção diária do Pantanal e um *marketing* maciço da mídia. Até então, havia um turismo que se limitava apenas à pesca. Normalmente eram campings rústicos que ficavam nas margens dos rios, com uma infra-estrutura precária. Neste mesmo período um *marketing* maciço direcionado para o turismo no Pantanal teve início. Desde então, tradicionais fazendas de criação extensiva de gado começaram a receber turistas tanto do Brasil como também do exterior. O ecoturismo começa a entrar com força na região.

Foto 13. Capa da revista 'VEJA', maio/1990. Fonte: Exemplar do autor

Depois que o Pantanal foi mostrado durante meses ao Brasil e, em seguida, ao mundo, em virtude da apresentação na novela, muitos turistas começaram a aparecer, vindos tanto do Brasil como de outros países. E não tinham onde ficar. Foi quando os proprietários de tradicionais fazendas pantaneiras de criação extensiva de gado perceberam a possibilidade de implementar o ecoturismo como uma atividade agregada à pecuária tradicional da região. Esta nova situação poderia se transformar em uma inédita fonte de renda. Então, começaram a receber os turistas. Outro fato interessante é que os moradores tradicionais do local poderiam ser aproveitados e não descartados como em muitos casos acontece:

No que se refere ao turismo, os moradores tradicionais podem desempenhar o papel de guias locais, ensinando aos visitantes o que sabem sobre o mundo natural e introduzindo-os numa cultura distinta, baseada no convívio íntimo com a natureza e seus ciclos. (SERRANO, BRUHNS, 1997, p. 101).

Analisando a entrada significativa de turistas e o significativo aumento da atividade do ecoturismo nas fazendas de Aquidauana, percebe-se que algumas situações básicas favoreceram essa ocorrência: Aquidauana é a cidade mais próxima a Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, que tem 70% da área do seu município localizada dentro do Pantanal; o acesso é facilitado pela rodovia asfaltada BR-262, que liga Campo Grande à Corumbá; devido apresentar um Pantanal mais alto, no período das cheias, as águas, normalmente, não atingem com tanta intensidade os acessos a algumas fazendas, permitindo o trânsito de turistas durante o ano todo.

Os costumes desenvolvidos com a tradicional e secular criação extensiva de gado, os saberes e fazeres aprendidos pela necessidade – devido à distância e

ao isolamento das grandes fazendas – e a relação do pantaneiro com o Pantanal fortaleceram o ecoturismo, especialmente na região de Aquidauana.

2.2 O ecoturismo, os saberes e fazeres do pantaneiro e sua relação com o Pantanal de Aquidauana.

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestaram. Não é portanto um conjunto fechado e imutável de técnicas e de comportamentos. Os contatos entre povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo. A cultura transforma-se, também, sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio. (CLAVAL, 2001, p. 63)

Devido às grandes distâncias em relação aos centros urbanos, ao isolamento e à dificuldade de locomoção, estas fazendas eram chamadas de autarcias, ou seja, tinham de ser economicamente autossuficientes e produzir tudo o que necessitavam. Referindo-se às habilidades da maioria dos peões pantaneiros, Banducci Jr. afirma:

Os peões costumam ser excelentes artesãos do couro, definindo inclusive essa habilidade como uma condição básica do ‘ser’ pantaneiro, ou melhor, dentro de sua perspectiva, é peão do Pantanal não apenas o indivíduo que tem habilidade com o gado e montaria, mas aquele que domina os afazeres ligados ao campo, dentre eles a fabricação dos artefatos para seu trabalho. Trançam ‘laços’, fazem chicotes, ‘arreador’, ‘peias’, ‘manhador’ (BANDUCCI JR, 2007: pp. 55 e 58).

Como resultado, a cultura pantaneira foi consideravelmente influenciada e moldada por estas características típicas e singulares que acompanham as gerações até hoje, como vemos nas imagens a seguir:

Foto 14. Artesanatos e apetrechos típicos das fazendas. São confeccionados pelos funcionários.
Fonte: José Fonseca. Aquidauana, 2010.

Conforme pôde ser observado e constatado nas diversas pesquisas de campo realizadas à pousadas estabelecidas dentro de fazendas de criação extensiva de gado no Pantanal de Aquidauana, é que, além das belezas naturais indiscutíveis que a fauna e a flora pantaneiras exibem, o que atrai sobremaneira os turistas é toda a dinâmica que envolve o pantaneiro. Seu modo de falar e ritmo lentos, suas vestimentas, seu amor pelo pantanal, sua comida, sua música, suas habilidades artesanais, seus causos, etc.

Exemplos não faltam. Anne-Marie Seymour, turista irlandesa entrevistada em 2008, na fazenda São José (Pousada Aguapé) em Aquidauana: “Nunca imaginei conhecer pessoas assim, tão simples e demonstram tanto amor pelo lugar onde vivem”. (tradução do autor); ou como disse Paschoal Guglielmi, em 2009, turista de São Paulo que estava com a família em férias no Pantanal: “quando a gente sai em passeio com os peões eles sempre falam do seu passado, que seu avô nasceu lá, que seu pai nasceu lá, que ele nasceu na fazenda... Eles têm o maior orgulho!”.

“Aquela faixa paraguaia que eles usam é bonita. Pensei que era só enfeite, mas o seu Alonso – um dos peões – me explicou que se não usarem sempre quando estão na lida, quando forem mais velhos vão ficar ‘descadeirados”, contou Joseli Machado, uma turista de Goiânia (2009). Roseli estava em férias com os dois filhos: “Você precisa se adaptar à velocidade deles”, disse sorrindo; “eles fazem tudo mais devagar, mas sempre dá certo. Isso é que é viver”, afirmou (2010). Raphael estava em férias com a família. Era de São Paulo e disse no dia que estava esperando a Van que iria levá-lo para o aeroporto de Campo Grande: “Dá vontade de chorar! O pessoal daqui é tão hospitaleiro, a natureza é tão linda, a comida é tão boa...tudo aqui é

demais! Já estou com saudades (2011). “Nunca mais vou esquecer do cheiro daqui, dos sons que ouvi, da natureza, das pessoas...Isso aqui é mágico!” (Nilson Grasevicks, fotógrafo, morador de São Paulo, 2011). “Nossa, é incrível como eles tratam os cavalos. Engraçado que eles não sentam diretamente na sela. Eles colocam uma pele de carneiro em cima (pelego) pra ficar mais macio...e quantas coisas que eles usam! Chicotes, faca...” (George, turista de Vitória. “ E por aí segue. São turistas de todos os cantos do Brasil e muitos do exterior, principalmente franceses, americanos, canadenses, alemães, orientais, etc.

No Pantanal, a vida acontece mais devagar, ou melhor, a velocidade do tempo parece seguir um ritmo próprio, como se acontecesse apenas naquele lugar. Não há pressa. Nem para fazer, nem para andar, nem para comer, nem para falar. Esse ritmo lento comum a tudo e a todos deve ser respeitado; faz parte da cultura e está presente no dia a dia do pantaneiro. E isso não está relacionado à preguiça ou falta de vontade; de modo algum. Seria aquilo que Santos denominou de *tempo lento*:

De um lado, o que nós chamamos de tempo lento somente o é em relação ao tempo rápido; e vice-versa, tais denominações não sendo absolutas. E essa contabilidade do tempo vivido pelos homens, empresas e instituições será diferente de lugar para lugar. (...) Mas graças à globalização e a seus efeitos locais, os tempos lentos são referidos ao tempo rápido, mesmo quando este não se exerce diretamente sobre lugares ou grupos sociais. (SANTOS, 1999, p. 212-213).

Esta peculiaridade aliada a tudo o que envolve e remete “à sensação de estar hospedado numa fazenda de gado no meio do Pantanal”, conforme

afirmou um hóspede instalado na fazenda Pequi, em Aquidauana, faz com que cada vez mais turistas queiram conhecer o lugar. E, segundo constatado em algumas fazendas/pousadas da região, a porcentagem de visitantes que retornam após hospedarem-se nestes estabelecimentos aumenta significativamente ano a ano, tanto brasileiros como estrangeiros.

Desde que iniciaram o trabalho com o turismo há 20 anos com a Pousada Aguapé, a pioneira em receber turistas na região, os proprietários investem constantemente na pousada e nos colaboradores. Com o passar do tempo algumas adaptações nas instalações se tornaram necessárias para receber melhor os turistas como também foram realizados investimentos aos colaboradores como cursos, treinamentos, participação em Feiras e Salões de Turismo (nacionais e internacionais), entre outros, conforme afirma João Ildefonso, proprietário da Pousada Aguapé (Fazenda São José): “Quando começamos, há mais de 20 anos, nem luz elétrica tinha aqui na fazenda. Com o tempo fomos melhorando as instalações: ventilador de teto, ar condicionado, internet, piscina, televisão, salão de convenção, etc”.

O dia na fazenda começa cedo. Aos turistas interessados, o dia pode começar acompanhando os peões no pasto próximo à sede e trazer com eles as vacas para que seja efetuada a ordenha, da qual eles também participarão. Isto acontece lá pelas 4:30hs da manhã. Enquanto isso, outros peões que desejam tomar mate quente já se levantaram. Embora o calor esteja sempre presente no Pantanal e o tereré seja a bebida tradicional no Mato Grosso do Sul, é comum, bem cedo, na barra do dia, como eles dizem, os pantaneiros, acenderem uma pequena fogueira próximo aos seus alojamentos para ferver a água do mate (foto 15). Quem não gosta, acorda um pouco mais tarde.

Foto 15. O mate quente também é comum nas fazendas. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, 2007.

Acordada desde o momento em que os peões vão buscar o gado de leite, a cozinheira da turma já acendeu o fogão a lenha e prepara mandioca frita, arroz carreteiro, café, leite, assa o pão, etc. (é o ‘almocinho do pantaneiro’ – ver Glossário – Vocabulário Pantaneiro em Anexos – p. 172 e “A força do falar pantaneiro”, p. 205). (fotos 16 e 17):

Foto 16. Dona Joana fritando a mandioca do café da manhã dos peões. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, 2013.

Foto 17. Capataz da fazenda servindo-se de arroz carreteiro no café da manhã. Aquidauana, 2010

Mais uma vez todo esse processo pode ser acompanhado pelos turistas que, mesmo às vezes bem cansados, não perdem a oportunidade e levantam animados apesar de ser noite ainda. E o tempo todo se ouve os sons das câmeras disparadas ou percebe-se a luz das filmadoras já em punho para que nenhum lance seja perdido.

Observando toda essa movimentação, nota-se que esta participação dos turistas na vida cotidiana das fazendas cativa e faz toda a diferença na maneira como eles percebem, sentem e depois, comentam. E isso acontece porque não é uma encenação ou um teatro armado, montado como um atrativo turístico. Muito pelo contrário; isso é realmente o dia a dia dos pantaneiros que moram nas fazendas. Sempre foi assim e sempre será. E os turistas – brasileiros ou estrangeiros – sentem isso. Pode-se perguntar: “qual a emoção em ir buscar uma vaca no pasto, de madrugada, trazê-la para o curral e depois participar da sua ordenha? Muita. Faz toda a diferença. Não se resume apenas ao fato em

si. Vale lembrar que todos ali estão em uma fazenda no meio do Pantanal e lá, quando se está no pasto, neste horário, ao nascer do dia, próximo a um carandazal, começa-se a ouvir os sons da natureza pantaneira acordando, principalmente o das aves. É quase indescritível o sentimento que aflora. Atrevo-me aqui a tentar explicar um sentimento quase inexplicável – parecia que o ar respirado não era suficiente para suprir os pulmões – fato ocorrido quando este autor, há mais de 20 anos, durante a sua primeira incursão ao Pantanal, presenciou e capturou as imagens do nascer e do pôr do sol pantaneiros, logo nos primeiros dias (fotos 18, 19, 20, 21 e 22):

Foto 18. Nascer do sol. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, 1991.

Foto 19. Sequência do nascer do sol. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, 1991.

Foto 20. Primeiro pôr do sol pantaneiro. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, 1991.

Foto 21. Segundo pôr do sol pantaneiro. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, 1991.

Foto 22. Terceiro pôr do sol pantaneiro. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, 1991

Sinfonia pantaneira

Fim de noite.
Escuridão total.
De repente, lá bem longe,
Tão longe quanto a saudade,
Um som vem a quietude quebrar.

Como um despertador natural
Canta o arancuã, ainda madrugada,
Que-ro-ca-sá, que-ro-ca-sá!
Que-ro-ca-sá, que-ro-ca-sá!
Primeiro instrumento da orquestra a afinar.

Logo, nas copas dos manduvis,
Nas figueiras e carandás,
Araras e maritacas despertam.
Uma grasna daqui, outra responde de lá
Mais instrumentos sinfônicos a se preparar.

A movimentação aumenta.
Ainda há apenas vultos para enxergar.
Melhor então é fechar os olhos...
Facilita muito para ouvir e sentir
O ensaio de um show prestes a iniciar.

Falta só o regente
Que aos poucos, imponente,
Lá no fim do horizonte aponta.
Um raio de luz dispara como batuta
Anunciando que o espetáculo vai começar.

Respondem ao comando, rapidamente,
Todas as aves, numa hierarquia natural.
Dos seus abrigos noturnos saem aos bandos
E, em sincronizadas e sucessivas revoadas,
Cantam tão alto que faz a pele arrepiar.

Com uma explosão de sons e cores
Nasce o dia no Pantanal.
Os olhos buscam explicação
Duvidam da beleza que vêm
Demoram um tempo para acreditar.

Num cenário exótico e singular
É movimentado o balé de aves e animais.
São jacarés, capivaras, macacos e tamanduás,
Colhereiros, anhumas, tuiuiús e biguás.
Uma exuberante fauna a se apresentar.

Passa a manhã, vem a tarde, mais um dia se vai.
O grande final está para acontecer.
O céu, no poente do maestro,
Apresenta um matiz sublime, indescritível,
Vermelho e laranja, azul e lilás a se misturar.

Neste momento, mareiam os olhos como corixos,
Rolam as lágrimas feito vazantes,
Brotam esperanças tal qual piracema,
Renova-se a vida, imitando os ninhais.
A natureza transcende e minha alma renasce neste lugar!

Autor: José Fonseca. Aquidauana, 1991

Depois da primeira aventura do dia os turistas retornam à pousada onde a mesa do café da manhã está sendo montada (foto 23). Mas antes mesmo de chegarem, no caminho de volta, percebe-se uma troca de câmeras e filmadoras entre eles, todos querendo mostrar as imagens que haviam conseguido. Sentam-se então para saborear o farto café da manhã. Quase tudo é feito na fazenda. Vários tipos de pão, requeijões, doces, bolos, manteiga, chipa, sucos, etc.:

Foto 23. Mesa do café da manhã de uma pousada em Aquidauana. Fonte: José Fonseca, 2010.

Em seguida, partem em grupos (que foram montados na véspera) para os passeios. No dia anterior a funcionária da recepção ou mesmo a dona da pousada pergunta a todos os hóspedes suas preferências. A partir daí então são montados os respectivos passeios do dia seguinte, lembrando que, normalmente, cada pacote dá direito a dois passeios por pessoa (foto 24). Se algum hóspede quiser fazer saídas extras, o preço será de R\$ 60,00 cada.

Foto 24. Algumas opções de passeios. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, 2010

São várias opções. Citando algumas delas temos caminhada; cavalgada (aqui são diversos passeios com duração variada (desde curtos até quase um dia inteiro entre a ida e a volta); passeio de barco no rio Aquidauana, baías e

lagoas; safári fotográfico com veículo (jipe); entre outras. A pousada também oferece turismo mais específico, como o que foi presenciado em 2011 com um grupo de 20 pessoas, entre estudantes e professores de biologia da UFRS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Um pacote diferenciado foi montado meses antes para atender às necessidades e solicitações feitas pelos visitantes. Munidos das licenças de IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, eles saíam duas vezes por dia: a tarde iam para os campos em um caminhão adaptado e, após o jantar, munidos de lanternas, redes, puçás, pequenas caixas e outros tantos equipamentos, saíam a pé pelo entorno na pousada. Quando retornavam da caminhada noturna – normalmente já se aproximava da meia noite – reuniam-se em uma área externa da pousada para catalogar tudo o que haviam capturado para estudos e pesquisas: eram cobras, lagartos, aranhas, sapos, rãs, e mais uma infinidade de insetos, anfíbios, répteis. etc. Permaneceram na fazenda por cinco dias (foto 25).

Foto 25. Alunos e professores de biologia da UFRS. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, 2011.

A pousada também está preparada para receber grupos de escolas, de crianças a adolescentes e já esta adaptando alguns itens de sua estrutura para receber a terceira idade. Outro diferencial é que foi construído um salão de eventos com quadros, equipamento de som, *data show*, etc. que comporta até 60 pessoas (foto 26).

Foto 26. Sala de eventos. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, 2011

Importante também notar que é cada vez mais crescente a venda de pacotes de viagem conjugados entre pousadas de Bonito e de Aquidauana, especialmente nas instaladas nas fazendas de gado. Abaixo um resumo sobre o município de Bonito:

Quadro 7 – O turismo em Bonito

O turismo em Bonito teve seus primórdios na década de 1970, quando algumas pessoas, amantes da ecologia e cientistas se vêem atraídos pelas raras belezas naturais. Neste período não havia um passeio organizado, nem uma mínima estrutura turística na cidade. O turismo como negócio, era visto por poucos. Os dois passeios turísticos que deram início à fama de Bonito foram a Gruta do Lago Azul, e o Balneário Municipal Rio Formoso.

Entre o final da década de 1980 e início da década de 1990, vão surgindo novos passeios turísticos em Bonito dentro de fazendas particulares. Um detalhe importante foi a formação, em 1993, da primeira turma de guias de turismo em Bonito e, neste mesmo ano, a profissão foi regulamentada pelo Governo Federal. Desde então, qualquer passeio só é possível se houver acompanhamento de uma guia cadastrado.

Atualmente, Bonito dispõe, em números aproximados, de 72 empresas entre hotéis e pousadas de pequeno a grande porte; mais de 30 operando no mercado; aproximadamente 100 guias de turismo credenciados pelo Ministério do Turismo; mais de 25 sítios turísticos, nos quais são oferecidas 33 atividades (foto 27); vários serviços de locação de automóveis, vans, motos e bicicletas; entre bares, restaurantes e lanchonetes existem mais de 40 opções. Além disso, o Município conta com um moderno centro de convenções e um aeroporto.

No painel de imagens da próxima página, (foto 27), estão algumas opções de visitação e passeios oferecidos, como mergulho ou descida de bóia no rio Sucuri, visita à Gruta da Lagoa Azul e Rafting no rio Formoso

Ver mais em: <http://www.correiodoestado.com.br/cidades/numero-de-turistas-em-mato-grosso-do-sul-cresce-122-em-seis-anos-e-est/231383/>

Fonte: Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comércio de Bonito-MS. Organização: José Fonseca, 2014

Foto 27. Alguns passeios em Bonito. Fonte: <http://www.turismo.bonito.ms.gov.br/fotos-videos/conheca-bonito>. Org. José Fonseca, 2014.

Como exemplo, citamos abaixo duas opções de pacotes conjugados oferecidos a turistas entre pousadas de Bonito e Aquidauana. O primeiro (quadro 9), é diferenciado (o preço também), e o segundo (quadro 10), um pouco mais comum.

Quadro 8 – Pacote VIP: Bonito – Aquidauana (Fazenda Barra Mansa)

Pacote conjugado VIP: R\$ 7.860,00 (não está incluída a parte aérea ida e volta (origem - Campo Grande - origem))

Traslado Aeroporto de Campo Grande / Wetiga Hotel de Natureza; Bonito

- 04 pernoites com café da manhã no Wetiga Hotel de Natureza em Suíte Premium;
- Passeios com transporte incluídos:
- Flutuação no Rio da Prata com almoço;
- Buraco das Araras;
- Gruta do Lago Azul;
- Passeio de Bote no Rio Formoso;
- Estância Mimosa com almoço;

Traslado terrestre Bonito / Aquidauana;

- Vôo panorâmico Aquidauana / Barra Mansa em aeronave monomotor;
- 03 pernoites com pensão completa no Barra Mansa em apartamento standard
- Passeios e atividades incluídas de acordo com o tempo disponível do hóspede:
- Caminhada em trilha;
- Passeio em barco motorizado pelo Rio Negro;
- Passeio à cavalo;
- Passeio de canoa pelo Rio Negro e baías adjacentes;
- Safáris em veículo 4x4;
- Observação de aves;
- Pesca esportiva (pesque e solte);
- acompanhamento das atividades tradicionais e modo de vida pantaneiro (de acordo com a programação da fazenda);
- Voo panorâmico Barra Mansa / Aquidauana;
- Traslado terrestre Aquidauana / Aeroporto de Campo Grande;
- Seguro viagem Plano Vip – Brazilian Assist.

Fonte: <http://www.viabrturismo.com.br/pacote-bonito-pantanal.shtml>. Acessado em dezembro/2014. Org. José Fonseca.

As condições e valores apresentados neste pacote vêm confirmar aquilo que diz Paixão (2005):

(...) O turismo, enquanto atividade econômica, ressalta as relações de segregação entre as classes sociais em qualquer que seja o modo de produção, já que, dentre as necessidades impostas ao fazer turístico, apresenta-se a disponibilidade de recursos financeiros e tempo livre, sendo estes requisitos indisponíveis à significativa parcela da humanidade. (PAIXÃO, 2005: p. 29)

Quadro 9 – Pacote conjugado comum: Bonito – Aquidauana

Preços (2015) por Pessoa em R\$				
Terrestre a partir de Campo Grande				
Opções de acomodação	Triplo	Duplo	Single	Criança
Aguapé + Zagaia - 28.Fev a 30.Abr + 01 a 30.Jun	2.300,00	4.770,00	5.870,00	2.860,00
Aguapé + Olho D´Água	3.510,00	4.110,00	4.770,00	2.660,00
Aguapé + Marruá	3.520,00	4.110,00	4.800,00	2.690,00
Aguapé + Chamamé	3.690,00	4.320,00	5.010,00	2.760,00
Aguapé + Cabanas	3.740,00	4.360,00	5.540,00	3.160,00
Aguapé + Olho D´Água - até 01. Fev + 01.Jul a 31.Ago	3.760,00	4.400,00	5.180,00	2.850,00
Aguapé + Wetiga	3.780,00	4.410,00	5.450,00	5.990,00
Aguapé + Zagaia - 01 a 27.Fev + 01 a 31.Mai	3.820,00	4.450,00	5.370,00	2.760,00
Aguapé + Águas de Bonito	3.830,00	4.460,00	5.390,00	2.810,00
Aguapé + Marruá - Jan + 01.Jul a 31.Ago + 19 a 31.Dez	3.860,00	4.460,00	5.210,00	3.040,00
Aguapé + Chamamé - 01.Jul a 31.Ago	3.910,00	4.530,00	5.210,00	2.980,00
Aguapé + Cabanas - Jan + 01.Jul a 31.Ago	4.100,00	4.720,00	6.040,00	3.530,00
Aguapé + Wetiga - 01 a 25 Jan + 01.Jul a 31.Ago	4.140,00	4.780,00	5.920,00	3.070,00
Aguapé + Águas de Bonito - Jan + 01.Jul a 31.Ago	4.190,00	4.840,00	5.840,00	3.120,00
Aguapé + Zagaia - 02 a 25.Jan	4.470,00	5.170,00	6.430,00	2.990,00

Fonte: <http://www.adventureclub.com.br/destinos-nacionais/regiao-centro-oeste/mato-grosso-do-sul/pantanal/pantanal-aguape-e-bonito-8-dias-janeiro-a-dezembro-de-2015>. Acessado em dezembro 2014. Não está incluída a parte aérea ida e volta (origem - Campo Grande - origem). Organização: José Fonseca

2.2.1 A tradição das comitivas no Pantanal de Aquidauana

Nas comitivas o ponteiro conhece muito bem os perigos que podem aparecer pelo caminho.

A trajetória histórica das comitivas (...) patenteia a lentidão de histórias assombradas pelo aceleração dos tempos recentes. É na viagem que se dá o momento de produção das práticas que consolidam e refazem a tradição, revestindo o trabalho das comitivas com couraças parcialmente resistentes ao 'mundo novo'. (LEITE, 2002, p. 193).

Uma das maiores tradições do Pantanal são as comitivas (fotos 28 e 29). Leite comenta que as comitivas, seus condutores e peões, sempre estiveram associadas à atividade econômica da bovinocultura, desde os primeiros instantes em que o gado se fez um tipo de riqueza no Brasil. (LEITE, 2002). São mais frequentes as que levam entre 900 e 1200 bois. Elas viajam há muito tempo por lá conduzindo gado, seja de uma fazenda para outra, dentro da própria fazenda, levando gado para leilões e frigoríficos ou para serem embarcados nos caminhões, as chamadas gaiolas boiadeiras, que normalmente aguardam em propriedades mais próximas às cidades, onde encontram melhores acessos, pois no Pantanal não entra gaiola boiadeira. Ela pode ficar na periferia, nas estradas, mas lá dentro elas não entram; nem na seca nem na chuva. É impossível. O terreno não permite. As comitivas também têm um importante papel que é o de preservação da cultura do pantaneiro, a sabedoria popular local. Devido ao tempo e ao conhecimento adquirido depois de tantas viagens transportando gado, os integrantes de uma comitiva sabem prever ou antecipar-se a situações que

difícilmente seriam percebidas por quem fosse inexperiente no serviço e que, caso ocorressem, poderiam colocar em risco os peões e a boiada:

Foto 28. Comitiva com 1100 cabeças. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, agosto, 2008.

Foto 29. Comitiva com 900 cabeças. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, julho, 2008

De todos, o mais experiente é o ponteiro, o peão que vai à frente; o chefe; o único que toca o berrante. Utiliza-o durante todo o percurso, emitindo diferentes toques, todos prontamente reconhecidos pelos integrantes da comitiva:

O Ponteiro lá na frente afinava de ensaio, a bôca no berrante. (...) Arrumando, a gritos e relhadas, assovios e palavrões, os peões da comitiva rebelavam o rebanho para o sinal da arrancada. A gritaria uníssona da peonagem avisava o Ponteiro de tudo pronto para partir. Lá na frente (...) regeu a orquestração da arrancada. (...) Nem mais um boi deitado. A boiada pegava melhor a cadência do Ponteiro que temperava a berrante o ritmo da marcha. (...) De quando em quando, mais como um suspiro do peão, vontade de desabafo, o berrante gorjeava uma saudade que para trás reboava longe, pra onde o céu abraçava a terra (OTERO, 1958: pp. 72 à 77).

Conhece muito bem o tempo apenas com a observação, sem o uso de nenhum instrumento ou tecnologia. Ele sabe quando vai chover, se vem temporal ou só um chuveiro, se vai fazer muito sol ou apenas mormaço. Aprendeu o momento certo para atravessar um rio e em que parte dele fazê-lo em segurança. Pelo costume, normalmente consegue se antecipar aos perigos e perceber, por exemplo, a presença de um bicho perigoso por perto, como onça, ou uma colméia de abelhas – e podem aparecer muitas pelo caminho. Estes, entre muitos outros conhecimentos, são o grande aliado da comitiva para se tentar evitar a pior coisa que pode acontecer quando se está conduzindo um lote de centenas de cabeças de gado: o estouro da boiada. Parece apenas letra ou título de música, mas não é. Quando acontece, torna-se uma situação de extremo perigo. Segundo relatos de peões, além das situações mostradas acima, raios e trovões também podem provocar o desastre. Leonardo Alonso, paraguaio de Conceição, atualmente peão de campo de uma fazenda

pantaneira, contou que no passado trabalhou em muitas comitivas: “Não existe nada pior e perigoso para uma tropa de comitiva do que o estouro de boiada. Você vem tranqüilo com o gado e, de repente, começa a correria. Ao mesmo tempo que você precisa controlar o gado, tem que tomar muito cuidado pra não morrer. O gado vem pra cima, fica muito assustado. É um perigo, afirmou Alonso” (Pesquisa de Campo, Aquidauana, 2012).

Outra situação comum quando se está conduzindo gado ocorre quando a boiada está atravessando o asfalto. Alguns motoristas não têm paciência de andar devagar enquanto passam por ela. Então, o som de um escapamento ou de uma buzina pode provocar o estouro. Para evitar isso, nessas ocasiões, vão dois bandeirinhas. Um bem lá na frente e outro atrás, sinalizando para os motoristas, avisando a presença de comitiva.

A estrutura de uma comitiva, dependendo da quantidade de bois, pode alterar um pouco quanto ao número de peões, mas, frequentemente, é formada da seguinte maneira: dois fiadores que ficam logo atrás do ponteiro – dos lados da comitiva. Um pouco mais atrás ficam os dois meeiros, e mais atrás o condutor e seus ajudantes, os culatreiros – ou culateiros – pois ficam na culatra. Eles ‘fecham’ o gado evitando que algumas cabeças fiquem para trás e não acompanhem o resto da boiada. O número total de integrantes de uma comitiva pode variar de acordo com o número de bois que estão sendo transportados. É um sistema que funciona, evita estouros, diminui o risco do gado se dispersar. É uma questão de honra para qualquer peão de comitiva não perder nenhuma cabeça durante o percurso.

Apresentamos a seguir, uma curiosidade interessante sobre a técnica exigida de todo ponteiro experiente ao tocar o berrante:

Quadro 10 Toques principais do berrante

Saída solta

Quando amanhece o dia e a boiada vai sair para uma nova marcha, deixando o local onde passou a noite, esse toque é usado. O ponteiro espera o peão que vai fazer a contagem das cabeças chegar até a porteira e então toca o berrante.

Estradão

Esse toque é usado quando a boiada pega o corredor. Ela vai seguindo o ponteiro, naquele passo lento e calmo. Vez em quando ele ‘buzina’. Quem presencia uma cena destas, vendo mais de mil bois em comitiva, no meio do Pantanal, certamente nunca mais esquecerá. É uma imagem impressionante, que emociona, e ficará gravada para sempre na memória.

Rebatedoro

(Toque de perigo)

Este toque é usado quando existe qualquer situação de perigo ou emergência. Serve para chamar um peão que está no meio da boiada para que fique junto do ponteiro e o ajude, por exemplo, se estiverem chegando em um local onde haja o risco de um espalhamento da boiada.

Queima do alho

(Hora do almoço)

O cozinheiro parte algumas horas na frente da comitiva para que, quando se encontrarem bem mais à frente, a comida já esteja pronta. Então, quando o ponteiro o avista, depois de horas na estrada, executa este toque para que os peões, ao ouvirem, acelerem a marcha da boiada. O boi, condicionado que fica, também aprende e, ao ouvi-lo, apressa o passo, pois sabe que está chegando a hora de descansar e beber água.

Fonte: Pesquisa de Campo. Organização: José Fonseca. Aquidauana, 2009.

Existe um quinto toque chamado 'Floreia', que não é necessariamente obrigatório, visto que é utilizado apenas para divertimento dos peões. É livre. Pode ser uma música por exemplo.

Um dia de viagem de uma comitiva é chamado de marcha. Uma marcha gira em torno de 12 km, às vezes um pouco mais ou um pouco menos. Depende do terreno, de situações ocorridas durante a marcha.

As comitivas ainda são frequentes no Pantanal. Apesar da rapidez das 'gaiolas boiadeiras' (fotos 30 e 31), a preferência ainda é pelas comitivas, mesmo porque nenhum caminhão consegue adentrar em determinados locais do Pantanal. Mas outro motivo que pesa muito pela escolha da retirada ou da entrega de bois através de uma comitiva tradicional em detrimento de viagens feitas através das gaiolas boiadeiras é o custo.

Pode-se fazer a seguinte comparação: para cada R\$ 1,00 pago no trabalho de uma comitiva, serão gastos R\$ 5,00, em média, numa gaiola boiadeira. Essa é a proporção. Isso ocorre porque na comitiva, o custo é de um salário mínimo por marcha, lembrando que uma marcha equivale a um dia de viagem. Já nas gaiolas boiadeiras – os caminhões - além de não conseguirem atingir muitos pontos do Pantanal devido à precariedade das estradas, o custo é calculado da seguinte maneira: a cada km rodado é cobrado R\$ 2,60, sendo que esse valor é sempre dobrado, ou seja, considera-se o total de quilômetros da ida e da volta de cada viagem. Outro detalhe. Uma comitiva leva, em média, mil bois. É fácil imaginar quantos caminhões seriam necessários para transportar essa quantidade levando-se em consideração que cada caminhão consegue carregar, por viagem, entre 18 e 22 bois.

A tabela abaixo exemplifica melhor a diferenças de custo entre bois levados por uma comitiva e nas gaiolas boiadeiras. Para a confecção desta tabela comparativa do custo atual para o transporte de gado no Pantanal foram considerados os seguintes dados:

- Total de cabeças a serem transportadas: 1000
- Distância entre duas fazendas = 240 km;
- Um dia de marcha = 12 quilômetros;
- Salário mínimo = R\$ 678,00 (1 de janeiro de 2013);
- Valor do quilômetro rodado pelos caminhões = R\$ 2,60 (x 2 = ida e volta);
- Capacidade de carga do caminhão = 20 bois;
- Para calcular a duração da viagem dos caminhões, considerou-se que serão utilizados cinco caminhões e que cada um fará uma viagem por dia (ida e volta);

Tabela 1 - Custo de transporte do gado em comitiva - 2013

COMITIVA	Total
Duração da viagem	20 dias
Custo final (20 x R\$ 678,00)	R\$ 13.560,00

Fonte: Pesquisa de Campo. José Fonseca. Aquidauana, 2013.

Tabela 2 - Custo de transporte do gado em Gaiola Boiadeira - 2013

GAIOLA BOIADEIRA	Total
Número de viagens	50
Duração total das viagens	10 dias
Valor (50 x 240 km x R\$ 2,60 x 2)	R\$ 62.400,00

Fonte: Pesquisa de Campo. José Fonseca. Aquidauana, 2013.

Outra vantagem, segundo afirmação de alguns fazendeiros, é a de que no caminhão, o gado fica bastante estressado, podendo, inclusive, influenciar na qualidade da carne. Na comitiva não. Os bois vão pastando, tomando água, viajando devagar. Dr. Roberto Aguilar Machado Santos Silva, pesquisador da Embrapa Pantanal (Corumbá/MS), na área de Sanidade Animal, afirma que uma das etapas mais importante no sistema de produção de bovinos de corte que pode comprometer o bem-estar é o transporte.

Este é considerado o evento mais estressante que os bovinos sofrem durante as suas vidas. Ele continua e diz que atualmente há preocupação em muitos países com os efeitos do transporte e o seu manejo sobre o bem-estar animal. Na Europa os animais são considerados como seres sencientes*. Isso demonstra que, ainda hoje, as comitivas pantaneiras resistem e ainda vão continuar por muito tempo, embora em algumas regiões, mudanças causadas pelas imposições da modernidade já sejam sentidos, como por exemplo, a pressão para a diminuição do tempo entre a saída e a entrega do gado. Leite afirma:

As comitivas, seus condutores e peões, sempre estiveram associadas à atividade econômica da bovinocultura, desde os primeiros instantes em que o gado se fez um tipo de riqueza no Brasil (LEITE, 2002, p. 93).

*Conforme tratado da União Européia, também conhecido como “Tratado de Amsterdã”, de 2 de outubro de 1997. O tratado reflete a preocupação com a qualidade de vida dos animais. Desde a década de 1970, os cientistas estão tentando definir ou conceituar o bem estar dos animais. Uma definição de bem-estar bastante utilizada foi estabelecida pela FAWC (Farm Animal Welfare Council), na Inglaterra, mediante o reconhecimento das cinco liberdades inerentes aos animais:

1. A liberdade fisiológica (ausência de fome e de sede e desnutrição);
2. A liberdade ambiental (edificações adaptadas, conforto térmico e físico);
3. A liberdade sanitária (ausência de doenças e de fraturas);
4. A liberdade comportamental (possibilidade de exprimir comportamentos normais), expressar o comportamento característico da espécie;
5. A liberdade psicológica (ausência de medo, de ansiedade ou estresse intenso ou prolongado). Fonte: Embrapa Pantanal - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Corumbá/MS. Organização: José Fonseca, 2009.

Foto 30. Embarque de bois em uma Gaiola Boiadeira dupla, de alumínio. Fonte: Pesquisa de Campo. José Fonseca. Aquidauana, 2010.

Foto 31. Embarque de gado numa Gaiola Boiadeira convencional, com carroceria de madeira. Fonte: Pesquisa de Campo. José Fonseca. Aquidauana, 2010.

Na comitiva, o cozinheiro é o ‘comitiveiro solitário’.

“O cozinheiro, ajeitando as bruacas com os trens de cozinha nos cargueiros sôbre os burros, largou estradão adiante.” (OTERO, 1958: p. 72)

Foto 32. Cozinheiro de comitiva. As oito caixas são as bruacas (caixas de madeira encapadas com couro). Contém todo o equipamento da cozinha, os mantimentos, além dos pertences dos peões. Fonte: Pesquisa de Campo. José Fonseca. Aquidauana, 2009.

O cozinheiro é muito respeitado numa comitiva. Sai sempre mais cedo e vai trotando com a tropa de burros de carga, isto é, de seis a oito animais normalmente. Cada um carrega duas bruacas – caixotes de madeira forrados com couro – levando todos os utensílios da cozinha, os mantimentos, além dos pertences dos peões. Ele conhece todo o percurso e já tem na cabeça os lugares em que acontecerão as paradas. Ao sair, informa os demais companheiros onde será a próxima.

Quando chega ao local, descarrega as bruacas, estende a lona, monta o fogão – chamado de ‘trempe’ – e começa a fazer a comida. Ao chegar, os peões dividem-se em dois grupos: enquanto um vai almoçar a outra metade fica tomando conta do gado. Depois trocam. O cozinheiro chega, aproximadamente, três horas antes da comitiva. Ele é um ‘comitiveiro’ solitário. Fora a hora da refeição, está sempre sozinho. É peça fundamental numa comitiva. Ninguém mexe em absolutamente nada que estiver sob sua guarda.

Outro relato, agora de Orestes Rodrigues dos Reis, 73 anos. Ele nasceu e mora em Aquidauana, no Mato Grosso do Sul. É proprietário da fazenda Copacabana, no mesmo município e conhece muito bem o trabalho e as aventuras de integrar uma comitiva.

Existem alguns rituais no universo das comitivas que se tornaram conhecidos a partir de entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo com peões e cozinheiros, quando do encontro de algumas delas durante as viagens ocorridas na região do Pantanal de Aquidauana. São alguns procedimentos que os integrantes de uma comitiva devem seguir à risca. Se um peão infringir algum deles, poderá sofrer um castigo, terá de pagar uma ‘prenda’ aos outros componentes do grupo. Normalmente esta prenda se traduz na compra de uma galinha, ou de um porco, ou de uma leitoa. Será comprada pelo cozinheiro e o valor será descontado do pagamento do peão infrator. Trata-se de uma mistura de crença, higiene, organização e superstição. Mas, independentemente do significado ou do sentido que estas regras procurem alcançar, elas são rigorosamente obedecidas por todos. Eis algumas delas:

Quadro 11 Regras a serem seguidas pelos integrantes da Comitiva

- O cozinheiro deverá estar sempre de camisa e chapéu ao cozinhar;
- Ao se servir, o peão nunca poderá tirar a tampa de uma panela e colocá-la ao lado, apoiada sobre alguma coisa. Ele deverá levantá-la com um dos dedos e, com os outros, irá segurar o prato. Com a mão direita ele se serve;
- As bruacas serão colocadas sobre pedaços de madeira, nunca diretamente no chão;
- A água limpa fica em uma lata. De cada lado desta lata existe uma caneca pendurada. Deve-se pegar a água com a caneca do lado direito e despejá-la na do lado esquerdo, quando só então será tomada. Isso evitará que a caneca que tem contato com a boca entre em contato com a água da lata;
- As tampas das bruacas deverão abrir na direção em que a comitiva está viajando. Este mesmo sentido deverá ser seguido pelos peões na hora de se servir nas refeições. Dizem que dá sorte;
- É proibido tirar o chapéu no momento de se servir. Quem o fizer, certamente levará um castigo.

Fonte: Pesquisa de Campo. José Fonseca, Aquidauana, 2010.

2.2.2 A mulher pantaneira. Do difícil começo ao desenvolvimento das atividades formais com o advento do turismo

Não deve ter sido nada fácil a vida das pessoas que se aventuraram pelos interiores do Pantanal do Mato Grosso do Sul em tempos passados. Se, mesmo atualmente, muitas e muitas décadas depois, a vida de quem vive naquelas paragens não é fácil, é possível imaginar como foi na época dos pioneiros.

Pantanal adentro, abstinham-se de qualquer tipo de conforto, segurança, amparo médico, lazer, enfim, era como se sua vida começasse do zero; tudo praticamente era deixado para trás e, a partir daquele momento, a vida se resumiria em trabalho árduo, muitas vezes perigoso, num ambiente hostil que, certamente, não facilitaria em nada os dias que estavam por vir:

Para os migrantes, a memória é inútil. Trazem consigo todo um cabedal de lembranças e experiências criado em função do outro meio, e que de pouco lhes serve para a luta cotidiana. (...) Suas experiências vividas ficaram para trás e nova residência obriga a novas experiências (SANTOS, 1999, p. 263).

Sophia Mascarenhas Diacópolis Rondon (foto 33), 90 anos, é filha de pai grego e mãe aquidauanense. O marido era Antonio da Costa Rondon, mais conhecido por Totó Rondon. Fazendeira nascida e criada em Aquidauana, ela conta que, quando casou, aos 18 anos, foi para a fazenda, no meio do Pantanal. Apesar de ter nascido em Aquidauana ela disse que não conhecia o Pantanal do Rio Negro, onde se localiza a fazenda, que é bem mais interiorizada.

“Na fazenda não tinha luz, não tinha água encanada, não tinha conforto nenhum, nem um banheiro decente. Eram aqueles banheiros no fundo do quintal. O banho era tomado no quarto, numa bacia com caneco. Esse foi o meu começo de vida no Pantanal.”, conta.

Foto 33. Sophia Rondon. Fonte: Pesquisa de Campo, José Fonseca. Aquidauana, 2007

“Eram tempos difíceis. Na época o único meio de comunicação era um telégrafo que existia na fazenda vizinha, a Rio Negro. O marechal Rondon havia feito uma linha telegráfica que ia daqui de Aquidauana até a Fazenda Firme, que ficava em Corumbá. Essa linha passava pela Fazenda Rio Negro que possuía uma estação telegráfica, Morse ainda. Esta estação funcionou por muitos anos, até 1945, 46. Até que foi desativada. Esse era o nosso meio de comunicação. Tinha dois horários: às seis da manhã e às três da tarde. Neste período a gente tinha que, ou passar um telegrama, ou receber as notícias que vinham de fora.”

“A distância entre a Tupanceretã e a Rio Negro era de quatro léguas, ou 24 quilômetros. Nós tínhamos um funcionário que era encarregado de fazer esse trajeto todos os dias. Seu serviço era o de ir pela manhã, levar algum telegrama que meu marido quisesse passar – ele vendia muito boi para os frigoríficos de São Paulo – e pegar todas as notícias que haviam chegado, como telegramas que eram trazidos para a fazenda.”

Depois de um breve intervalo, continuou: “Minha vida lá era boiadeira. Eu montava cedo a cavalo e saía. Muitas vezes de revolver na cinta. Eu era como se diz, um peão de campo; o tropeiro da comitiva. Eu saía de manhã e levava os animais (os cavalos) para a troca no campo. Chegava lá, os peões trocavam de animal. Eles ficavam trabalhando o gado, varando rodeios, curando bezerros. Eu também levava a matula, a refeição dos peões no campo. Era uma vida rude, mas muito gostosa porque o Pantanal é um lugar que encanta a

gente.” Mais à frente, contou que chegaram a ter 21 mil cabeças de gado e que, quando vendiam lotes, principalmente para os frigoríficos de São Paulo, o transporte era realizado através de comitivas e que eles tinham 21 peões só para esse serviço.

No final, ela fez um comentário que foi ao encontro do que foi escrito em partes anteriores deste texto no que se refere ao relacionamento entre patrões e peões: “Tive grandes companheiros na fazenda, amigos e fiéis, como o nosso capataz Deodato e sua esposa, a Maria, que se casaram lá na fazenda e nos ajudaram bastante a construir esse patrimônio todo que temos hoje.”

Em 1941, a fazenda Tupaceretã foi dividida em três fazendas menores que ficaram para os três filhos. (Fonte: Pesquisa de Campo: entrevista. José Fonseca. Aquidauana, 2007).

Maria Lescano Barata (fotos 34 e 35). Trabalhou para Sophia Rondon na fazenda; Conheceu o marido, Deodato, na Tupanceretã (ele era o capataz). Moraram lá por 32 anos. Seu Deodato era zagaieiro - caçador de onça com zagaia, uma espécie de lança. Levava os filhos e amigos de Sophia para participarem de caçadas lá pelos idos dos anos de 1950. Maria quase sempre acompanhava o marido. Numa destas oportunidades ele sofreu um ataque.

Maria relatou:

“Estava com o Deodato nessa caçada. Comecei a ouvir os latidos dos cachorros bem perto e o miado dela, que estava acuada por eles e bem brava. Já tinha acertado um de raspão. Quando a gente tava esperando pra ver o que ela fazia, ela veio correndo atrás de um dos cachorros e deu de cara com a gente. O Arnaldo, companheiro do Deodato nas caçadas, conseguiu acertar uma espetada nela com a zagaia, mas ela deu um pulo pro lado e escapou. Os cachorros foram atrás. Ficou acuada de novo pelos cachorros. Era um terreno sujo, de brejo, com um capinzeiro muito alto, cheio de japecanga, um tipo de cipó. Deodato foi aproximando com o Arnaldo. Ela apareceu de repente e pulou. Quando o Arnaldo foi levantar a zagaia pra defender o amigo do ataque do bicho, a lança enroscou naquele cipó que tinha. Ela foi pra cima do meu marido. Ele caiu de joelhos com os braços protegendo a cabeça. Não adiantou. Ela deu uma patada na cabeça dele, mordeu o cotovelo e enterrou as unhas no ombro esquerdo dele. Isso durou só alguns segundos. O Arnaldo conseguiu sacar o revólver e deu um tiro no ouvido dela. Ela caiu morta. Deodato tava que era só sangue. Puseram ele na chalana. Ele só não morreu porque o seu Cavalheiro, que era um piloto que atendia as fazendas da região viu a gente lá embaixo porque ele voava sempre bem baixinho com o avião ele viu o pessoal acenando, pedindo socorro. Conseguiu descer numa praia perto dali e levou o Deodato pra Aquidauana. Ele tomou 32 pontos só de um lado cabeça. A onça descolou todo o couro cabeludo dele, fez um buraco no ombro e quase rasgou o cotovelo. Não morreu por muita sorte” (Pesquisa de Campo. Fonte: José Fonseca. Entrevista realizada em Aquidauana, 2007).

Foto 34 e 35. Maria Lescano Barata em dois momentos. À esquerda, na sua casa em Aquidauana e, à direita, segurando um macharrão abatido por seu marido na fazenda Tupanceretã (1961, álbum da família). Fonte: José Fonseca. Pesquisa de Campo. Aquidauana, 2007.

O turismo nas fazendas de Aquidauana trouxe emprego e estabilidade, principalmente às mulheres pantaneiras.

A fazenda São José tem uma área de 8 mil hectares e aproximadamente 3 mil cabeças de gado nelore. O proprietário conta que apesar do sucesso com o turismo, não existe a menor hipótese em terminar com o gado. "A pecuária tá no nosso sangue; tá embrenhada na nossa cultura, na nossa tradição. Eu não consigo imaginar o Pantanal sem boi". Yázigi (2001) parece concordar quando diz: "O que são fazendas sem cheiros de cavalo e vaca?" (YÁZIGI, 2001: p. 42).

Além disso, continua João, "tem todo o nosso pessoal que, antes de qualquer coisa, são pantaneiros de alma e coração", afirmou. Ele conta que

acha muito importante e que é a sua maior preocupação o fato de tomar o maior cuidado para nunca descaracterizar o lugar, nem as pessoas. “Se isso acontecer, tudo perde completamente o sentido”, diz. Mais uma vez Yázigi parece corroborar com este pensamento quando afirma: “Homem apaixonado pelo meio cria a alma do lugar.” (YÁZIGI, 2001: p. 45).

Referindo-se à geração de emprego pela atividade do turismo na fazenda, Vânia Murano, proprietária da Pousada Aguapé, relata que, se fosse só com a pecuária, para tocar a propriedade, bastaria seu marido, ela, seus filhos e mais três ou quatro peões. Se houvesse necessidade, nas épocas de pico, como vacinação ou brincagem, era só contratar diaristas e pronto. “Hoje, na pousada, eu tenho 17 funcionários fixos – a maioria mulheres – e, na época das férias, chego a ficar com 25 pessoas trabalhando.”

Como pôde ser constatado cerca de 70% dos colaboradores são mulheres. Trabalham na recepção como recepcionistas, gerentes; como cozinheiras, copeiras, arrumadeiras, babás, etc. (foto 34). O interessante também é que todas têm a carteira assinada. Fabiana nos conta que antes do turismo chegar à fazenda era quase impossível conseguir trabalho com carteira assinada. Ela diz: “melhorou muito de uns tempos praça. A gente nunca conseguia serviço e quando conseguia, era tudo por fora” (Pesquisa de campo. Entrevista. Aquidauana, 2012). Carla Reis, proprietária da Fazenda Copacabana, conta que, “antes do turismo, tudo era operado na informalidade” (Pesquisa de Campo. Entrevista. Aquidauana, 2012). Na verdade, os homens continuaram nos seus afazeres típicos da fazenda, mas quem realmente faz as pousadas funcionarem são as mulheres (foto 36). Isto foi facilmente percebido quando das diversas viagens realizadas às muitas fazendas e pousadas da região.

Foto 36. Mulheres pantaneiras em atividade. Fonte: José Fonseca. Aquidauana, 2010.

Quanto à pecuária extensiva e o transporte do gado em comitivas, um modo bem específico tanto de criação como de manuseio, vêm de encontro aos anseios e às exigências mundiais, integrando-se à produção capitalista globalizada, pois atende a muitas exigências referentes à saúde animal e à qualidade final da carne produzida, itens relacionados diretamente ao consumo humano. O gado criado nesta forma extensiva no Pantanal não recebe nenhum tipo de anabolizante ou reforço alimentar. Além do pasto, o sal mineral (foto 37), é o único complemento que recebem, além, é claro, das vacinas. É o que chamam de boi verde.

Foto 37. Gado recebendo sal mineral no cocho. Pesquisa de Campo.
Fonte: José Fonseca. Aquidauana, 2010

3.

Capítulo III

O turismo na região pantaneira de Corumbá

3.1 A pesca em Corumbá e o surgimento dos Barcos Hotéis.

Corumbá, conhecida como a "Capital do Pantanal", é uma cidade portuária e já teve muita importância na história entre o final do século XIX e o início do século XX (quase chegou a ser a capital do Estado). Devido a sua posição estratégica, o trecho do rio Paraguai permitia a navegação de grandes embarcações sendo este, também, o único meio de se chegar à cidade na época (OLIVEIRA, 1998, p. 14). Isto permitiu que fosse um importante entreposto fluvial de Cáceres e Cuiabá. Também conhecida por "Cidade Branca", nome este dado em virtude do calcário existente em sua terra, Corumbá há décadas atrai pescadores para a região. Sejam amadores, profissionais ou esportivos, apresenta atualmente grande movimentação de barcos hotéis e também de pousadas voltadas aos praticantes da pesca de todos os cantos do país e também do exterior (PAIXÃO, 2005, p. 127).

Em Corumbá, a presença de pescadores sempre foi grande devido a alta piscosidade de seu principal rio – o Paraguai – e de seu afluentes. Mas a pesca esportiva teve seu grande impulso a partir da década de 1970. Conforme a Embrapa Pantanal (2008), em Corumbá, o setor turístico pesqueiro estruturou-se para oferecer barcos hotéis e pousadas que se dedicavam exclusivamente à atividade da pesca esportiva o que incluía transporte, hospedagem, alimentação e serviços especializados. Isso fez com que Corumbá se tornasse um dos principais destinos dos pescadores esportivos.

O grande evento ocorrido no início dos anos 1970 foi o surgimento dos barcos hotéis que começaram a navegar pelo rio Paraguai e vizinhanças. Um

paulista foi o pioneiro foi Orozimbo Decenzo, o Zimbo, como era conhecido em Corumbá, que teve a idéia e lançou a Cabexy, uma embarcação de porte, com muitas modificações e adaptações idealizadas para atrair o pescador esportivo. A aceitação foi grande: “Quando inaugurei a Cabexy, há mais de 30 anos, não havia nada parecido. No início era um “Botel”, um barco grande que servia como apoio e restaurante. Pra você ter uma ideia, atualmente, existem mais de 80 embarcações, de vários tamanhos só aqui na região de Corumbá”, afirmou Decenzo em entrevista². Todos os barcos hotéis seguem praticamente o mesmo procedimento. São fechados pacotes, normalmente entre cinco e sete dias.

O número de pescadores varia de acordo com a capacidade da embarcação. Pelo pioneirismo, a Cabexy será usada como exemplo. Sua lotação é de 8 pessoas. Parte de Corumbá rebocando quatro barcos menores (6m), equipados com motores de 25HP. Navega um trecho de aproximadamente 350 quilômetros, rio Paraguai acima, até Porto Índio. É comum navegar durante a noite em direção aos pesqueiros. Chegando próximo aos locais de pesca, ancora, e então os pescadores, dois a dois, sobem nos barcos menores. Cada barco sai com um piloteiro que, invariavelmente, é um experiente pescador ribeirinho da região. A embarcação possui restaurante, quatro suítes duplas com ar-condicionado, TV, etc., além de 11 tripulantes (foto 38 e 39). (Pesquisa de Campo. José Fonseca. Corumbá, 2014).

²Entrevista realizada com Orozimbo Decenzo, o Zimbo, proprietário do barco hotel Cabexy e Cabexy II. Fonte: José Fonseca. São Paulo, 2010.

Foto 38. Barco Hotel Cabexi II. Fonte: Pesquisa de campo. José Fonseca. Corumbá, 2014

CABEXY - A NAVE-MÃE DO PANTANAL

- 4 suites com ar condicionado
- Restaurante a la carte
- Deck solarium
- 4 barcos de alumínio com motor de 25 HP
- TV e vídeo cassete, FM, rádio telefone, freezers, rádio transmissor, serviço de bar

PANTANAL TOURS - PESCA, TURISMO E LAZER
 Rua Manoel Cavassa, 61 - Fones: (067) 231-4683 - 231-1559
 Fax: (067) 231-2523 - CEP: 79.300 - Corumbá - MS

Foto 39. Anúncio publicado na revista Aruanã, edição de setembro/1987. O proprietário Orozimbo está segurando o dourado. Revista de propriedade do autor. José Fonseca, 2014.

Segundo a Associação Corumbaense das Empresas Regionais de Turismo (ACERT, 2014), a cidade conta com uma estrutura de barcos para pesca amadora fluvial que é, provavelmente, a maior da América do Sul. Empregam diretamente, 4.130 marítimos, 179 funcionários na área administrativa e movimenta ainda, aproximadamente, 480 profissionais liberais para a manutenção das empresas e embarcações, tais como mecânicos, marceneiros, encanadores, soldadores, pintores, eletricitas, costureiras, entre outros. Joyce Carla Santana Marques, presidente da associação, destacou a importância de que “qualquer ação que envolva o turismo de pesca em Corumbá depende da união de todos os interessados, pois este segmento é único e merece atenção constante das autoridades competentes” (Pesquisa de Campo. Corumbá, 2014).

O economista e coordenador do Observatório do Turismo, da Fundação de Turismo do Pantanal, Ronan Xavier Machado, contou, em entrevista realizada (março, 2014), que em 2013 foi feito pela primeira vez um trabalho cuja intenção foi quantificar e revelar para a cidade o que é, o que representa o turismo de pesca na cidade de Corumbá. Segundo Machado, a pesca em Corumbá tem cerca de 30 anos e o primeiro desenvolvedor do turismo de pesca em Corumbá, o primeiro que começou a montar pacotes e trazer turistas de todas as partes do Brasil foi Orozimbo Decenzo, o inventor do barco hotel. Continua dizendo que até mais ou menos os anos de 2000, 2002, a pesca em Corumbá era bastante exploratória. Depois que foram se iniciando aquelas preocupações com a quantidade de peixe que vai ser levada, aos 10 quilos mais um exemplar, etc. O fato é o seguinte. Antigamente o estoque pesqueiro era muito maior. Em qualquer ponto aqui do rio Paraguai – mesmo aqui na rua

do casario do porto, era só jogar a isca para pegar grandes peixes como pacus, pintados, dourados, entre outros. “Se desse fome, ou na hora do almoço, ou em qualquer horário, era só ir até o rio e, em meia hora de pescaria no máximo, o peixe já estaria na panela. Atualmente é necessário navegar cada vez para mais longe para se conseguir realizar uma boa pesca, com a captura de bons peixes”, afirma Machado.

Com essa herança de exploração que houve com o turismo de pesca o próprio corumbaense tinha uma certa aversão a essa prática, pois ele a relacionava com degradação ambiental, com a prostituição, que já foi um problema muito sério aqui na cidade, etc. Então chegou-se à conclusão de que era necessário mostrar para a população que o turismo de pesca é muito importante, pois fomenta a economia local e emprega muita gente. “Então vamos quantificar isso e mostrar para a sociedade que – mesmo com os erros que existem e precisam ser arrumados – o que o turismo de pesca traz de positivo”.

Foi aí que se resolveu fazer todo esse levantamento³ em 2013 que apresentou, entre outros números, quantos turistas vieram pescar em Corumbá neste ano, quanto eles movimentaram, qual o impacto socioeconômico (a questão do emprego, principalmente) e neste trabalho nós comentamos, por exemplo, sobre o piloteiro (foto 40). Não fosse pelo turismo de pesca – que segundo Ronan tem um cunho muito social – não teriam a menor chance no mercado de trabalho – pois muitas vezes, não têm nem o ensino fundamental ou são mesmo analfabetas, “mas possuem um conhecimento impar do rio, de tudo o

³Mais informações no site <http://www.corumba.ms.gov.br/noticias/para-conhecer-melhor-o-turista-corumba-lanca-o-observatorio-do-turismo/14768/>. Acessado em setembro de 2013.

que envolve essa vida no rio Paraguai, que nenhuma outra pessoa tem. Por isso todos recebem um salário que varia entre R\$ 1.500,00 e R\$ 1.900,00. “Eles sabem ‘ler’ os sinais da natureza; a lua, a cor da água, as nuvens, a mudança brusca dos ventos, da temperatura; se o tempo vai virar (mesmo o céu estando todo azul); onde o peixe está mais ativo, etc.”, declarou Ronan. O turismo de pesca acaba captando estas pessoas, principalmente os ribeirinhos e termina por colocá-las no mercado de trabalho possibilitando renda para as suas famílias. Ronan continua, dizendo que “aqui em Corumbá a pesca ainda é vibrante e já está se pensando na cota zero (pescue e solte), mas isto é assunto que será muito discutido por envolver vários setores”.

Foto 40. Piloteiros acompanhando pescadores no rio Paraguai. Na imagem do centro o piloto Paulo e seu filho Guilherme. Pesquisa de Campo. Fonte: José Fonseca, Corumbá, 2014.

Foto 41. Barcos hotéis no rio Paraguai. Atualmente, o Kalypso (imagem central), é o maior deles; sua capacidade total é de 70 pessoas. É equipado com 22 camarotes triplos (1 cama baixa e 1 beliche); 2 camarotes com camas de casal; 2 camarotes duplos (cama baixa); Camarotes com ar e banheiro privativo. Fonte: José Fonseca. Corumbá, 2014.

Para se ter uma idéia melhor da sofisticação a que pode chegar um barco hotel, algumas imagens da estrutura interna do Kalypso (foto 42):

Foto 42. Imagens internas do barco hotel Kalypso. Fonte: Joyce Pesca & Tur Pantanal. Corumbá, 2014

3.2 Turismo em Corumbá: perspectivas e limites do desenvolvimento

Aquidauana e Corumbá encontram-se situados no bioma do pantanal do Estado de Mato Grosso do Sul. Existe forte identidade cultural e sentimento de solidariedade, desenvolvidas sobre práticas sociais de fé, de trabalho conjunto, compartilhamento de recursos naturais escassos e uso comum da terra para criação de animais, grande parte das famílias sobrevivem de uma atividade ligada ao turismo amador e sem planejamento estrutural. Quanto aos condicionantes humanos, social, político e ambiental, as indicações são as recorrentes de todos os estudos, demandas e propostas:

- Prioridade para a educação formal, acesso aos serviços de saúde e oportunidades de trabalho, de tal forma a reconstruir o capital humano no espaço de uma geração;
- Mobilização, organização, valorização cultural, capacitação, participação e desenvolvimento institucional para construir o capital social do setor do turismo;
- Renovação das práticas políticas e garantia de acesso às políticas públicas, para redução da dependência e avanço da gestão social;
- Inovações com tecnologias apropriadas e ecologicamente amigáveis, valorização dos recursos locais, difusão de conhecimentos contextualizados, “saber fazer” democratizados, diversificação econômica, para melhor usar os recursos naturais e preservar o ambiente.

Em todos os casos, faz-se necessário: investimentos públicos e privados focados nos pólos de produção do turismo, proteção social dos grupos mais

frágeis, informação, capacitação e assistência técnica de qualidade. Sem esquecer os enfoques transversais temáticos da maior importância, tais como gênero, geração, raça e etnia.

Machado afirmou em entrevista que os grupos de danças (foto 43 e 44), mantêm a tradição regional de suas origens como a dança do siriri e do cururu, trabalhadas nas festas religiosas, que são encontradas nos municípios tradicionais da orla pantaneira dos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Trata-se de uma cultura que vem sendo mantida pelas pessoas mais velhas, as quais se empenham em tentar passar e despertar o interesse dos mais jovens para que a tradição não se perca (entrevista. Pesquisa de Campo. Corumbá, 2014). Pela informação trata-se:

....Cururu e Siriri são duas manifestações folclóricas pantaneiras, típicas da Região Centro-Oeste brasileira, mais precisamente nos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. São tradições ligadas aos festejos religiosos e às comemorações comunitárias, tais como casamentos e batizados. Essas duas tradições são mais populares em zonas rurais e ribeirinhas.

Câmara Cascudo, um importante folclorista brasileiro, afirma que o Cururu acontece como um peça de teatro, onde há momentos corretos para a apresentação de rezas e ladainhas. No Cururu, a música acompanha as orações, e, no Siriri, a música marca a dança.

Nas festas religiosas, o Siriri acontece após o Cururu. É uma dança realizada aos pares, e os passos executados pelos dançarinos são chamados de fornadas. Os homens tocam e puxam versos entoando a primeira parte da estrofe e o último verso cantado pelos outros participantes. As letras das músicas falam das coisas da vida de forma simples, alegre e triste. Os instrumentos musicais que acompanham as canções são a viola de cocho, o cracachá, ou ganzá, e o mocho ou tamboril. A coreografia da dança transmite o respeito e o culto à amizade.

Na coreografia básica da dança, as mulheres mexem as longas e coloridas saias com estampas florais e batem os pés descalços no chão, um ritual indígena que serve para afastar os maus espíritos. Os homens acompanham a toada e os passos com palmas e pisadas fortes. Usam sapatos porque fazem uma espécie de sapateado. O traje típico para os homens é uma calça mais folgada, camisa xadrez

ou lisa, faixa de peão listrada, botina, chapéu de palha, faca na bainha, ajustada sob a faixa nas costas.

Há várias formas de se dançar o Siriri. No Siriri de Roda, os dançarinos tocam as mãos espalmadas do parceiro da esquerda e da direita, com movimentos rápidos. No Siriri de Fileira, as mulheres ficam à frente dos homens, e ambos batem palmas. No Siriri mamãe olhe o carneiro e no Siriri Boi-tá-brabo-no-currá, os pares de mãos dadas se posicionam em uma roda fechada. A pessoa do centro da roda tenta escapar, e os demais devem impedir a fuga. O Siriri de galope é formado por quatro pares, que se cruzam com pulos diagonais pelas laterais.

De acordo com Dona Domingas Eleonor da Silva, o festival é um evento fundamental para a permanência da tradição do Cururu e do Siriri. Durante esse evento, adultos e crianças reúnem-se para assistir aos grupos cururueiros.

Dona Domingas conta que brincar de dançar o Siriri é comum em estados do Nordeste brasileiro. Mas é somente no Mato Grosso e no Mato Grosso do Sul que o Siriri é dançado por pessoas de todas as idades. Além disso, é importante que esses estados desenvolvam projetos culturais que cuidam da manutenção dessa tradição, estimulando festejos públicos e atividades de valorização do Cururu e do Siriri em escolas pantaneiras.... (SILVA, 2004).

Foto 43. Grupo Folclórico Tradição. Fonte: Pesquisa de Campo. José Fonseca. São Paulo, 2011.

Foto 44. Siriri e Cururu. Grupo Tradição. Fonte: Pesquisa de Campo. José Fonseca. São Paulo, 2011.

Turismo em Cáceres

Semelhante ao que acontece em Corumbá, em Cáceres o turismo de pesca também é expressivo e grandes barcos hotéis também são oferecidos aos pescadores (foto 45). Mas, além da pesca, abaixo estão alguns outros atrativos que fazem parte das ofertas de passeios turísticos (foto 46), como, por exemplo:

Estação Ecológica da Ilha do Taiamã: aberta apenas para pesquisadores e ações de educação ambiental;

Lagoa da Água Milagrosa: atualmente é um dos melhores pontos de mergulho de Mato Grosso. O equipamento é levado pela equipe local, que conta com guias para acompanhar o mergulho;

Rio Paraguai: praias e pesca;

Cachoeiras da Piraputanga: banho e visitação a uma gruta;

Estação Ecológica da Serra das Araras: área de preservação. Abrange terra dos municípios de Barra do Bugres e Cáceres;

Praia da Chimbuva: praia no Rio Paraguai;

Rio Jauru: afluente do Rio Paraguai muito procurado para pesca;

Rio Cabaçal: afluente do Rio Paraguai famoso para a pesca do dourado;

Aquário Natural Progresso: lago de água calcária e cristalina: lago de água calcária e cristalina habitado por piraputangas e curimatás;

Cachoeira da Fazenda Primavera: ribeirão que atravessa a Serra da Primavera. Forma várias quedas d'água, corredeiras e uma piscina natural;

Cachoeira do Córrego Cachoeirinhas: duas cachoeira de 15 e 35m de altura, ambas apresentando piscina natural; altura, possui grande piscina natural e encontra-se em bom estado de conservação;

Córrego Água Doce: acesso feito à pé ou com veículos 4x4. Bela paisagem;

Morro Pelado/ Fazenda Santo Antônio das Lendas: monumento natural de rochas com sítios arqueológicos. A área apresenta grande quantidade de aves, algumas espécies ameaçadas de extinção, como a arara azul do pantanal;

Serra do Boi Morto: estrada que liga a rodovia BR-070 à estação da EMBRATEL no alto da serra. É pavimentada e muito íngreme, mas vale o esforço pelas belezas que apresenta;

Serra Ponta do Morro: com altitude de 625m é um monumento e mirante natural (paredão vertical). De cima avistam-se trechos da serra, de Cáceres e do rio Paraguai;

Fazenda Jacobina: em épocas passadas chegou a ter mais habitantes do que a própria cidade de Cáceres e ter 60 mil cabeças de gado.

Festival Internacional de Pesca

Acontece anualmente no final do mês de setembro. A cidade de Cáceres acolhe milhares de turistas que vêm prestigiar o Festival Internacional de Pesca - FIP. Hoje o FIP é muito mais que a prova de pesca embarcada (barco e canoa) e a prova de pesca de barranco (infanto-juvenil). Durante a semana do FIP acontecem várias atrações culturais e esportivas como campeonatos de vôlei de praia, futebol de areia, shows nacionais e regionais, oficinas de artes e de pesca e muito mais.

Museu Histórico de Cáceres

Prédio construído em 1922, em estilo neoclássico, com a finalidade de abrigar o Mercado Municipal. Transformado em museu, conta com um acervo de peças e documentos que fizeram parte da história de Cáceres. São quadros pintados a óleo, busto de gesso do fundador da cidade, fotografias, medalhas, livros, mobiliário, documentos, potes de cerâmica, utilizados pelos índios como urnas funerárias.

Fonte: <http://www.caceres.mt.gov.br/Caceres-Turismo/>
<http://www.mtseusmunicipios.com.br/NG/conteudo.php?cid=25067&sid=44>
Organização: José Fonseca, 2014.

Foto 45. Barcos hotéis para pesca. Fonte: José Fonseca. Cáceres, 2014

Foto 46. Dolina milagrosa. Fonte: <http://www.soinformacao.com.br/colunas/dolina-agua-milagrosa-em-caceres.html>.

Como encaminhamento geral este estudo busca as diferenças entre o turismo de Aquidauana, focado, principalmente, nas pousadas existentes nas fazendas de criação extensiva de gado bovino e o turismo de pesca esportiva dos barcos hotéis de Corumbá. Através de um estudo dos dados primários e secundário, com base em reuniões e entrevistas, apresenta diagnósticos destas diferenças, avaliando e propondo ações de políticas públicas para melhoria do setor.

3.3 Diagnóstico participativo no segmento do turismo de Corumbá

O diagnóstico foi desenvolvido a partir da obtenção de dados secundários junto a entidades oficiais do âmbito estadual e federal, apresentando informações sobre o perfil demográfico do município de Corumbá, indicadores socioeconômicos, do turismo de pesca, demandas e ofertas de políticas públicas. Passaremos a discutir e apresentar em tabelas e gráficos os resultados da pesquisa.

Nos quadros seguintes verificaremos os resultados dos diagnósticos e os prognósticos. O quadro 12 - Diagnóstico geral de serviços, comércio e político relacionado ao turismo de Corumbá, refere-se ao levantamento das potencialidades e necessidades dos setores que compõe o município, com representante de todos os setores em três grupos e sintetizados no referido quadro. O levantamento feito por setor específico da sociedade apontando suas potencialidades, fragilidades e projetos.

No segundo diagnóstico foi realizado em uma fragmentação dos setores que compõem a sociedade de Corumbá, a saber, setor de turismo, educação, de serviços, de infraestrutura, saúde, comércio, político e o setor de produção em geral, conforme descrito nas páginas seguintes:

Quadro 12 - Diagnóstico geral de serviços, comércio e político relacionado ao turismo de Corumbá

POTENCIALIDADES	ESTRANGULAMENTOS	PROJETOS
<ul style="list-style-type: none"> CLIENTELA DO TURISMO 	<p>O preço praticado pelos produtos oferecidos no comércio afasta os turistas que tem poder de compra, pois os comerciantes por não terem um controle dos custos, falta de organização das compras a preços competitivos tem inviabilizado o crescimento do setor.</p>	<p>Profissionalizar os comerciantes e empresários para aprenderem a gestão de seus negócios.</p>
<ul style="list-style-type: none"> PODER AQUISITIVO 	<p>Ainda foi elencado a falta de profissionalismo e vontade do proprietário do comércio em cuidar e controlar o próprio negócio, que prefere deixar em mãos de funcionários ou deixa ele mesmo de tomar medidas que iriam melhorar e muito a sua empresa.</p>	<p>Conscientização dos comerciantes/ empresários, que eles são os “donos” dos negócios, por isso deverão ser eles quem devem ter o controle da administração e poder de decisão, não deixando a cargo de seus funcionários.</p>
<ul style="list-style-type: none"> CONDIÇÕES DE EXPANSÃO – ESPAÇO FÍSICO 	<p>O município tem grande espaço físico que lhe garante as condições de expansão das empresas de turismo e as de apoio a atividade, que se estrangulam na falta de mão-de-obra, hoje seja qualificada e até desqualificada mesmo, pois para qualificar faltam escolas profissionalizantes e universidades com plena acessibilidade a todos e curso variados e quanto aos não qualificados falta vontade própria e motivação pessoal de querer buscar o crescimento e um futuro melhor para si e ao seu redor.</p>	<p>Incentivo promovida pela administração pública com prêmios, por meio das Notas Fiscais, aos melhores gestores de seus negócios.</p>

<ul style="list-style-type: none"> • PODER DE IMPLANTAÇÃO DE ÓRGÃOS E ENTIDADES 	<p>Quanto a busca e implantação de órgãos, entidades e sistemas de serviços, falta vontade política, pública e privada, pois a união dos empresários, com as entidades e administração pública, faria a diferença no fortalecimento dos pedidos e conquistas necessárias.</p>	<p>Para o equilíbrio do comércio ambulante da Bolívia, que faz concorrência, as vezes desleal com o comércio local, que sejam promovidas a organização, fiscalização e fazer o cumprimento das Leis.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • GRANDE NÚMERO DE ESTUDANTES 	<p>O estrangulamento do grande número de estudantes é a falta de profissionalização, aprimoramento e canalização da mão-de-obra dos estudantes para a aplicação do aprendizado no mercado de trabalho do turismo.</p>	<p>Formação de mão-de-obra qualificada e conscientização das pessoas em especial os jovens que devem ter vontade e buscarem a qualificação deste setor do turismo.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • FACILIDADE DE COMUNICABILIDADE 	<p>Ainda sobre a comunicabilidade, é precária e às vezes ausentes entre as entidades, administração pública e empresariado.</p>	<p>Reuniões com professores e posteriormente pais para a conscientização da necessidade de formação, visando buscar nas escolas a mão-de-obra necessária para as atividades. Estas reuniões serão promovidas pela Sistema "S", principalmente o SEBRAE e PRONATEC.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • PRODUTOS ARTESANAIS E CASEIROS 	<p>Falta comunicação entre a formação dos cursos que seja direcionados as necessidades do comércio e empresas do turismo.</p>	<p>Reuniões com autoridades constituídas para busca de menores, com finalidade de treinamento de mão-de-obra, promovidas pelo SEBRAE e Autoridades locais ligadas ao setor do turismo.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Comunicabilidade – outra versão 	<p>Por fim, ainda sobre comunicabilidade, falta divulgação das ações dos setores do turismo e a população.</p>	<p>Fortalecimento das associações ligadas ao setor do turismo, com mudança de imagem e credibilidade por ações realizadas.</p>

<ul style="list-style-type: none"> Internet e Correio 	<p>É necessário a regularização da comunicação escrita (correios) e falada (internet e telefonia). E por fim, um local de implantação de empresas precisa ser apresentável, pois serão ali desenvolvidas atividades que gerarão rendas e recursos para os empresários e por consequência impostos, necessitando no mínimo de organização e apresentação convidativa a instalação.</p>	<p>Reunião com setor e buscar apoio político e privado com apoio da câmara dos vereadores.</p>
<ul style="list-style-type: none"> Pluriatividade 	<p>Quanto aos produtos artesanais e caseiros (manufaturados), temos os profissionais e amadores do setor de turismo, com poder de alta produtividade, porém estão sufocados pela falta de gestão de negócios que traz como consequência a falta de aproveitamento deste potencial.</p>	<p>Que o poder publico local, possa provocar via ofícios a administração pública a busca de implantação das benfeitorias indicadas. Cursos e normatização do setor do setor de turismo.</p>

Quadro 13 - Diagnóstico dos setores de cultura e identidade

POTENCIALIDADES	ESTRANGULAMENTO	PROJETOS
Diversidade cultural e do turismo local	Estrutura Planejamento e recurso	Políticas públicas estaduais e federais. Busca de recursos e projetos
Eventos ligados ao turismo de eventos, científicos, lazer e de passeios	Profissional disponível e ausência eventos organizados e planejados na agenda municipal	Elaboração de uma agenda de eventos variados em relação ao turismo diversificado
Pessoas/lazer	Espaço	Revitalização e aproveitamento
Praça com estrutura para turismo com guias e orientação ao turismo	Falta de capacitação e orientação aos profissionais.	Apresentações culturais, Lazer, pratos típicos regionais a base de peixe, artesanatos.
Parque de exposições	Ausência de stand ligado ao turismo diversificado	Comissão organizadora com foco no turismo. Centro de eventos permanente.
Projeto da Prefeitura	Demora no encaminhamento dos projetos.	Implantar associações e representações da sociedade civil organizada ligadas ao setor do turismo.

Quadro 14 - Diagnóstico do setor de turismo

POTENCIALIDADES	ESTRANGULAMENTO	PROJETOS
Pantanal Pesca Eventos Cultura Indígena Turismo Rural (evento, científico)	Diagnóstico dos Pontos com potencial de exploração, fazendas bem localizadas;	-Diagnósticos dos pontos turísticos;
	Receptividade local (despreparo para atendimento ao turista);	-Treinamento e formação da cultura de atendimento e receptividade ao turista;
	Informação – falta de informação sobre a cidade, horário de funcionamento, localização dos principais pontos e serviços da cidade, inclusive com falta de sinalização das ruas e preferenciais, nº nos imóveis, etc.;	-Sinalização da cidade; -Criação de um folder de divulgação dos principais pontos com Mapa de localização; -Divulgação dos horários de funcionamento do comércio e serviços da cidade;
	Limpeza e organização da cidade	-Instalação de lixeiras e manutenção de ruas, avenidas, praças e órgãos públicos (ginásios, parque de exposição, pronto socorro, delegacia, etc.);

Quadro 15 - Localização estratégica no Pantanal Binacional

POTENCIALIDADES	ESTRANGULAMENTOS	PROJETOS
<ul style="list-style-type: none">- Localização Geográfica (logística);- Polo regional;	<ul style="list-style-type: none">- Falta infraestrutura para as estradas vicinais;- Linhas regulares de transporte fluvial.	<ul style="list-style-type: none">- Fortalecimento das entidades sociedade civil organizada;
	<ul style="list-style-type: none">- Ausência de linhas aéreas, apesar do aeroporto completo e estruturado para vôos internacionais.;	

Quadro 16 - A importância do aeroporto para acelerar o processo do desenvolvimento

POTENCIALIDADES	ESTRANGULAMENTOS	PROJETOS
<ul style="list-style-type: none">- Demanda por Vôos Domésticos;	<ul style="list-style-type: none">- Ausência do Transporte Aéreo Comercial. Só há 2 vôos por dia realizados pela companhia aérea Azul e quando não preenche todos os assentos, a companhia cancela os vôos. E por fim, são cobradas tarifas impraticáveis; o que reduziu o número de vôos é que os fazendeiros mudaram para o Rio de Janeiro e São Paulo	<ul style="list-style-type: none">- Ampliação e Modernização do Aeroporto Local;

3.4 Análise dos resultados e prognóstico com a discussão de dados primários (diagnóstico – análise dos quadros de 12 a 16) e dados secundários da região do Pantanal de Corumbá.

A pesca é a atividade turística mais importante de Corumbá seguida do turismo de compras na Bolívia. Muitos vivem desta atividade comercial, como pescadores, catadores de isca, artesãos locais, bares, restaurantes, hotéis. Mas verifica-se a falta de um plano de desenvolvimento, de um planejamento e

gestão desta atividade, pois a logística é amadora, no que se refere à organização dos passeios, do embarque, da pescaria em si. Por exemplo, um grupo de turistas vem de Campo Grande (de ônibus ou Van das empresas). Chegam a Corumbá sem tempo de conhecer a cidade, seus pontos históricos e turísticos. Embarcam e saem para pescar, atividade que, normalmente, pode durar entre 5 e 7 dias. Retornam para a cidade apenas para dormir e, em seguida, retornar a seu destino – provavelmente Campo Grande – para pegar o voo de volta pra casa. Podem também chegar de avião à Corumbá (que tem apenas um voo diário e que pode, eventualmente, ser cancelado), mas o processo será praticamente o mesmo.

Mas mesmo com estas deficiências, a pesquisadora Fátima Aparecida Machado de Andrade em seu trabalho de mestrado sobre pesca amadora em barcos hotéis (UFMS, 2013), *Impactos dos Barcos-Hotéis na Economia de Corumbá-MS, Arroyo Concepción e Puerto Quijarro. Fronteira Brasil/Bolívia – Mato Grosso do Sul*, destaca que “o turismo de pesca e de compras gera emprego, renda e pagamento de tributos; amplia o crescimento econômico varejista e o movimento do fluxo interfronteira” (ANDRADE, 2013).

3.5 Análise do contexto socioeconômico.

Fazendo análise das tabelas originadas da pesquisa de campo, conclui-se que os subsistemas do turismo de Corumbá nos cenários específicos do segmento do turismo nesta região apresentam baixa complexidade. A produção está centrada em alguns poucos sistemas de produção principais dos barcos hotel, com pouca relação entre si. Destaca-se o comércio exploratório da pesca e das paisagens e pouca ação nas fazendas de gado, ou seja, a pecuária como o principal produto econômico dos empresários regionais, o que difere do turismo de Aquidauana que explora esse setor das fazendas de gado com o turismo. Salienta-se também a atuação considerável de atravessadores do turismo, como agencia regional pouco estruturada, cedendo espaço às grandes agencias de turismo que pouco investem na região, desempenhando um papel central de ligação entre os diferentes subsistemas. O setor de serviços em geral carece segundo informações dos representantes em seus diversos segmentos carece de muita capacitação e estruturação logística. A seguir serão discutidos aspectos específicos de cada subsistema.

3.6 Subsistema de Produção do Turismo

O Subsistema de Produção pode ser caracterizado através de algumas atividades principais: o turismo de pesca com os barcos hotéis que recebem os turistas vindos dos grandes centros do Brasil e do exterior, sem muita estrutura hoteleira e de restaurantes em áreas urbanas, com apenas uma companhia

aérea operando rotas para Corumbá e com serviços desestruturados em nível local. Os serviços carecem de mais capacitação e treinamento para se consolidarem neste segmento. Outros sistemas de produção, como alguns bens de serviços aparecem pontualmente como a coleta de iscas, artesanato, guias sem treinamentos, cozinheiros dos barcos e os serviços de hotelaria nos barcos. Os passeios são realizados por agentes amadores despreparados que aprenderam por necessidade e por conhecerem os locais em barcos sem segurança e sem condições em muitos casos de trafegabilidade. Estes sistemas de produção não estão totalmente articulados, com exceção dos barcos hotéis que vieram de fora do estado em sua grande maioria e que são normalmente geridos por empresas de turismo dos grandes centros brasileiros.

Os dados socioeconômicos mostram que os empresários de turismo encontram-se atualmente descapitalizados e sem capacidade de investimento. Percebe-se que existe alguns segmentos com grande quantidade de perspectivas de desenvolvimento, como o turismo de evento e o turismo científico, (que podem aproveitar a estrutura atual), mas a falta de iniciativa, de empreendedorismo, de investimento acabam por dificultar e atrasar o crescimento estrutural do setor.

Uma atividade extremamente importante para a região como o segmento do turismo, segundo os agentes locais entrevistados, necessita de uma maior atenção órgãos públicos no que se refere à infraestrutura e crédito específico para o segmento, capacitação dos agentes de serviços, guias e rota dos passeios, divulgação nacional e um programa de eventos municipal. No entanto, atualmente setor está excluído dos benefícios de políticas públicas e créditos, assim como investidores ao turismo de aventura, ao turismo de

eventos, por falta também de uma rede de hotelaria específica e preparada ao setor, também de capacitação ao setor de serviço que específicos das atividades do turismo local. Algumas iniciativas isoladas por empresários locais e de fora do município nesta atividade estão sendo desenvolvidas, mas ainda em caráter pontual e que carecem de apoio nas atividades desenvolvidas e que ainda não possuem no município de Corumbá. Neste sentido, é fundamental definir com mais precisão como poderá ser inserida nesta atividade os empresários locais no ramo das feiras, artesanatos, culinária local, e as atividades de artes em geral que determine a identidade local como a dança e a música, para então desenvolver as capacitações e investimentos em infraestrutura necessários.

Como desenvolver ações que possam “vender” as virtualidades do espaço para incrementar o turismo? Já com respeito ao papel das mulheres na produção, observou-se que, apesar de ainda desempenharem um papel considerado secundário pelos empresários do turismo, sem a formalidade do emprego, apenas como diaristas e sem segurança de emprego, diferente do segmento do turismo de Aquidauana que tem todo o sistema organizado de capacitação e um emprego formal as mulheres.

Em conversas e entrevistas mantidas com Ronan Machado (Observatório do turismo) e também com alguns comerciantes da Rua Delamare, entre outros pontos, dois deles chamaram a atenção por terem sido mencionados – mesmo que não de maneira exatamente igual por todos – e apareceram como medidas interessantes a serem tomadas e que estão relacionadas com o Subsistema de Produção: o mapeamento do segmento do turismo com as oportunidades de emprego nas diversas atividades que

compõe o segmento e a organização de arranjos específicos da produção do turismo.

3.7 Subsistema de Transformação

Considerando as duas principais cadeias de produção do turismo em Corumbá e do território identificadas, ou seja, o turismo exploratório de pesca dos barcos hotel, o gado de corte, não existe infraestrutura que possa atender a demanda destes produtos, em relação organização e gestão destas principais cadeias produtivas. Além do apoio em terra do município em serviços e produção de artesanato, oficinas de barcos, fiscalização e monitoramento do segmento do turismo e da produção de gêneros alimentícios e de apoio ao segmento. Existem casos pontuais de agroindústrias caseiras que beneficiam parte da produção das comunidades, como caso de doces caseiros, mas de forma artesanal sem qualquer orientação técnica. Destaca-se também a importância das compotas caseiras de frutas que são produzidas por grande parte das pessoas sem qualquer orientação de empreendedorismo, o mesmo acontecendo com a produção de artesanato de couro de peixe e de madeira.

3.8 Subsistema de Comercialização

A comercialização no município, em relação ao grande empresário dos barcos hotel os demais ficam sem apoio das autoridades locais no que diz respeito a capacitação e treinamento do processo de composição de preços e da comercialização em pontos turístico e uma casa do turismo que existe de forma particular e dos empresários.

3.9 Outras Institucionalidades no Município

3.9.1 Ambiente institucional de apoio

Algumas instituições que apóiam o comércio e a produção do turismo através de apoio e orientação de uma forma insipiente foram identificadas, mas presentes apenas em algumas situações como o SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas; Sindicato Rural, as colônias “Z” dos pescadores; EMPAER - Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural; ONGs – Organização Não Governamental; SENAR - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural e o Governo do Estado de Mato Grosso do Sul.

São realizados trabalhos pontuais de importância, mas, quando analisados isoladamente, não apresentam mudanças consideráveis como resultado na conjuntura total do segmento do turismo da região ou nos demais setores que têm estreita ligação com o turismo, como saúde, restaurantes, transporte, logística e hotéis e restaurantes. Seria interessante a definição de uma linha mestra comum que envolvesse todo o complexo formado pela produção/ transformação/ comercialização.

Foi destacado ainda a importância do envolvimento dos órgãos do governo em uma ação sistêmica e ordenada de orientação e capacitação e liberação de créditos específicos, como nas telecomunicações, o sistema de telefonia do município está muito fraco, o que afeta sobremaneira todos os segmentos do município. Setores de logística em relação ao transporte de produtos das áreas rurais, precisam investir urgentemente em estradas vicinais e transporte público fluvial.

Outrossim, uma gama considerável de pessoas entrevistadas mencionou a dificuldade que enfrentam para obter crédito, principalmente no Banco do Brasil; desde uma pequena fábrica que produz artesanato até empreendimentos de maior vulto. Na página seguinte, a tabela 3 apresenta as instituições de maior peso que atuam e apóiam as comunidades e também são mostrados alguns pontos positivos e negativos que foram observados:

Quadro 17 - Principais instituições de apoio identificadas: potencialidades e limitantes para sua ação.

Instituição	Pontos Fortes Observados	Limitações Observadas
Curso Superior – estadual, federal ou privado	<ul style="list-style-type: none"> - Possibilidade de articulação entre Pesquisa e Extensão envolvendo o turismo. - Grande número de acadêmicos que podem ser envolvidos em projetos de desenvolvimento do turismo. - Corpo docente qualificado e interessado nas questões práticas do desenvolvimento do município. 	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de curso superior específico do turismo - Evasão do jovem para outros municípios, - Discussão de problemas de outras regiões pelos estudantes de Corumbá, quando saem para estudar fora; - Prefeitura municipal de Corumbá esta ausente desta discussão de trazer outros cursos superiores ao município com ligação ao turismo.
EMPAER	<ul style="list-style-type: none"> - Formação técnica e estrutura instalada. - Articulação direta com agentes governamentais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de recursos humanos e materiais de apoio ao segmento do turismo. - Descrença por parte do segmento.
SEBRAE	<ul style="list-style-type: none"> - Possibilidade de trabalhar o empreendedorismo e a visão de negócio para turismo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ação restrita. - Falta de foco definido na definição das prioridades, principalmente do comércio e capacitação ao empreendedorismo no segmento do turismo;.
Secretarias do Município.	<ul style="list-style-type: none"> - Ações pontuais de sucesso relativos à capacitação e treinamento do setor de comercialização e mercado de produtos em geral ligadas ao segmento. 	

3.10 Metodologia

A análise do capital social em Corumbá está dividida em 2 pontos fundamentais: o espaço de participação e trabalho dos órgãos de representação dos segmentos e o envolvimento dos mesmos nas questões sobre o desenvolvimento do turismo. Espera-se com isso avaliar não apenas as oportunidades de participação dos atores sociais nas decisões políticas referentes ao desenvolvimento sustentável do setor, mas acima de tudo, como vem sendo exercida esta participação.

Com respeito aos órgãos de representação dos segmentos, destacam-se os conselhos dos segmentos do turismo são ativos e participativos, mas já estão desacreditando de tanto propor e não verem nada acontecer de propositivo.

A visão de futuro torna-se um instrumento fundamental para dimensionar as possibilidades de realização do desejo de desenvolvimento regional do turismo nesta região do pantanal sul mato-grossense contribuindo na orientação do diagnóstico, na definição dos objetivos específicos, metas e estratégias de desenvolvimento sustentável do setor.

Baseando-se nisso, o segmento terá condições de iniciar o seu processo de planejamento estratégico, pois concebeu através da pesquisa seu desejo do que realmente precisa, gerando uma imagem de como estará quando chegar ao prazo que determinou. O município no exercício de construção de sua visão de futuro do turismo pelo seu segmento e de seus atores sociais, determinou como poderão controlar as ações e não ficar a revelia de qualquer mudança de

rumo, pois possui claro o lugar para onde querem ir e o estado que querem alcançar.

A função da visão de futuro é não ver os problemas, nem as dificuldades, mas sim as oportunidades internas e externas que o município terá para transformar em sucesso sua ação no presente. Procura um cotidiano melhorado e transformado, interesses coletivos dos atores sociais do setor do turismo expressos e alcançados.

Abaixo, apresentam-se 10 itens que procuram traduzir as expectativas dos atores sociais do setor do turismo do município de Corumbá:

1. Existe uma disparidade econômica e social entre as mais de segmentos dos segmentos do turismo do município, em muitos casos eles não se interligam: enquanto alguns se destacam como pólos econômicos e com qualidade de vida ideal a um ser humano, outras apresentam problemas principalmente com referência a renda e a qualidade de vida. Como por exemplo, o comércio, com destaque por todos os grupos, não tem preço compatível, não tem um serviço de atendimento adequado e a qualidade dos produtos a venda. Precisa de capacitação;
2. A população das comunidades ribeirinhas que vivem do turismo ainda apresenta um nível baixo de escolarização estimulando a saída dos jovens para Corumbá e outras cidades da região em busca de oportunidades de emprego;
3. Grande número de pessoas vivendo na margem do rio e da sua exploração;

4. Uma parte significativa dos empresários do segmento turismo não conhece o conceito do trabalho e produção coletivos, o cooperativismo e suas implicações para o desenvolvimento;
5. A diminuta receita gerada pelos produtos das comunidades ribeirinhas, consideravelmente diminuída pelo reduzido valor pago pelos atravessadores, pode ser ocasionada por alguns aspectos descritos abaixo:

- Os ribeirinhos desconhecem os benefícios da criação de uma cooperativa, por exemplo;
- O comércio local de produtos ligados ao turismo é bastante fraco, mesmo com algumas iniciativas, como a realização de feiras municipais;
- Muitos ribeirinhos vendem o mesmo produto de forma isolada. Isso desorganiza a produção local;
- Na quase totalidade das vezes os produtos não são industrializados, ou seja, não existe uma agregação de valores aos mesmos e estes acabam sendo vendidos desta maneira aos consumidores.

6. Os atravessadores concentram a comercialização dos produtos;
7. Algumas instituições desenvolvem atividades pontuais e desarticuladas com as comunidades. Existe a necessidade de que se articulem melhor quando forem planejar e executar certas ações;
8. É necessário resgatar a participação efetiva dos agentes sociais junto aos órgãos de representação da sociedade civil organizada;
9. É necessária a implementação de políticas que, de fato, reúnam

produção, logística, estrutura de estradas, crédito, educação e saúde;

10. Necessidade imperativa de ações que corroborem para a regularização da área do empreendedorismo turístico junto aos empresários locais e ribeirinhos;
11. Necessidade da ampliação da rede de telecomunicações.
12. A capacidade de moradia das comunidades ribeirinhas requer ampliação;
13. Necessidade de ampliação da rede de negócio do turismo junto aos ribeirinhos, principalmente;
14. Necessidade de ampliação das escolas com foco nas atividades do turismo.

Assim colocado, os atores locais entendem a necessidade de que seja colocado em prática um conjunto de projetos e ações direcionados ao setor de turismo do pantanal regional para pequenos, médios e grandes empresários. Assim, poderá haver um desenvolvimento sistematizado e organizado, oriundo das propostas dos atores sociais envolvidos. Procurou-se dessa maneira a formação de um conjunto articulado de premissas e preferências direcionado para o desenvolvimento do setor, levando em consideração as diferentes dimensões do desenvolvimento sustentável. Esses aparatos foram determinados a partir das percepções dos atores sociais do setor do turismo em suas mais diversas segmentações. O segmento por intermédio de seus representantes manifestaram uma visão de futuro com os seguintes itens e eixos aglutinadores:

1. Comercialização e organização da produção artesanal;

2. A organização do empreendedorismo regional do turismo gerando renda nos seus mais diversos meios de atividades;
3. Todo o sistema produtivo do turismo de Corumbá sendo capacitado e treinado;
4. Arranjo institucional organizado do setor do turismo público e privado;
5. O segmento do turismo desenvolvendo uma identidade forte que possa articular e representar todo o setor nos seus vários segmentos sociais.

A base da definição e construção dos eixos foi à visão de futuro que os atores sociais do setor do turismo do município de Corumbá construíram ao longo da pesquisa de campo. Enfim, o mundo é rico de possibilidades. Cabe ao ser humano a transformação/aplicação dessas particularidades em realidades concretas (SANTOS, 1999). O espaço produzido na área de pesquisa se deve a força e a coragem dos seus habitantes, os pantaneiros e pantaneiras e o segmento do turismo envolvendo diretamente os ribeirinhos e os empresários do setor, mesmo frente a essas adversidades climáticas, descaso político e administrativo por parte dos governos municipais, estadual e federal, assim como a discriminação social e a falta de assistência técnica por parte dos órgãos oficiais ligados ao segmento do turismo.

Essa firmeza dos atores no desenvolvimento do turismo regional, mesmo que às vezes de maneira artesanal e empírica, é explicada por Milton Santos quando afirma que: “(...) o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e

sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina” (SANTOS, 1999, p. 51).

O principal objetivo, deste trabalho, foi uma análise teórica e prática do processo de produção e reprodução do espaço geográfico, tendo como referência a prática do turismo e sua forma de viver, com seus usos e costumes, frente a modernização excludente globalizada, principalmente aos pequenos empresários regionais e as comunidades ribeirinhas ligadas ao segmento do turismo.

Não fosse a criatividade e a vontade desses atores sociais em preservar o pouco que restou de sua cultura o espaço atual do pantaneiro desde suas origens nesta região do território sul mato-grossense, esta atividade de turismo com suas identidades regionais, expressada nas comidas típicas e atividades de sobrevivência, teríamos um cenário pior do que existe hoje. Isto devido à busca ilusória de recursos urbanos nas cidades da orla pantaneira, muitas vezes, por falta de oportunidades e perspectivas em seus territórios.

Considerações finais

Depois de concluídas as Pesquisas de Campo e a sistematização dos dados, verificamos que: este trabalho envolveu diversas atividades, dentre elas, leituras, entrevistas e acompanhamento do cotidiano de pantaneiros e pantaneiras das regiões de Aquidauana e Corumbá, foi possível constatar ações e comportamentos diversificados quando nos referimos ao turismo praticado em cada um dos municípios citados e suas implicações socioeconômicas sobre os agentes locais envolvido neste setor.

O segmento do turismo nas pousadas/fazendas do município de Aquidauana teve seu espaço ampliado com mais atividades econômicas rentáveis à propriedade, ocupando mais integrantes da família em sua condução, pois estava se tornando uma realidade e era indício de um ganho extra. Os fazendeiros foram percebendo a necessidade de especialização – eles, suas famílias e colaboradores. O que ocorreu foi que os demais integrantes das famílias – principalmente os filhos dos pecuaristas – foram se capacitar em cursos superiores relacionados ao setor, pois passaram a se envolver nos novos negócios. Isto não teria acontecido em épocas passadas, pois teriam optado em realizar outros cursos e especializações e, muito provavelmente, iriam permanecer e trabalhar nas capitais onde estudaram e não retornariam mais às fazendas. Além disso, começaram a participar de Feiras deste setor, tanto no Brasil como no exterior, para se aprimorarem em novas técnicas e adequações do turismo.

Adaptações precisaram ser efetuadas nas instalações, cursos e treinamentos para os colaboradores, etc. Com o segmento em alta houve uma lenta, mas constante melhoria no que se refere à atividade do ecoturismo nas fazendas e pousadas da região. Os investimentos foram graduais, mas frequentes. Tanto em infraestrutura como nas pessoas.

Outro dado relevante é que, com a entrada da nova atividade, houve uma mudança importante nos hábitos dos fazendeiros. Eles passaram a residir de forma permanente nas fazendas. Explicando melhor, quando apenas a pecuária extensiva era praticada não havia necessidade de que os donos residissem no local e eles, na sua grande maioria, moravam nas cidades. O administrador cuidava de tudo. A presença do proprietário só era necessária em determinados períodos do ano.

A chegada do ecoturismo nas fazendas de Aquidauana trouxe outros resultados positivos, especialmente no que diz respeito à entrada das mulheres no mercado formal de trabalho, algo que não existia antes do início desta atividade e também valorizou sobremaneira a tradicional cultura do homem pantaneiro o que agregou valor ao turismo local.

Mas foi constatado que a grande parte das ações partiu da iniciativa privada, ou seja, os proprietários não esperaram que houvesse alguma ação oficial, isto é, municipal, estadual ou federal. Começaram a se reunir e traçar o destino dos seus negócios. Como exemplo, quando necessário, para manter um bom estado das estradas que dão acesso às pousadas, os proprietários se cotizam e pagam os serviços necessários para tal fim. Isso não acontecia quando a propriedade era apenas de criação de gado.

No que se refere aos passeios aos turistas, também trabalham frequentemente juntos. Por exemplo, em um determinado passeio, os hóspedes partem de uma fazenda bem cedo. Perto do meio dia chegam a uma segunda fazenda vizinha onde será servido o almoço. Depois, à tarde, chegam a uma terceira propriedade, tomam lanche e retornam para onde estão hospedados. Esta atividade integradora nas fazendas de gado despertou nos protagonistas do turismo local uma ação cooperativa para serviços de benefício de todos.

Isso vem acontecendo sobremaneira no setor do turismo, principalmente em Aquidauana, nas pousadas localizadas nas fazendas de criação de gado. Importante salientar que nestas fazendas os turistas têm contato diário com o pantaneiro e sua cultura. Isso é de grande importância ao fortalecimento tanto desta atividade como da tradição pantaneira que se traduz nos usos e costumes – nas vestimentas, na comida, no simples fato de se sentar à sombra de uma árvore e participar de uma roda de tereré junto com os pantaneiros, sejam estes proprietários ou vaqueiros/peões.

Em Corumbá o segmento do turismo se resume quase que exclusivamente à pesca – principalmente – e também o de compras na Bolívia. Existem pousadas direcionadas a pescadores, mas os barcos hotéis são o destino principal de grande parte dos turistas que procuram a região. Ocorre que, de maneira diferente ao que acontece em Aquidauana, o contato permanente e diário com os costumes e tradições dos pantaneiros, propiciado pela atividade da pecuária, praticamente não existe. Na quase totalidade das vezes um transporte da empresa do barco hotel – ou fretado – recebe os turistas no aeroporto de Campo Grande/MS ou no de Corumbá (quando este

está aberto, pois tem apenas 1 voo diário, isso quando não é cancelado). De Campo Grande partem então com destino a Corumbá. Horas depois chegam à cidade onde, impreterivelmente, ou serão deixados num hotel para partirem no dia seguinte ou são acomodados diretamente no barco hotel que partirá algum tempo depois. Na volta a situação será a mesma: ou ficam apenas uma noite hospedados num hotel ou entram nas vans e partem para Campo Grande, ou dirigem-se ao aeroporto da cidade. Não existe contato ou convívio entre turistas e pantaneiros e, conseqüentemente, com sua cultura.

Como demonstramos no capítulo sobre o segmento do turismo em Corumbá, este apresentou um planejamento e/ou plano diretor que incluía os atores sociais e os empresários das fazendas de criação de gado ainda frágil. Mas preocupante é que, de acordo com as informações obtidas durante a realização da pesquisa de campo, há indícios de que a pesca, algumas vezes, possa funcionar também como fachada para encobrir um tipo de programa sexual. São relativamente frequentes os relatos que afirmam ser prática comum a entrada de mulheres (garotas de programa) nos barcos hotéis nas madrugadas dos finais de semana.

Em Corumbá, também pela diminuição do estoque pesqueiro, algumas atitudes poderiam ser tomadas. O poder público, no caso poderia promover maior diálogo entre as partes interessadas – pescadores locais, proprietários de pousadas, barcos hotéis e lojas da região – no sentido de desenvolver ações que efetivamente atraíssem mais turistas para a região. No setor privado poderia, como sugestão, haver um compartilhamento parcerias – entre agências de turismo, proprietários de barcos hotéis e fazendeiros. Seriam organizados pacotes integrados onde haveria uma complementação entre

pesca esportiva e cultura pantaneira, tradicionalmente encontrada nas fazendas de criação extensiva de gado da região.

Notadamente esta ação mencionada acima seria de extrema importância especialmente no período da piracema, onde a pesca é totalmente proibida e as embarcações ficam ancoradas no porto. Depois de realizado um trabalho de divulgação, os barcos hotéis continuariam a operar, mas, no lugar da pesca, seriam oferecidos passeios, safáris fotográficos, etc. com o mesmo conforto que oferecem aos pescadores, só que os turistas seriam outros, provavelmente, mais próximos daqueles que costumam viajar para Aquidauana. Ou, mesmo aqueles que só se dirigem á Corumbá para pescar, teriam a oportunidade de conhecer um Pantanal diferente, com muito mais a oferecer além da pesca.

A coordenação do Observatório do Turismo – da Fundação de Turismo do Pantanal - faz um trabalho sério de pesquisa e divulgação que envolve os mais diversos setores, especialmente desde 2013, que visa um esforço para quantificar e revelar para a população da cidade o que é e qual a importância do turismo de pesca para Corumbá. Uma região com tanta tradição, com uma cultura tão rica na música, na culinária, no folclore, nos costumes, nos saberes e fazeres, que tem um povo hospitaleiro, precisa se organizar mais, pois a renda gerada pela atividade turística pode ser muito maior, o que, sem dúvida é um fator positivo para os moradores e para o desenvolvimento local.

Bibliografia

AB'SABER, Aziz Nacib. *Os Domínios de Natureza no Brasil: Potencialidades Paisagísticas*, 159 p., São Paulo / SP: Ed. Ateliê Editorial, 2003.

_____. *Brasil: Paisagens de Exceção: O Litoral e o Pantanal Mato-Grossense: Patrimônios Básicos*, 184 p., Cotia / SP: Ed. Ateliê Editorial, 2006.

ALMEIDA, Fernando F. M. de; LIMA, Miguel A. de. *Planalto Centro-Occidental e Pantanal Mato-Grossense*, 171 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. União Geográfica Internacional/Conselho Nacional de Geografia; XVIII Congresso Internacional de Geografia, 1959.

ALMEIDA, Noslin de Paula. Tese de Doutorado. *Segmentação do Turismo no Pantanal Sul-Mato-Grossense*. Universidade Católica Dom Bosco; Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local; Mestrado Acadêmico. Campo Grande-MS, 2002.

AMÂNCIO, Cristhiane. *Pescador profissional artesanal: o perigo real da sua extinção*, Embrapa Pantanal, Corumbá / MS, 2009.

ANDRADE, Fátima Aparecida Machado de. *Impactos dos Barcos-Hotéis na Economia de Corumbá-MS, Arroyo Concepción e Puerto Quijarro. Fronteira Brasil/Bolívia – Mato Grosso do Sul*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços, Curso de Mestrado Profissional, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal. Corumbá-MS, 2013

ANTUNES, Emílio. *Folclore Pantaneiro*, 70 p., Cuiabá / MT: Ed. n/d, 2005.

ARRUDA, D. O. A. *A economia solidária em perspectiva: um estudo de caso acerca dos empreendimentos econômicos solidários no território de Corumbá*,

no Mato Grosso do Sul. Monografia – Ciências Econômicas, UFMS, Campo Grande, 2011.

BANDUCCI Jr., Álvaro. *A Natureza do Pantaneiro: Relações Sociais e Representação de Mundo no “Pantanal da Nhecolândia”*, 224 p., Campo Grande / MS: Ed. UFMS, 2007.

_____ e BARRETO, Margarita (Orgs.). *Turismo e Identidade Local: Uma Visão Antropológica*, 208 p., Campinas / SP: Ed. Papirus, 2001.

BARROS, A. L. *Gente pantaneira: crônicas de sua história*, 320 p., Rio de Janeiro. Ed. Lacerda, 1998.

BARROS, Manoel de. *Gramática Expositiva do Chão*, 53 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Record, 2007.

_____. *O Guardador de Águas*, 64 p., São Paulo / SP: Ed. Art, 1989.

_____. *Poeminhas Pescados numa Fala de João*, 24 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Record, 2001.

_____, e outros. *Fragmentos da Alma Mato-grossense*, 150 p., Cuiabá / MT: Ed. Entrelinhas, 2003.

BARROS NETTO, José de. *A Criação Empírica de Bovinos no Pantanal da Nhecolândia*, 158 p., São Paulo / SP: Ed. Ed. Resenha Tributária, 1979.

BARROS NETTO, José de. *A Vontade Natural e o Pantanal da Nhecolândia*, 100 p., São Paulo / SP: Ed. Alfa-Omega, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: As Conseqüências Humanas*, 145 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Jorge Zahar, 1999.

_____. *Modernidade Líquida*, 258 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Zahar, 2001.

BENEVIDES, I. Para uma agenda de discussão do turismo como fator de desenvolvimento local. In: RODRIGUES, A. B. (Org). *Turismo e desenvolvimento local*. São Paulo: Hucitec, 1999.

BERTELLI, Antonio de Pádua. O Pantanal, mar dos Xaraiés, 102 p., São Paulo / SP: Ed. Siciliano, 1988

_____. *O Paraíso das Espécies Vivas. Pantanal do Mato Grosso*, São Paulo / SP: Ed. Cerifa, 1984.

BORGES, Fernando Tadeu de Miranda. *Do Extrativismo à Pecuária: Algumas Observações Sobre a História Econômica de Mato Grosso, 1870 à 1930*. Editora TECCI. São Paulo. MP. 2001

BRANCO, Samuel Murgel. *Pantanal Mato-Grossense*, 64 p., São Paulo / SP: Ed. Moderna, 1997.

BRUHNS, Heloisa Turini; SERRANO, Célia Maria de Toledo. *Viagens à Natureza. Turismo, Cultura e Ambiente*, 150 p., Campinas / SP: Ed. Papirus, 1997.

BRUM, Eron; ZARDO, I. *Tocando a boiada. Revista Contexto*. Campo Grande/MS: UNIDERP, n.1, 2004.

_____; FRIAS, Regina. *A Mídia do Pantanal*, 282 p., Campo Grande / MS: Ed. UNIDERP, 2001.

BRUNO, Ernani Silva. *As Selvas e o Pantanal: Goiás e Mato Grosso*, 314 p., São Paulo / SP: Ed. Cultrix, 1959.

CAMPOS FILHO, Luiz Vicente da Silva. *Tradição e Ruptura. Cultura e Ambiente Pantaneiros*, 184 p., Cuiabá / MT: Ed. Entrelinhas, 2002.

CANCLINI, n. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo/SP, Ed. EDUSP, 1998.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARVALHO, Carlos Gomes de. *Perfis Mato-Grossenses*, 110 p., Cuiabá / MT: Ed. Verdepantanal, 2002.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*, 530 p., São Paulo / SP: Ed. Paz e Terra, 2002.

CATELLA, Agostinho Carlos. *Levantamento do fluxo de pescadores esportivos para Corumbá, por Estado e por Cidade de origem, de 1999 a 2003*. Embrapa Pantanal, Corumbá / MS, 2006.

_____. *O Monitoramento da Pesca no Pantanal do Mato Grosso do Sul*, Embrapa Pantanal, Corumbá / MS, n. 07, p.1-4: 2001.

CIDADE, F de Paula GAL. *Revista Brasileira de Geografia*. Instituto de Geografia e História Militar. “Aspectos Geo-Humanos De Mato Grosso: Corumbá”. Rio de Janeiro, 1943.

CLAVAL, Paul. *A Geografia Cultural*, 453 p., Florianópolis / SC: Ed. da UFSC, 2001.

COMASTRI FILHO, José Aníbal. *Recomendações da Embrapa Pantanal para a Gestão da Pesca na Bacia do Alto Paraguai*, Embrapa Pantanal, Corumbá / MS, 2009.

CONTEL, Fábio Betioli. *Os sistemas de movimento do território brasileiro*, in *O Brasil: Território e Sociedade no início do Século XXI*. Estudo de Caso. Pgs 357-374, 2006.

CORIOLOANO, L. N. M. T. Os limites do desenvolvimento e do turismo. *PASOS – Revista de Turismo e Patrimônio Cultural*, v.1, n.2, 2003.

CORRÊA FILHO, Virgílio. *Fazendas de Gado no Pantanal Mato-Grossense*, 62 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Ministério da Agricultura / Serviço de Informação Agrícola, 1955.

_____. *Pantanaís Matogrossenses: devassamento e ocupação*, 170 p., Rio de Janeiro / RJ: IBGE; Conselho Nacional de Geografia, 1946.

CORRÊA, Lúcia Salsa. *História e Fronteira: O Sul de Mato Grosso, 1870-1920*, 244 p., Campo Grande / MS: Ed. UCDB, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org). *Paisagem, Tempo e Cultura*, 124 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. UERJ, 2004.

CORRÊA, Valmir Batista, *Fronteira Oeste*, 215 p., Campo Grande / MS: Ed. UNIDERP, 2005.

COSTA, Maria de Fátima. *História de um País Inexistente: O Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*, 277 p., São Paulo / SP: Ed. Estação Liberdade/Kosmos, 1999.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. *Geografias do Turismo. De Lugares a Pseudo-Lugares*, 140 p., São Paulo / SP: Ed. Roca, 2007.

_____. *Introdução à Geografia do Turismo*, 107 p., São Paulo / SP: Ed. Roca, 2001.

_____. *Política de Turismo e Território*, 176 p., São Paulo / SP: Ed. Contexto, 2002.

CUNHA, Ayres Câmara. *Além de Mato Grosso*, 156 p., São Paulo / SP: Ed. Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1974.

ESBRANA, Marcia Vanderlei de Souza. “*A cultura indígena Guató em vídeos/documentários e filmes: abordagem histórico-cultural*”, UFMS, 2008.

FAO/INCRA. *Diretrizes de política agrária e desenvolvimento sustentável para a pequena produção familiar*. Brasília: FAO/INCRA, 1994. 98p. (Projeto UTF/BRA/036).

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. *Entre Histórias e Tererés: o ouvir da literatura pantaneira*, 375 p., São Paulo / SP: Ed. Unesp, 2001.

FERREIRA, Franchys Marizethe Nascimento Santana; BUENO, Marta Costa Beck, (Orgs.). *Pantanal: perspectivas históricas e culturais*, 246 p., Campo Grande – MS. Ed. UFMS, 2012.

FINKIELKRAUT, Alain. *A Derrota do Pensamento*, 158 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Paz e Terra, 1988.

Fundação IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia. *Tipos e Aspectos do Brasil*, 494 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Serviço Gráfico da Fundação IBGE, 1970.

GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*, 177 p., São Paulo / SP: Ed. UNESP, 1991.

GIRARD, P.; VARGAS, I. A. *Turismo, desenvolvimento e saberes no Pantanal: diálogos e parcerias possíveis*. *Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente*. Ed. UFPR, n. 18, 2008.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. *Geografia e Modernidade*, 368 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Bertrand Brasil, 2005.

GOVERNO DO ESTADO DE MS – SEPLANCT. *Histórico do município de Aquidauana*. Campo Grande-MS, 1979.

_____. *Cenários para Mato Grosso do Sul: 1999-2020*. Campo Grande-MS, 1999.

GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*, 56 p., Campinas / SP: Ed Papyrus, 2008.

GUIMARÃES, Acyr Vaz. *Mato Grosso do Sul: História dos Municípios*, 160 p., Campo Grande / MS: Ed: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 1992.

_____. *Mato Grosso do Sul, sua evolução histórica*. Campo Grande: UCDB, 1999.

GUIMARÃES, Jorge Maia de Oliveira. *A Invasão de Mato Grosso*, 328 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Biblioteca do Exército, 1964.

HABERMAS, Jürgen. *Técnica e Ciência como “Ideologia”*, 149 p., Lisboa: Ed. Edições 70, 2006.

HEMPEL, Carl G. *Filosofia da Ciência Natural*, 142 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Zahar, 1974.

IANNI, Octávio. *Enigmas da Modernidade-Mundo*, 319 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Civilização Brasileira, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Cidades – Mato Grosso do Sul*, 2012.

IZZO JUNIOR, Alcino. *Paisagem Cultural Brasileira: Região Centro-Oeste*, 159 p., São Paulo / SP: Ed Terceiro Nome, 2001.

KATUTA, Ângela Massumi; SILVA, William Ribeiro da. (Orgs.). *O Brasil frente aos arranjos espaciais do Século XXI*, 360 p., Londrina – PR. Ed. Humanidades, 2007.

KOHLHEPP, Gerd e outros. *Cadernos do Neru. Ambiente: Uma Abordagem Sócio-Econômica*, 224 p., Cuiabá / MT: Ed. UFMT – Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos, 1994.

LA BLACHE, Paul Vidal de. *Principes de Geographie Humaine*, 327 p., Paris: Ed. A. Colin, 1921.

LACERDA, Regina (org). *Antologia Ilustrada do Folclore Brasileiro. Estórias e Lendas de Goiás e Mato Grosso*, 320 p., São Paulo / SP: Ed. Literart, n/d.

LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo Cesar. *Turismo, teoria e prática*, 376 p., São Paulo / SP: Ed. Atlas, 2000.

Lê BOURLEGART, Cleonice Alexandre. *O Global e Local e as Duas Racionalidades da Globalização*. In: II Seminário de Desenvolvimento Local: Combate à Pobreza. Anais... Campo Grande – MS: UCDB, 2000

LEI Estadual nº 20, de 09 de novembro de 1892 do Estado de Mato Grosso.

LEI Federal nº 4504, Dispõe sobre o Estatuto da Terra e dá outras providências. 30 de novembro de 1964.

LEI Federal nº 4504. Código Civil dos Estados Unidos do Brasil. Comentado por Clóvis Bevilacqua. Volume I, Livraria Francisco Alves. São Paulo–SP, 1949. Preliminares, p. 9-10.

LEI Federal nº 4504. Constituição Federal. 1969.

LEI Federal nº 5868. 12 de dezembro de 1972.

LEITE, Eudes Fernando. *Marchas na História: Comitivas e Peões-Boiadeiros no Pantanal*, 223 p., Campo Grande / MS: Ed. UFMS, 2003.

LINDBERG, Kreg; HAWKINS; Donald E. *Ecoturismo, um guia para planejamento e gestão*, 292 p., São Paulo / SP: Ed. SENAC, 1995.

LITTLE, Paul E. *Políticas Ambientais no Brasil: Análises, Instrumentos e Experiências*, 463 p., São Paulo / SP: Ed. Peirópolis, 2003.

MACHADO, Arlindo; BECKER, Beatriz. *Pantanal, a reinvenção da telenovela*, 146 p., São Paulo / SP: Ed. EDUC, 2008.

MANGOLIM, Olívio. Espaço e vida do índio Terena da aldeia Limão Verde. In: *Série Estudos*, Campo Grande: UCDB, n. 5, 1997.

_____. *Povos indígenas no Mato Grosso do Sul – viveremos por mais 500 anos*. Campo Grande: CIMI/MS, 1993. 120 p.

MARIANI, Milton Augusto Pasquotto. *Turismo e Meio Ambiente no Paraíso das Águas*, 63 p., Campo Grande / MS: Ed. UCDB, 2003.

_____; ARRUDA, D. O. A. A atuação do SEBRAE na constituição de territorialidades com vistas ao desenvolvimento do turismo com base local: o caso do projeto Amorpexe de Corumbá/MS. *Revista Global Tourism*, v.5, n.1, maio, 2009.

MARQUES, A. *Matto Grosso: seus recursos naturais, seu futuro econômico*, Rio de Janeiro / RJ, 216 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Americana, 1923.

MARTÍN, José Cárpio; MARQUES, H.R.; RICCA, D; FIGUEIREDO, G. P. *Desenvolvimento local em Mato Grosso do Sul: reflexões e perspectivas*. Campo Grande: UCDB, 2001.

MARTINS, Gilson Rodolfo. *Breve Painel Etno-Histórico de Mato Grosso do Sul*, 100 p., Campo Grande / MS: Ed. UFMS, 2002.

MARTINS Jr., Moisés Mendes. *Trancas e Tramelas. Contos do Cerrado e Pantanal Mato-Grossense*, 232 p., Cuiabá / MT: Ed. Futura, 2008.

MCCORMICK, John. *Rumo ao Paraíso. A história do Movimento Ambientalista*, 224 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Relume-Dumará, 1992.

MEGALE, Januário Francisco (org). *Max. Sorre: Geografia*, 192 p., São Paulo / SP: Ed. Ática, 1984.

MELATTI, Júlio Cezar. *Índios do Brasil*. Brasília, 1970.

MENDES, Gilda Cristina Falleiros. *Conhecendo o Mato Grosso do Sul*, 103 p., São Paulo / SP: Ed. Ática, 1997.

MINISTÉRIO DO TURISMO – MTUR. *Plano Nacional de Turismo 2007/2010: uma viagem de inclusão*. Brasília/DF: MTUR, 2007, 88p.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Capitalismo, Geografia e Meio Ambiente*, tese Livre Docente. Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP-São Paulo / SP, 2000.

_____. *Bases da Formação Territorial do Brasil: O Território Colonial Brasileiro no “Longo” Século XVI*, 432 p., São Paulo / SP: Ed. Hucitec, 2000.

_____. *Território e História no Brasil*, 198 p., São Paulo / SP: Ed. Hucitec, 2002.

NETO, Antonio Firmino de Oliveira; BASSINELLO, Patrícia Zaczuk, (Orgs.) *Turismo: diversidade de olhares e experiências*. 330 p., Campo Grande – MS. Ed. UFMS, 2010.

NETO, Antonio Firmino de Oliveira; BATISTA, Luiz Carlos, (Orgs.). *Espaço e natureza: a produção do espaço sul-mato-grossense*. 276 p., Campo Grande – MS. Ed. UFMS, 2009.

NOGUEIRA, Albana Xavier. *O que é Pantanal*, 77 p., São Paulo / SP: Ed. Brasiliense, 1990.

_____. *Pantanal, Homem e Cultura*, 155 p., Campo Grande / MS: Ed. UFMS, 2002.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado. *Agroindústria e Reprodução do Espaço*, 261 p., Campo Grande / MS: Ed. UFMS, 2004.

_____. *Uma fronteira para o pôr-do-sol: um estudo geoeconômico sobre uma região de fronteira*. Campo Grande / MS: Ed. UFMS, 1998.

OTERO, Léo Godoy. *O Caminho das Boiadas*, 210 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. José Olympio, 1958.

ORTIZ, Renato. *Cultura e Modernidade*, 282 p., São Paulo / SP: Ed. Brasiliense, 1991.

PAIVA, L. M. *A bovinocultura de corte rumo a sustentabilidade: homens e bois interagindo num cenário de tradição*. Dissertação (Mestrado) – UnB, Brasília, 2000.

PAIXÃO, Roberto Ortiz. *Globalização, Turismo de Fronteira, Identidade e Planejamento da Região Internacional de Corumbá/MS*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo. SP, 2005.

PEREIRA, Jacira Helena do Valle; OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. (Orgs.). *Migração e integração: resultados de pesquisas em Mato Grosso do Sul*. 256 p., Dourados / MS. Ed. UFGD, 2012.

PÓVOAS, Lenice C. *História da Cultura Matogrossense*, 227 p., Cuiabá / MT: Ed. Resenha Tributária, 1982.

PROENÇA, Augusto César. *Pantanal. Gente, Tradição e História*, 168 p., Campo Grande / MS: Ed. UFMS, 1997.

_____. *Raízes do Pantanal*, 81 p., Belo Horizonte / MG: Ed. Itatiaia, 1989.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. *Uma ferrovia entre dois mundos: a E. F. Noroeste do Brasil na primeira metade do século 20*, 526 p., Bauru / SP: Ed. EDUSC; Campo Grande / MS: Ed. UFMS, 2004.

RAMOS, Hugo de Carvalho. *Tropas e Boiadas*. 154 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. José Olympio, 1965.

Revista Brasileira de ECOTURISMO. *Pescadores Profissionais Urbanos de Coumbá/MS e suas Relações com a Atividade Turística Sustentável* – MARIANI, M. A. P. ; AMARILIO, F. L.; ARRUDA, D. O., p. 205-238, São Paulo / SP. v.3, n.2, 2009.

Revista ECO TOUR. Matéria de Capa *Civilizações Pantaneiras*, Cuiabá / MT, 1998, nº 1, pgs. 41-47.

Revista FAMÍLIA AVENTURA. Matéria de Capa *Safári no Pantanal*, São Paulo / SP, 1999, edição 8, pgs. 24-37.

Revista FORMAÇÃO. Curso de Pós-Graduação em Geografia. Texto de Cleonice Alexandre Le Bourlegat, *Divisão social de trabalho, percepção de mundo e a origem da urbanização*, pgs. 5-30. Presidente Prudente / SP: – UNESP, 1997.

Revista GLOBO RURAL. Matéria de Capa: *Sob a Lei das Águas*, São Paulo / SP, 1997 – nº 144, pgs. 60-78.

Revista HORIZONTE GEOGRÁFICO. Matéria de Capa: *Pantanal, O mundo das Águas*, São Paulo / SP, 1998, nº 57, pgs. 16-48

Revista PESCA ESPORTIVA. Matéria de Capa: *Aquidauana, Porta de entrada do Pantanal*, São Paulo / SP, 1996, nº 4, pgs. 6-24.

Revista REPÓRTER-AJB. Matéria: *Pantanal*, Rio de Janeiro / RJ, 1990 – nº 1, pgs. 6-66.

Revista OS CAMINHOS DA TERRA. Matéria de Capa: *Pantanal, a vida selvagem sob ameaça*, São Paulo / SP, 1997, edição 65, nº 9, pgs. 52-71.

_____. Matéria de Capa: *Paisagens secretas do Pantanal*, São Paulo / SP, 1999, edição 85, nº 5, pgs. 44-55.

Revista VEJA. Matéria de Capa: *Como Pantanal está abalando a vida da televisão*, São Paulo / SP, 1990, edição 1129, nº 18, pgs. 54-60.

_____. Matéria de Capa: *A Descoberta do Paraíso*, São Paulo / SP, 1999, edição 1600, nº 22, pgs. 86-99.

Revista VIAGEM PELA GEOGRAFIA – *O Pantanal, Síntese Geográfica*, 1997, São Paulo / SP, 7ª edição, pgs. 1-48.

RIBEIRO, Renato Alves. *Taboco, 150 anos. Balaio de recordações*, 233 p., Campo Grande / MS: Ed. Prol, 1984.

ROBBA, Cláudio. *Aquidauana: Ontem e Hoje*, 147 p., Campo Grande / MS: Ed. Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1992.

ROCHA FILHO, José Fonseca da. *No ritmo das águas, na cadência das boiadas. A inserção do turismo nas fazendas de criação extensiva de gado bovino no Pantanal de Aquidauana/MS*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana do Departamento de

Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.

_____. *Olhar de Zagaia: Uma Viagem à Alma Pantaneira*, 131 p., São Paulo / SP: Editado pelo autor, 2005.

RODRIGUES, Adyr A. B. (org.) *Turismo e Desenvolvimento Local*. São Paulo: Hucitec, 1997.

RODRIGUES, Arlete M. Desenvolvimento sustentável e atividade turística. In:

RONDON, J. Lucídio. N. *No Pantanal e na Amazônia em Mato Grosso*, 209 p., Cuiabá / MT: Ed. Viver Feliz, 1971.

_____. *Tipos e Aspectos do Pantanal do Mato Grosso*, 160 p., Cuiabá / MT: Ed. Nobel, 1972.

ROOSEVELT, Theodore. *Nas Selvas do Brasil*, 330 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Ministério da Agricultura / Serviço de Informação Agrícola, 1948.

ROSSETO, Onélia C.; BRASIL Jr, Antonio C. P., *Paisagens Pantaneiras e Sustentabilidade Ambiental*, 167 p., Brasília / DF: Ed. UNB/UFMT, 2002.

RUSCHMANN, Dóris; SOLHA, K. T. (Orgs). *Turismo: uma visão empresarial*. Barueri, SP. Ed. Manole, 2004.

_____.; *Marketing Turístico: um enfoque promocional*, 124 p., Campinas / SP: Ed. Papirus, 1995.

_____. *Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção do meio ambiente*, 199 p., Campinas / SP: Ed. Papirus, 1997.

RUSSEFF, Ivan; MARINHO, Marcelo; SANTOS, Paulo S. N. dos. (Orgs.). *Ensaio Farpados: Arte e Cultura no Pantanal e no Cerrado*, 232 p., Campo Grande / MS: Ed. Letra Livre/UCDB, 2004.

SÁ, Celso Pereira de. *A Construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais*, 110 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. UERJ, 1998.

SACHS, Ignacy. *Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável*, 96 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. Garamond, 2002.

SADER, Emir (org). *Contragolpes: Seleção de Artigos da New Left Review*, 255 p., São Paulo / SP: Ed. Boitempo, 2006.

SANTIAGO, Benedito. *O Porquê de um Tratamento Diferenciado para Mato Grosso*, 109 p., Cuiabá / MT: Ed. Imprensa Oficial do Estado do Mato Grosso, 1984.

SANTOS, Eurico. *Peixes da Água Doce*, 267 p., Belo Horizonte / MG: Ed. Itatiaia, 1981.

SANTOS, Joel Rufino dos e outros. *História Nova do Brasil*, 209 p., São Paulo / SP: Ed. Brasiliense, 1965.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo e razão e emoção*. Ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. *Metamorfose do espaço habitado*. Fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. *O Espaço do Cidadão*. Ed. Nobel. São Paulo, 1996.

_____. *Técnica, espaço, tempo-globalização e meio técnico-científico informal*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

SATO, Michèle. *Sentidos Pantaneiros: Movimentos do Projeto Mimoso*, 209 p., Cuiabá / MT: Ed. KCM, 2002.

SGANZERLA, Alfredo; SILVA, Nelii Guimarães. *A Epopéia Terena*, 90 p., Campo Grande / MS: Ed. UCDB, 2004.

SILVA, Carolina J. da; SILVA, Joana A. Fernandes. *No Ritmo das Águas do Pantanal*, 210 p., São Paulo / SP: Ed. NUPAUB/USP, 1995.

SILVA, Cloves; ALVARENGA, Lydiane de Moraes Fernandes. *As Viabilidades da Prática do Turismo na Terra Indígena do Limão Verde*. Monografia (Graduação em Turismo) – UFMS, Aquidauana, 2003.

SILVA, Denise Justino da. *Impactos Ambientais e Sócio-Econômicos no Pantanal*, Embrapa Pantanal, Corumbá / MS, 2005.

SILVA, J.S.V.; ABDON, M.M, 1998. *Pesquisa Agropecuária Brasileira*, vol. 33, Brasília / DF: Número Especial, p.1703-1711, out. 1998.

SILVA, Medson Janer da, *Índios da Etnia Terena. Agricultura Familiar no Pantanal de Aquidauana / MS: Limitações e Perspectivas de Desenvolvimento Sustentável*, Tese de Doutorado, 192 p., USP, São Paulo / SP, 2004.

SILVA, Miguel Viera da. *Mitos e verdades sobre a pesca no Pantanal Sul-Mato-Grossense*, 78 p., Embrapa Pantanal, Corumbá / MS, 1986.

SOARES, Maria Clara Couto (org.). *Entorno de Unidades de Conservação. Estudo de Experiências em UCs de Proteção Integral*, 112 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. FUNBIO, 2002.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho: Uma Teoria da Comunicação Linear e em Rede*, 268 p., Petrópolis / RJ: Ed. Vozes, 2002.

_____. *Reinventando a Cultura. A Comunicação e seus Produtos*, 180 p., Petrópolis / RJ: Ed. Vozes, 1996.

SODRÉ, Nélson Werneck. *Capitalismo e Revolução Burguesa no Brasil*, 202 p., Belo Horizonte / MG: Ed. Oficina de Livros, 1990.

_____. *Oeste: Ensaio sobre a Grande Propriedade Pastoril*, 206 p., Rio de Janeiro / RJ: Ed. José Olympio, 1941.

SOUZA, I. *Migrações internas no Brasil*. São Paulo: Vozes, 1980.

SOUZA, José Carlos C. *Geografia Regional: Centro-Oeste e Mato Grosso*, 202 p., Cuiabá / MT: Ed. Atalaia, 1995.

SOUZA, Lécio Gomes de. *História de uma Região: Pantanal e Corumbá*, 240 p., São Paulo / SP: Ed. Resenha Tributária, 1973.

SOUZA, Marcelo J. L. de. Planejamento integrado de desenvolvimento, natureza, validade e limites. *Terra Livre*, 10:123-39. AGB-SP, São Paulo, 1992.

SUZUKI, Júlio César. Mato Grosso: na frente de ocupação, a determinação histórico da produção do espaço. 2001. (Fonte via email jcsuzuki@hotmail.com)

TAUNAY, Visconde de. *Campanha de Matto Grosso: scenas de viagem*. 2. ed. São Paulo: Livraria Globo; Irmão Marrano, 1923.

_____. *Dias de Guerra e de Sertão*, 156 p., São Paulo / SP: Ed. Melhoramentos, 1927.

_____. *Entre os nossos índios*. São Paulo: Companhia Melhoramento, 1931.

URRY, J. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Nobel, 1996.

VALVERDE, Orlando. *Fundamentos Geográficos do Planejamento Rural do Município de Corumbá*. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, 1972.

VALLE, Pedro. *A Divisão de Mato Grosso*, 227 p, Brasília / DF: Ed. Royal Court, 1996.

VANDONI, Rômulo. *Ao Longo do Araguaia*, 143 p., Cuiabá / MT: Ed. n/d, 1992.

VARGAS, I. A. *Porteiras assombradas do paraíso. Embates da Sustentabilidade Socioambiental no Pantanal*, 304 p., Campo Grande/MS. Ed. UFMS, 2010.

_____.; HEEMANN, A. Sentir o “paraíso” no Pantanal: reflexões sobre percepção e valoração ambientais. Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente. Ed. UFPR, n.7, 2003

YÁZIGI, Eduardo. *A Alma do Lugar*, 304 p., São Paulo / SP: Ed. Contexto, 2001.

_____. *Civilização Urbana: Planejamento e Turismo*, 359 p., São Paulo / SP: Ed. Contexto, 2003.

_____. *Deixe sua Estrela Brilhar. Criatividade nas Ciências Humanas e no Planejamento*, 158 p., São Paulo / SP, CNPq, Ed: Plêiade, 2005.

_____. *Reencantamento da Cidade: miudezas geográficas e devaneio*, 377 p., São Paulo / SP, CNPq, Ed. Scortecci, 2013.

_____. *Saudades do futuro: por uma teoria do planejamento territorial do turismo*, 573 p., São Paulo / SP. Ed. Plêiade, 2009.

_____. *Turismo: Uma esperança Condicional*, 190 p., São Paulo / SP: Ed. Global Universitária, 1998.

YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da (Orgs.). *Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura*, 239 p., São Paulo / SP: Ed. Hucitec, 1999.

ZIMMERMANN, Adônis. *Turismo Rural, um Modelo Brasileiro*, 67 p., Florianópolis / SC: Ed. do Autor, 1996.

Sites:

<http://www.pantanalms.tur.br>

Acessado em março/2010 – fevereiro 2014

<http://www.cpap.embrapa.br/pecuaria.html>

Acessado em jan/2009 – junho/2012 – março/2014

<http://www.assomasul.org.br/>

Acessado em jan/2010

<http://www.cpap.embrapa.br/>

Acessado em março/2011

<http://www.mercadodecavalos.com.br>

Acessado em julho/2011

<http://www.sema.ms.gov.br>

Acessado em setembro/2012

<http://www.mpa.gov.br/>

Acessado em setembro 2012

<http://www.repams.org.br>

Acessado em setembro/2012

<http://www.rppnbrasil.org.br>

Acessado em fevereiro/2010

<http://www.ibama.gov.br>

Acessado em 2010/2011/2012/2013/2014

<http://www.criareplantar.com.br>

Acessado em outubro/2013

<http://www.mma.gov.br/port/sbf/dap/doc/snuc.pdf>

Acessado em 2011/2013

<http://www.wttc.org/>

Acessado em 2010

<http://www.unwto.org/index.php>

Acessado em 2010

<http://www.turismo.gov.br/turismo/home.html>

Acessado de 2013-2014

<http://www.riosvivos.org.br/>

Acessado em 2011

<http://www.seprotur.ms.gov.br>

Acessado em 2012

<http://www.turismo.ms.gov.br>

Acessado em 2013-2014

<http://www.semac.ms.gov.br/>

Acessado em 2010

<http://www.braziltour.com/site/br/home/index.php>

Acessado em 2011

<http://www.mma.gov.br>

Acesado em 2011-2013

<http://www.ibge.gov.br/home/>

Acessado 2011-2012-2013-2013

<http://www.imasul.ms.gov.br/>

Acessado em 2011

<http://www.corumba.ms.gov.br/>

Acessado em 2013-2014

Anexos

Glossário – Vocabulário Pantaneiro

Adobe – Tipo de reboco feito com mistura de argila, areia, água e, às vezes, palha seca ao sol. É usado para barrear o rancho.

Aguada – Água que se encontra nos campos. Água dos rios, corixos, baías, etc.

Aguapé – Plantas aquáticas flutuantes, que unidas filtram e purificam a água.

Ajoujo – Cordinha colocada no chifre do boi, amarrada pela chifradeira.

Alçaprema – Espécie de carreta, com rodas de diâmetros enormes e cabeçalho preso a eixo, usada para o transporte de toras grossas, levadas das matas às serrarias ou às sedes das fazendas.

Algibe – Reservatório de água.

Almocinho – A primeira refeição do dia, constituída por arroz carreteiro, mandioca aferventada, farofa, chá, etc.

Alongado – Animal doméstico que foge para o mato e não volta.

Amassador – Lugar onde o gado pernoita, ou descansa, o que faz com que o capim fique todo amassado.

À meia - Trabalho em sociedade; metade para um; metade para outro.

Amojada - Vaca prenhe, prestes a dar a cria. Mojada.

Apear – Descer da montaria

Apurar – Aprontar-se para sair

Aranha – Espécie de charrete com rodas como as da carreta, só que bem mais altas do que aquelas, razão do nome. Foram muito usadas na região do Paiaguás.

Arreado – Cavalo equipado com as “traias” de arreio, pronto para ser montado. Variantes: encilhado, equipado, aperado.

Arreamento – Arreio; conjunto de peças que se usam para arrear o cavalo.

Arrear – Colocar o arreio no animal de montaria. Variante: encilhar.

Arreio – Aparelho de montaria, composto de três conjuntos de peças principais: peças de cabeça, peças de barriga, peças de garupeira. Existem vários tipos e marcas de aparelhos para encilhar o cavalo: libório, carumbé, bunda-de-pato, pingo-lindo, selim, cilhão.

Arribador – Vaqueiro encarregado de trazer de volta o gado que foge para o mato durante o trajeto da boiada. Variante: contra-culatreiro.

Arroz carreteiro - Arroz feito com carne seca ou carne oreada, cortada em pedaços miúdos. Embora de origem sul-rio-grandense, é hoje prato típico da cozinha sul-mato-grossense, principalmente na região pantaneira. Variantes: arroz-de-carreteiro, maria-pintadinha, maria chica, arroz com carne, carreteiro.

Assento – Parte da cincha que fica sobre o arreio.

Babaçu – Planta da família das palmeiras, que possui frutos drupáceos com sementes oleaginosas e comestíveis das quais se extrai um óleo empregado, sobretudo, na alimentação. É comum no Nordeste, Mato Grosso, Goiás e Mato Grosso do Sul. Palmeira de cujas folhas são feitas as coberturas dos ranchos beira-chão.

Bacuri – Espécie de palmeira muito comum na região. Variante: acuri. Matéria-prima para um tipo de artesanato simples, praticado na região, principalmente pelos escassos descendentes dos guató.

Badana (badrana, baldrana, baldana) – Peça de couro macio, usada sobre os pelegos. Faz parte das “traias” de barriga de arreio.

Bagual – Animal arisco e bravio, criado à solta, sem nunca vir ao mangueiro. Variantes: orelha, gado orelha, orelhano. Nota: os dicionários registram o termo bagual referindo-se ao cavalo. No Pantanal, emprega-se também em relação ao gado.

Bagualeação – Ato de bagualear, ou seja, pegar o gado bravo nos cerrados e campos abertos e trazê-los até o mangueiro. É atividade típica dos pantaneiros.

Bagualear – Procurar o gado bagual e trazê-lo ao mangueiro e amansá-lo.

Baía – Porção de água de formato arredondado, maior do que o corixo, e, geralmente muito limpa. Em alguns locais, da região as baías assemelham-se a miniaturas do mar. Lagoas de forma circular, elíptica, em crescente, periforme, ou irregular, dispersas na região.

Baixeiro – Manta de lã que, colocada debaixo do arreio, protege o animal. Faz parte do conjunto que constitui as traias de barriga de arreio.

Balseiro – Embarcação improvisada com três canoas pequenas para atravessar a tropa nos rios fundos que não possuem balsas nem pontes. O que arma e conduz a balsa.

Bambolim – Espécie de franjas de couro que servem de tirador.

Banzear – Espreguiçar.

Barbatão – Rês criada no mato. Bravia.

Barbela – Cordão de couro, pano ou barbante, cujas pontas são presas aos dois lados do chapéu, passando sob o queixo do vaqueiro, de modo a segurar o chapéu à cabeça. Variante: barbicacho.

Barra – Foz. Desembocadura de um rio.

Barrote – Peça de madeira ou de palmeiras, como carandá, bocaiúva, bacuri, usada para segurar as paredes do rancho.

Batelão - Tipo de canoa super-resistente, tocada à zinga e própria para suportar muitas toneladas de mercadorias. É um objeto em extinção.

Berrante– Instrumento feito de chifre de boi usado pelo ponteiro da comitiva para tocar boiada. É também utilizado na comunicação entre os boiadeiros.

Beira-chão – Tipo mais simples de rancho provisório, construído com dois esteios, que sustentam a cumeeira, sendo que os caibros apóiam ao chão.

Biqueira - Peça do arreamento animal. Presilha de rédea. Espécie de bernal ou capa de couro colocada no focinho do cavalo, por meio de uma cabeçada, para impedi-lo de comer ou pastar.

Bitolas – Sulcos visíveis no chão, iniciados pelas rodas dos carros-de-boi e ratificados pelos veículos motorizados, que cruzam as terras pantaneiras.

Bocaiúva – Caule com que se fazem os barrotes e as paredes dos ranchos, principalmente, os de pau-a-pique. Palmeira de frutos comestíveis e caule de até sete metros de altura, encontrada em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Boca de sapo– Bicho mais perigoso e temido nos pantanais. Cobra jararaca.

Bocas – Saídas de lagos ou rios.

Bóia – O que o peão come durante as refeições.

Boiadeira – Nome genérico dos condutores ou tocadores de boiadas.

Boiadeiro – Comprador de gado para revender.

Boieiro – Espécie de navio, geralmente com dois currais superpostos, próprios para transportar boiadas, em longas travessias pelo rio Paraguai, ou de uma fazenda para outra. Variantes: navio-curral, navio-boieiro.

Bola-pé – Travessia do animal na água, numa profundidade que por pouco não o obriga a nadar.

Bomba – Pequeno canudo de metal que possui, numa das extremidades, um bojo crivado de furinhos e, na outra, uma parte achatada, por onde se chupa o mate ou o tereré, tomado em cuia ou guampa.

Borrachões – Bolsas de couro que levam água nas viagens a cavalo.

Brete – Corredor estreito, de madeira, nos currais de aparte, em que só cabe um animal de cada vez. É a parte do curral por onde passa o gado para curarem-lhe as feridas, sinalar, ferrar, vacinar, etc.

Brocha – Correia torcida de couro, com que se abraça a garganta do boi cangado.

Brocotos – Lama seca dos campos pantaneiros depois de muito pisadas pelo gado.

Bruaca – Surrão, sacola ou saco de couro, trazido por viajantes a cavalo. Tipo de caixas ou baús, revestidos de couro, assentados por meio de cangalhas, nos dois lados do animal de carga e onde se carregam as tralhas de cozinha e as bagagens dos peões das comitivas boiadeiras.

Buçal – Peça do arreamento que se coloca na cabeça e no pescoço do animal. Compõem-se de pescocera, cabeção e cabo de buçal. É peça de cabeça de arreio.

Bunda de pato – Arreio pequeno, bom de cômodo, usado em quase todas as fazendas.

Buzina – Instrumento feito do chifre do boi, empregado para tanger o gado. Cada toque representa uma mensagem, decodificada pelos vaqueiros e boiadeiros. Variante: berrante.

Cabaça – Vasilha feita do fruto de uma planta da família das cucurbitáceas, usada como recipiente para tomar mate e até para beber água. Variante: cuia.

Cabeçada – Peça de cabeça de arreio, que serve para segurar o freio à cabeça do animal.

Cabeçalho – Vara do carro de bois, que, passando entre as mesas, prende-se à carga.

Cabeção – Peça de cabeça de arreio. Tira de corda, com focinheira, que se coloca na cabeça do cavalo.

Cabeceira – Vaqueiro que toma o lugar à frente da boiada, logo após o ponteiro. Numa boiada trabalham dois ponteiros, um, à direita, outro à esquerda do ponteiro. Variante: fiador.

Cabo-de-buçal – Corda trançada, com presilha nas duas pontas. Peça de cabeça de arreio.

Cabresto – Conjunto formado pelo buçal e demais peças que o compõem. É traia de cabeça de arreio.

Cacimba – Cova ou buraco nas vertentes de água, nos terrenos úmidos, para fornecer água própria ao consumo doméstico ou as viajantes, à beira das estradas.

Cachaço – Porco doméstico que virou selvagem.

Cagá-do-pato – Primeiras horas do dia.

Caiação – Ato ou efeito de caiar, ou seja, passar uma mão de cal, misturada com água.

Caititu – Engenho rudimentar para fazer farinha, movido à mão e formado de um cilindro de madeira, ao longo do qual se adaptam serrilhas metálicas. Mamífero. Espécie de porco selvagem. Variante: catetu.

Calefão – Corredor largo, para passagem das boiadas ao longo dos trajetos, nas estradas de chão.

Cambão – Peça de pau que se dependura ao pescoço da rês arisca para impedi-la de correr. Vara que se prende à carga da segunda junta de bois ou ao cabeçalho da carreta.

Cambará – Árvore de madeira resistente à umidade, muito usada para a construção de canoas. Cobertura para os ranchos; telha de cambará. Planta com propriedades medicinais, de cuja casca, queimada com açúcar, faz-se chá para curar a tosse.

Cambota – Parte circular das rodas de carros que prendem os raios e na qual é fixado o arco.

Canastra – Caixa revestida de couro, onde se guardam os enxovais, as peças de roupa, os cobertores, etc. É peça em extinção.

Cancela – Espécie de porteira enorme, de madeira, entre as invernadas, na mesma fazenda, ou permitindo o acesso de uma fazenda a outra. Geralmente, cada propriedade mantém um modelo de cancela.

Canceleiro – Peão encarregado de controlar as cancelas de ovo, onde se dá o aparte.

Candeeiro – Utensílio rudimentar; recipiente como o prato ou algo afim, no qual se coloca sebo e se enterra um pavio de barbante ou de pano, com que se obtém, acendendo o pavio, uma claridade fraca e vacilante. É peça em extinção.

Canga – Jugo com que se unem os bois pelo pescoço, para puxarem, juntos, a carreta.

Cangalhas – Objetos de madeira em que se sustenta e equilibra a cara das bestas. Instrumentos que se sustentam as bruacas dos cargueiros.

Cangapé – Expressão regional que designa um tipo de luta, de brincadeira, realizada dentro dos rios, dos corixos, das baías.

Cantil – Utensílio de alumínio, pequeno, usado para carregar água, nas viagens.

Canzil – Cada um dos dois paus presos aos tirantes ou por baixo da canga entre os quais se mete o pescoço do boi e em cujas extremidades inferiores prendem as brochas.

Capão – Porção de mato isolado do campo.

Capataz de Comitiva – O chefe da comitiva de boiadeiros.

Capataz – O administrador da fazenda. Variante: gerente.

Capataz de Campo – O responsável pelos peões campeiros; o que lhes passa as ordens do gerente ou do proprietário da fazenda.

Capim sapé – Denominação genérica que se dá aos diversos tipos de gramíneas usadas para a cobertura de ranchos, de casas simples.

Carajá– Maneador usado na doma de animais. Tipo de maneador comprido que, dobrado, se coloca na cabeça do arreio, para dar segurança ao cavaleiro.

Cargueiro – Burro ou besta que leva as bruacas e outros apetrechos que acompanham as comitivas de boiadeiros.

Caribéu – Prato feito com mandioca picadinha, na qual se juntam pedaços de carne, refogados com gordura e tempero.

Carona – Condução gratuita. Tirar carona: montar pela primeira vez num animal bravo, bagual. Peça de barriga de arreio, feita de couro, usada sobre o baixeiro.

Carreirada – Corrida de cavalos em cancha própria. Variante: carreira.

Carreteiro – O que conduz a carreta.

Carro de bois – Meio de transporte usado para passeio ou condução de cargas pesadas. Meio de transporte, subordinado à tração animal, constituído por uma espécie de carroça reforçada, com cabeçalho grosso, puxada por duas, seis ou oito juntas de bois. Variante: carreta. A carreta é diferente.

Carumbé – Arreio um pouco maior que o libório. O objeto é denominado pela marca.

Carvoteiro – Preguiçoso.

Casa grande – Casa do patrão, residência dos proprietários das terras. Variantes: sede, casa sede, fazenda, firma.

Cavalo fofador de blusa – Cavalo corredor.

Chaira – Tipo de bainha de couro com um faca e um afiador. Acessório tradicional e indispensável usado pelos peões (vaqueiros) pantaneiros.

Chairada – Objeto amolado na chaira.

Chalana – Embarcação larga, maior que a canoa, geralmente coberta. Serve para transportar pessoas, cargas pesadas, mercadorias e / ou tralhas dos peões.

Changueiro – Pessoa que não tem trabalho fixo. Vive de changa.

Chapéu de sela – Vaqueiro ruim.

Charqueada – Estabelecimento onde se prepara o charque.

Chata – Embarcação de fundo chato, puxada por rebocadores e que suporta cargas pesadíssimas, como cimento, minério. São vistas no rio Paraguai.

Chaveiros – Vaqueiros que acompanham as grandes boiadas, na retaguarda, junto ao culatreiro.

Chaveta – Peça de madeira ou de ferro que segura a canga à tiradeira, nos carros de bois.

Chicote – Nome genérico, na região, usado para vários tipos de látigos, com que se castigam os animais. Relho próprio para surrar animal redomão.

Chiculateira – Vasilha usada para esquentar a água do mate quente. Dizem que quando a chiculatera vira, aquele dia vai ser de azar para o peão.

Chifradeira – Correia de couro que une um boi ao outro, pelo chifre, no carro-de-bois.

Chimbuva – Árvore da família das leguminosas, que tem o tronco muito grosso e a copa imensa e esgalhada. Sua madeira é pardo-avermelhada e macia. É a variante regional de tamburi.

Chipa – Bolo assado, espécie de rosca feita de polvilho com sal, gordura, ovo e água ou leite.

Chiripá – Peça do vestuário de peões e vaqueiros que consistia num pano enrolado, da cintura para baixo, à imitação de calças. É um termo em vias de completa extinção, devido ao desaparecimento da indumentária.

Chocolateira – Vasilha de lata, usada pelo peão, no galpão, para esquentar a água do mate-quente.

Churrasco – Pedaco ou manta de carne fresca, salgada e assada no espeto, geralmente num assador improvisado, que consiste num buraco, feito no chão, onde se acende o fogo. Sobre a boca do buraco colocam-se os espetos, feitos de galhos de pau. Prato preferido em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, principalmente no Pantanal, embora seja, ao que tudo indica, herança gaúcha.

Chuvisco – Tipo de retalho. O rabo-de-tatu de duas pernas.

Cimbra – Espécie de porteira, feita de arame, amarrada em varas de paus roliços, denominados “balancim”. A parte imóvel prende-se ao poste da cerca por um pedaço de vara e se encaixa numa laçada de arame. Variante: colchete.

Cincero – Campainha grande que se prende ao pescoço da besta que serve de guia às outras, nas tropas que acompanham as comitivas.

Cincha – Faixa de couro que aperta o arreio. Constitui-se de quatro peças: barrigueira, assento, sobrelátigo, látigo. Usa-se, também, na região, por substituição metonímica, o termo barrigueira como sinônimo de cincha.

Cinchada do orelhano (chinchada ou orelhada) – Espécie de corrida com o animal para cercar o gado ou ainda para apostar uma carreira.

Cocho – Vasilha de rústica, geralmente retangular, feita de madeira, em que se põe comida e água para os animais.

Comitiva de boiadeiro– Grupo de vaqueiros que conduzem a boiada pelas estradas de chão.

Cordeira – Lugar onde se guardam as tampas das panelas. Consiste num barbante, cujas pontas são presas à parede com pregos. Variante: tampeiro.

Cordilheira – Mata extensa que acompanha a margem dos rios; mata fraca que cresce nas partes mais elevadas e que serve de abrigo aos animais na época de enchentes.

Corixo - Curso d’água que não resiste ao estio prolongado. Permanece, geralmente, coberto de aguapés, camalotes, orelhas de onça e outras plantas aquáticas da região.

Corote – Recipiente para transportar-se água, espécie de barrilzinho de madeira. É um termo em desuso, devido ao desaparecimento do objeto.

Cuia – Recipiente feito do fruto madura da cuieira, usado para colocar a erva-mate, a água, introduzir a bomba, preparar e tomar o mate-quente. Variantes: porongo, cabaça.

Culatreiro – O que conduz a boiada e viaja na culatra, na retaguarda da boiada; peão que vai no fim da comitiva. Variante: culateiro.

Cumeeira – A parte mais alta do telhado.

Curral – Encerra, cercada de madeira, onde se prende o gado para apartar, marcar, curar, vacinar, etc. Variante: Mangueiro.

Curralzinho – Espécie de minicurral de madeira, construído próximo ao disco, onde se prende a rês, que, vinda das invernadas, espera o momento de ser imolada. Variante: mangueirinho.

Currutela – Pequeno povoado; vila. Pode significar também casa de prostituição.

Decoada – Descida de água ruim.

Descartar – Separar o gado que vai ser vendido, ou que volta às invernadas.

Desdobrado – Mistura de álcool com água, que serve para substituir a pinga, na falta desta.

Desencilhador – Construção rústica, às vezes de material, de uma só peça, onde se encilham e desencilham os cavalos, e onde se guardam as “traias” de arreio. Variante: coreto.

Desterneiar – Desmamar (o bezerro).

Disco – Círculo de cimento, com um palanque ou forquilha onde se realizada a carneada. Matadouro ao ar livre.

Divulgar – Enxergar.

Doma – Amansamento de cavalo chucro ou bagual, a fim de que aceite o arreamento e o cavaleiro.

Domar – Ato de amansar o cavalo.

Embute – Espécie de curral ou encerra um pouco menor do que o mangueiro. Variante: encerra, mangueiro de encerra.

Empalizado – Rancho coberto de palha, de uma só peça, construído próximo à casa, onde se realizam bailes e roda de mate-quente ou de tereré, (hoje quase não existe mais).

Encilhar – Arrear o animal.

Enqueixar – Diz-se do cavalo que toma as rédeas do peão e não mais obedece o cavaleiro, disparando assim até onde algum obstáculo o esbarre.

Erva-Mate – Planta da família das quifoliáceas, cujas folhas têm grande valor comercial, para uso em chá e infusão. Produto industrializado, feito das folhas secas trituradas da erva-mate.

Escornar – Dobrar o pescoço da rês a ser carneada, que, após sangrada, é posta numa posição semelhante de quem está sentado.

Escoteiro – Peão que viaja sozinho e sem a tralha de viagem.

Espeque – Cada uma das estacas que seguram o couro da rês, estirado no chão, para secar.

Estaleiro – Armação de madeira, tipo jirau, onde se coloca o couro de boi para secar.

Estribo - Peça de metal, prata ou sola, presa ao loro, de cada lado do arreio. Faz parte das tralhas de barriga de arreio.

Fiador – Peão que vai à margem da comitiva.

Focinheira – Peça que integra o conjunto das traíás de cabeça do arreio e passa sobre as ventas do animal.

Fofar – Correr de medo. Fugir.

Fogão – Utensílio feito de barro ou de tijolos rebocados com barro ou cimento, onde se embute uma chapa de ferro. Na abertura, sob a chapa, coloca-se lenha para acender o fogo. Serve para cozinhar alimentos. Fogão de pau-a-pique, de cupim, de barro, de tijolos rebocados, cimentados. Fogão caipira, fogão de campanha.

Freio – Peça de cabeça de arreio, que se liga às rédeas e prende-se à boca da montaria.

Fueiro – Espécie de estaca delgada, para proteção da canga, que une os bois que puxam as carretas.

Funda - Atiradeira feita com uma forquilha de galho de pau fino, mas resistente, onde se prendem duas tiras finas de borracha, amarradas com barbante e em cujo bojo de couro se colocam as pedras a serem atiradas no alvo.

Galpão – Local onde se alojam os peões solteiros ou itinerantes; lugar onde são guardadas as tralhas de arreio e a bagagem pessoal desses indivíduos.

Garfo – Peça, geralmente de ferro, semelhante a um garfo ou forquilha, usada para controlar a entrada e a saída do gado no brete. Há bretes até com três garfos. Variantes: guilhotina, tesoura, escotilha.

Garupeira - Conjunto de tentos no arreio, para amarrar o alforje, a mala de viagem, o poncho, o sapicuá, etc.

Gaucho – Bonito, elegante.

Gaveta – Portão ou cancela, no ovo, por onde passa o gado apartado.

Graxa – Gordura da rês, que, após derretida no fogo, é usada para temperar os alimentos e fazer sabão.

Guaiaca – Cinto de couro ou de camurça, provido de bolsinhos, que servem para guardar dinheiro, objetos miúdos e também serve para portar armas. Cinto de couro que se usa em viagem. Variante: cinto dobre.

Guaino – Pessoa que monta o cavalo de corrida. Variante lexical: jóquei.

Guampa – Chifre da rês. Recipiente feito do chifre da rês, usado para preparar e tomar o tereré ou o mate frio.

Guanandi – Árvore da família das gutíferas, de madeira lisa, usada na construção civil, em marcenaria e em carpintaria. Madeira com que se constroem canoas, batelões, etc.

Guarda – Cada uma das peças de couro ou de lona, por onde os peões enfiam as pernas para protegê-las dos espinheiros, principalmente nos campos sujos e nos capões.

Guariroba – Espécie de palmito amargo; palmeira regional.

Guarita – Espécie de casa de pau-a-pique, alta do chão, construída nos lugares baixos e alagadiços, sujeitos às enchentes periódicas.

Guatambu – Madeira de boa qualidade com que se constroem cabos de ferramentas agrícolas e canoas.

Guató – Nação indígena exímia no manejo da canoa.

Guavira – Fruto nativo da região de excelente sabor.

Guaxa – Tipo de chicote feito de um pedaço de pau, encapado de couro, com uma soiteira, para melhor segurança do peão, ao manobrá-lo.

Guaxo – Bezerro sem mãe. A vaca morreu ou ele foi rejeitado por ela.

Guieiro – O bagualeiro que serve de guia na bangualeação. Ocupa o lugar do ponteiro.

Guizo – Tipo de sininho ou polaquinho, colocado no pescoço dos burros cargueiros. Variante: birro.

Gurupiara – Casa de quatro águas, coberta de sapé, de palha de babaçu, ou de acuri.

Imbauba – Nome vulgar de várias plantas da família das moráceas, do gênero Cecropia.

Invernada – Pastagem convenientemente cercada de arame, onde se deixa ficar o gado no pasto, para engordar ou para descansar e refazer as forças, depois de longas viagens.

Jararaca de rabo branco – Mulher briguenta.

Jatobá do campo – Árvore da família das leguminosas, comum nos cerrados, de flores vistosas e amarelas e fruto comestível.

Jatobá – Fruto do jatobá. Planta utilizada como remédio, na medicina popular da região.

Jirau – Armação feita com varas e troncos para tocaiar animais. Armação rústica feita com varas que serve de armário e de prateleiras. Estrado rústico suspenso forrado com folhas de bacuri, para servir de coradouro de roupas, no quintal ou próximo às baías ou aos rios, onde se lavam as peças de roupas. Leito ou cama rústica usada nos ranchos de peões, onde recebe o nome de tarimba. Tipo de estrado suspenso, feito de varas, para servir de mesa. Do lado de fora da janela da cozinha, serve para colocar bacias e gamelas. É onde se lavam pratos e panelas.

Junta – Parelha de bois que puxam a carreta.

Kadiwéu – Nação indígena exímia na montaria do cavalo.

Laço – Corda trançada com quatro tentos finos, comprida, com uma argola na ponta, usada para laçar animais, no campo ou no curral.

Lamparina – Lâmpada pequena. Recipiente rudimentar feito de lata, de vidro, de zinco, onde se coloca o querosene e se introduz ou pavio de pano ou barbante, no qual se ateia fogo. Fornece iluminação fraca e muita fumaça.

Lampião – Recipiente menos rústico, que a lamparina, adquirido nas casas de comércio. Uma espécie de lanterna portátil ou fixa na parede.

Látego – Corda resistente que prende a barrigueira à argola do travessão. É peça de barriga de arreio.

Libório – Espécie de arreio grande próprio para a doma quando de nº 112. Os de número 110 e 111 são mais fracos. A marca passou a denominar o objeto.

Língua de cobra – O mesmo que rabo-de-tatu de duas pernas. Tipo de relho comum no Pantanal.

Locro – Prato feito com pucheiro aferventado e milho; canjica.

Loro – Correia dupla que se liga ao arreio e sustenta os estribos. É peça de barriga de arreio.

Loucão – Prato feito com mandioca aferventada, pucheiro e milho.

Macega – Campo com muito capim.

Malhada – Rês que possui manchas de cores diferentes da de seu pêlo. Lugar onde o gado dorme.

Maneador – Peça de corda bem comprida usada para segurar o cavalo, para imobilizar rês brava, etc.

Maneias – Duas peças com argolas e presilhas, parecidas com um par de algemas, usadas para segurar o animal pelas patas dianteiras.

Mão-de-pilão – Peça de madeira usada para socar ou triturar qualquer coisa no pilão.

Marca – Instrumento usado para inscrever, no pêlo do animal, o emblema da firma ou fazenda que pertence. Consiste num ferro (desenho ou emblema), com um cabo, também de ferro, que termina com revestimento de madeira, que é a parte onde o vaqueiro segura a marca.

Mariquinha – Espécie de fogão, feito com três paus cruzados, com um gancho no centro. Coloca-se sobre o fogão comum. Serve para esquentar água, para fazer frituras, etc.

Marruá (baguá, bagual) – Boi bravo.

Mata burro – Ponte de travas espaçadas, de forma a impedir a passagem de animais. No Pantanal são construídas, comumente, à boca das cancelas.

Mate – Bebida quente feita com a infusão de folhas secas e pisadas da erva-mate. Era conhecida dos tupis, como estimulante, ao lado do tabaco e do guaraná. Variantes: mate-chimarrão, chimarrão, mate-quente, mate-amargo.

Mateador – Aquele que aprecia mate, que gosta de tomá-lo.

Matear – Tomar o mate.

Matula – Alimento constituído normalmente de carne seca com farinha, levada no sapicuá, por quem viaja a cavalo, de carreta ou de carro, perfazendo longas distâncias. A rês que é abatida para o consumo, na fazenda.

Meeiro – Peão que vai nas laterais da comitiva. Sócio; o que faz um trabalho em sociedade

Mocho – Banco rústico, sem encosto, quase sempre forrado de couro de boi, usado por uma pessoa de cada vez, de assento redondo ou quadrado. Boi ou vaca sem chifres.

Monturo – Amontoado de terra; elevação.

Muchacho – Cada um dos paus dependurados na parte da frente e na parte de trás da carreta, para equilibrá-la, quando parada.

Murumdu – Amontoado de árvores. Montículo de terra ou areia.

Ninhal – Área onde centenas, milhares de aves fazem seus ninhos, na mesma época.

Ovo – Encerra oval, situada na parte da frente do brete, onde ficam as gavetas. É onde realmente se dá o aparte.

Palanque – Esteio forte ou forquilha fincada no centro do disco de cimento e onde se amarra e imobiliza a rês, para sangrá-la. Variante: forquilha.

Pantanal – A maior planície aluvial da América Latina. Estende-se por vários municípios do Estado e prolonga-se pelo Mato Grosso, adentrando-se, também em terras paraguaias e bolivianas. É tida como uma das mais promissoras reservas ecológicas do mundo. Inundável, em algumas áreas, pelas águas do Paraguai e seus tributários, na época das enchentes, não se constitui no lodaçal ou pântano a que o nome pode remeter. Referindo-se às diferentes localidades da região diz-se pantanais.

Paratudo – Boi Gordo.

Paratudo – Planta de largo uso na medicina popular da região.

Parelheiro – Cavalo tratado e cuidado para disputar corridas.

Parida – Vaca com cria nova, que acaba de dar cria.

Pau-a-pique – Parede feita de ripas ou varas entrecruzadas e barreadas. Também chamada de parede de taipa.

Peão - Aquele que trabalha nas fazendas, realizando os serviços do campo, a doma, o rodeio, a condução das boiadas, etc.

Pear - Prender com peia.

Peguar – Tipo de faixa, colocada sobre a bandana para apertar todo o aparelho do arreamento. Também apresilha o laço. Variante: sobre-cincha.

Peia – Pedaco de corda fina ou tira de couro que alguns vaqueiros usam na cintura, para utilizá-lo em caso de necessidade. Pedaco de corda ou tira de

couro, usado para amarrar as pernas traseiras da vaca, no mangueiro, para tirar leite ou para pear gado bravo.

Peiteira – Peça de cabeça de arreio; é uma tira de couro, com argolas, cingida ao peito do animal. Antigamente, era uma das peças de enfeite da qual os fazendeiros se orgulhavam.

Pelego – Peça feita de pele de carneiro com a lã tratada que serve para usar sobre o arreio, tornando o assento mais macio e confortável.

Pelota – Embarcação improvisada, feita de couro de boi ou com o próprio poncho do vaqueiro, para atravessar suas trilhas de um lado ao outro do rio, baía, lagoa, etc.

Pescoceira – Peça de couro trançado que segura o cavalo. Pertence ao conjunto de peças de cabeça de arreio. Variante: fiador.

Picana – Ponta de ferro encaixada numa vara ou vara com um cinferro na ponta, usada para incentivar os bois lerdos. Variante: ferrão ou agulhão.

Picumã – Sujeira grossa que se junta no teto e nas paredes de cozinhas, provocada pela fumaça do fogão à lenha.

Pilão – Espécie de taça ou vaso rústico feito de pau rijo, usado para descascar e triturar arroz, para socar milho e outros alimentos.

Pilheta – Recipiente feito geralmente de cimento, onde se colocam sal e / ou água para o gado.

Pingo lindo – Tipo de arreio para serviço. Neste caso, como nos anteriores, o objeto, pelo processo metonímico, passa a ser denominado pela marca.

Piola – Qualquer pedaço de corda.

Piraim – Tipo de relho de couro cru. Pedaço de corda com argola e tala na ponta, usada pelos boiadeiros, na condução de boiadas. É a variante pantaneira de pirai, palavra de origem tupi. Variante: reador. Rabo-de-tatu, para muitos pantaneiros.

Polaco – O cinferro, depois de colocado no pescoço do animal. Tipo de cinferro menor, usado, quase sempre, pelo animal que serve de guia da tropa. Normalmente é usado como variante lexical de cinferro.

Polaqueiro - Madrinha da tropa. O animal que carrega o polaco.

Poncho – Capa quadrangular, de lã grossa, com uma abertura no meio, onde se enfia a cabeça.

Ponteiro – Peão que vai à frente da comitiva. É o chefe.

Porco monteiro – Porco doméstico que é capado e solto para ficar selvagem.

Porongo – Tipo de vaso, com gargalo estreito e comprido; recipiente para colocar água, farinha ou outros produtos.

Porteira – Portão, com uma tronqueira de cada lado da estrada e varas para fechar, usada à entrada das propriedades rurais ou para comunicação entre as invernadas.

Praia – Área, geralmente coberta de areia, nos arredores da casa sede.

Praieiro – Peão que trabalha em volta da fazenda, realizando vários serviços a pé.

Prancha – Embarcação rústica e resistente, espécie de jangada, feita de improvisado, para travessia dos rios, nos lugares onde não há pontes nem balsas.

Pranchar – Esborrachar-se no chão, estender-se ao comprido. Cair de prancha (o cavalo).

Prateleira – Tipo de estante ou tábua, onde se guardam os pratos, copos, panelas e outros objetos de cozinha.

Prensa – Trave de madeira, grossa e larga colocada horizontalmente no arrocho das casas de farinha, ficando-lhe na parte superior o cocho, que recebe a massa e é perfurado embaixo, a fim de deixar vazar o suco da mandioca ralada. É um cocho rústico, com muitos furinhos, por onde saem a água e o polvilho.

Presilha de rédea – Argola solta dos dois lados do freio, onde se apresilha a rédea.

Pucheiro - Pedacos de ossos, descarnados, que são aferventados, com sal.

Puitã – Pala vermelha tecida em lã.

Purunga – Cabaça pequena usada para beber água.

Quebra-torto – Desjejum; café da manhã reforçado; refeição matinal com carne, arroz-de-carreteiro, café e bolo.

Rabicho – Peça de couro curtido, com argola e um tento, que, passando debaixo do rabo do cavalo, segura o arreio, impedindo-o de ir para a frente.

Rabo-de-tatu – Tipo de chicote feito de couro do lombo da rês. Corda trançada, assemelhando-se ao rabo de tatu. Há dois tipos de rabo de tatu: o de uma só perna, o rabo-de-tatu propriamente dito e o de duas pernas, também chamado de língua-de-cobra, chuveisco, piraim.

Ranchada – Conjunto de ranchos que formam uma vilinha de peões.

Recoluta – Ação de recolher o gado extraviado no campo.

Rede – Peça comum no Brasil inteiro, feita de fios grossos entrelaçados, usada para sestar, descansar, dormir, etc.

Rédea – Peça de cabeça de arreio. Correia ou corda de couro, que se liga ao freio e serve para guiar o animal.

Redomão – Cavalo recém domado que sofreu poucos repasses e ainda não está bem manso.

Relho – Soiteira de ponta de piola, às vezes, trançada, própria para estalar, para surrar bois.

Retireiro – Quem mora no retiro.

Retiro – Casa retirada da sede, onde vive o retireiro e se trabalha o gado.

Rodada – Queda do cavalo para frente, quando vai a trote ou a galope, no campo.

Rodeio – Local onde existe ajuntamento de gado.

Saladeiro – Antigo nome dos estabelecimentos onde se preparava a carne seca (charque).

Salina – Baía de água salgada, comum nos pantanais da Nhecolândia e do Rio Negro. É muito limpa e extensa.

Sapicuá – Espécie de bolsa ou saco, onde se carregam a matula, e os apetrechos para o tereré.

Sela – Arreio leve e prático, não precisa de pelego.

Selim– Pequena sela rasa.

Serigola– Tento que, em forma de argola ou pulseira, prende o chicote ou o relho ao pulso do vaqueiro, dando-lhe maior segurança. Variante: pega-mão.

Seringa – Curral afunilado que dá acesso ao brete. Variante: embutinho.

Sestear – Descansar, tirar uma soneca após o almoço.

Silhão – Sela grande, com estribo de um só lado, usado, antigamente, para as mulheres viajarem, sentadas, de saia

Sinalar – Cortar as orelhas do gado, segundo o modelo criado pelo fazendeiro e registrado no município, onde se encontra a propriedade. Cada tipo de sinal recebe uma denominação, como: ponta de lança, coice de porta, foice, martelo, martelinho, boca-de-lobo, flor, etc. Cada fazendeiro sinala seu gado com um

corte característico, que torna possível o reconhecimento de suas reses nas redondezas.

Sinuêlo – Lote de gado manso habituado ao curral, e que se emprega como guia dos animais xucros. Boi manso que vai à frente da boiada.

Sobrelátêgo - Faz parte do conjunto de “traias” de barriga. Peça que prende o travessão da cincha à barrigueira. Variante: contralátêgo.

Soiteira – Látêgo do relho, pedaço de corda comprida. Atualmente, usa-se fazer a soiteira do piraim de fios de nylon.

Solteira – Vaca sem bezerro.

Sondeiro – O bagualeiro que vai à frente, abrindo caminho para os demais integrantes da comitiva bagualeira.

Sopa paraguaia – Bolo assado, feito com fubá de milho, queijo, cebola, leite e sal.

Suadouro – Espécie de travesseirinhos ou almofadas embutidas em cada lado do arreio, na parte de baixo.

Sucuri – Réptil da família dos boídeos que vive nas regiões de grandes pântanos, na água dos rios, nas lagoas. Chega a medir 14 metros de comprimento. Cesto de forma cilíndrica, feito de folhas de palmeira, onde cai a massa passada na prensa, no fabrico da farinha e do polvilho.

Taboca – Material que se coloca sobre os caibros dos ranchos. Matéria-prima para um artesanato simples, desenvolvido na região. O mesmo que bambu ou taquara. Tiras com que se amarram os barrotes, em alguns ranchos.

Taca – Tipo de chicote, encapado com sola, leve e prático, próprio para o uso do guaino ou jóquei.

Taipa – Parede de madeira e barro ou de cal e areia.

Tapera – Casa ou rancho abandonado.

Tarimba – Tipo de cama rude e dura constituída por um estrado de madeira. No Pantanal, o estrado é assentado sobre quatro forquilhas, onde se colocam travessas de madeira, formando um jirau.

Tendal - Construção rústica, feita com esteios e ripas de madeira, onde são penduradas as mantas de carne salgadas, para arear ou secar. É revestido de tela, para evitar o contato com insetos nocivos. Variante: varal.

Tento – Cada um dos pedaços finos do couro, dependurados no arreio.

Terena – A maior nação indígena atualmente no Pantanal. Bastante aculturada, vive em aldeias próximas a Aquidauana e Miranda.

Tereré – Bebida refrescante do Pantanal. É tomada com auxílio de bomba de metal, introduzida no centro do recipiente, onde se coloca a erva-mate e a água fria ou gelada.

Tiradeira – Corda trançada ou torcida que passa pelo buraco do cambão e é presa na chaveta, nas juntas de bois que puxam a carreta.

Tirador – Espécie de avental de couro, amarrado à cintura do vaqueiro e usado quando precisa laçar ou pear as reses. O tirador tem por arremate tiras finas e compridas chamadas bambolins, que vão dos quadris até os calcanhares, quando compridas. Variante: puxador, termo pouco usado na região.

Tolda - Armação feita com vários arcos de taboca, cobertos por couro seco de gado, uma espécie de capota que recebe a carreta, protegendo cargas e pessoas.

Tralha - Bagagem. É palavra de acepção abrangente, que abarca vários sentidos, como os termos coisa e negócio. Seu uso é generalizado não só no Pantanal como em todo o Estado, onde é conhecida como 'Traia'.

Tralhas de barriga – Formam o conjunto de peças do arreio que se localizam à altura da barriga do animal, onde se coloca o arreio propriamente dito.

Tralhas de cabeça – Constituem o conjunto de peças que ficam na parte da frente, antes da cabeça do arreio.

Tralhas de garupeira – Conjunto de traias que ficam na parte traseira da montaria, denominada garupa.

Travessão de arreio – Peça que fica atrás da cabeça da frente do arreio, onde se colocam o loro e o estribo.

Trem – Tralha, bagagem, coisa.

Trempe – Fogão improvisado sobre um arco de ferro, que se assenta sobre quatro pés, onde se colocam as panelas que vão ao fogo. Usado nos acampamentos ou nas viagens de condução de boiada. Vem sendo substituída pelo fogareiro.

Tubalco – Mistura de álcool com tubaína para ser ingerida na falta de pinga.

Vaquejada – Uma quantidade de gado parado em um piquete ou em uma invernada.

Varador – Local onde atravessar o gado em um corixo ou em uma pequena lagoa.

Varal – Arame esticado, onde se estendem as roupas para secar. Arame ou varas suspensas, onde se colocam as mantas de carne, para secar ou arear. Varas suspensas, cobertas de folhas de palmeira, onde se põe a roupa para corar (quarar).

Vazante – Porção de campo em terreno baixo e úmido, temporariamente alagado, na época das cheias. Na região, a denominação vazante permanece mesmo que as águas sequem, no local.

Ventracha – Costela grande de peixe que se dá na alimentação das crianças para não se engasgar com espinhos.

Voadeira – Embarcação veloz, usada para passeios nos rios e baías.

Voçoroca – Valos produzidos pela erosão.

Volteada – Atividade que se constitui em procurar o gado no campo para recolhê-lo ao curral ou para observá-lo, fiscalizá-lo.

Zagaia – Arma primitiva. Tipo de lança de ferro fixada num comprido cabo de madeira de lei. Era usada em caçadas de onça no Pantanal.

Zagaieiro – É o antigo caçador de onças do Pantanal. Hábil no manuseio da Zagaia era pessoa respeitada por todos por sua coragem. A caçada era sempre realizada com o auxílio de cães. Quando ferida ou acuada, a onça lançava-se contra o caçador que a esperava com a lança escorada no solo.

Zinga – Vara comprida, de que se servem os canoeiros para vencer a força da correnteza, quando não basta a ação dos remos. Remo usado como leme na popa da canoa ou jangada. Vara de quatro a cinco metros, com a ponta de metal, utilizada pelos puxadores de zinga, ou seja, pelos pilotos dos batelões.

(Fonte: Nogueira, *Pantanal: Homem e Cultura*, 1990; Godoy, *O Caminho das Boiadas*, 1958. Organização: José Fonseca, 2012).

A cuiabania: o linguajar cuiabanês

Uma das peculiaridades mais marcantes observadas durante viagem realizada aos municípios de Cuiabá, Cáceres, Sto. Antônio do Leverger, Mimoso, Barão de Melgaço e Poconé – todos localizados na região do Mato Grosso – foi o contato com o linguajar cuiabano. Mais interessante ainda do que ler as palavras do “dialeto” é ouvir o som e a entonação cantada com que os cuiabanos as exprimem em todo o vale do rio Cuiabá e do rio Paraguai. A “marca registrada” que chama rapidamente a atenção do visitante é o “tchá, tché, tchí, tchó, tchú” cuiabanês, melhor dizendo, o cuiabano das localidades mencionadas acima coloca o ‘t’ na frente das palavras que iniciam com ‘ch’ e ‘x’, e o ‘d’ nas que começam com ‘j’ ou ‘g’. Cerveja é ‘cervedja’; peixe fala-se ‘pêtche’, cachorro pronuncia-se ‘catchorro’; gente é ‘dgente’. Além disso, existe uma quantidade considerável de palavras e expressões locais faladas frequentemente. Abaixo, um pequeno glossário do linguajar cuiabano.

Abana mão – ato de saudar, cumprimentar. (abana mom).

Achegar – chegar (atchegá).

Agora desxde cuándo? – expressão que indica discordância.

Agora que que é esse?! – expressão de indagação.

Agregado – aquele que se estabelece em propriedade alheia.

Aguacêro – bastante água, poças de água.

Ah! Ummmm – expressão que indica indignação, concordância ou não. É aplicada dependendo da situação, a entonação da voz muda.

Alambrado – cerca de arame.

Alembrar – lembrar.

Alfenim – massa de açúcar com amêndoas doces. Pessoa sensível. Intocável.

Aloito – luta corporal. (alôito)

Alumear – iluminar.

Apatacado – Endinheirado, rico

Apanhô prá bestêra – apanhou muito.

Arreio – chefe de tropeiros que, com estes, transporta mercadorias, em tropas de burros.

Arroz-de-festa – freqüentador assíduo de festas, não perde nenhuma festa.

Arrumar um encosto – encontrar alguém que o(a) sustente.

Assuntar – observar.

Atarantado – aturdido.

Atarracado(a) – abraçado, juntos.

Até na orêia – repleto, cheio, demais. (té norêia)

Aúfa – bastante, muito.

Azeite – bem feito, toma.

Badulaques – coisas de pequeno valor. Guardados.

Baguá – touro que se desgarrar da fazenda e se torna selvagem.

Baita – enorme, excelente. (báita)

Baixeiro – saco de estopa que se colocam sob a carona.

Bambolê – chinelo de dedo.

Bamburrar – achar, o garimpeiro, uma pedra de valor.

Bandulho – briga.

Bassoura – vassoura.

Bêra – lado; de lado; intrometido.

Beradeano – contornando, ao redor.

Berrano – gritando.

Bingo – pênis.

Bixiguinha – Catapora (Bitxiguinha)

Bocó de fivela – pessoa boba, burra, ignorante.

Bolacha – bolo achatado. (bolatcha)

Bom demás – muito bom. (bom demás)

Bonito prô cê – expressão que indica quando a atitude tomada, não foi boa.

Borá – vamos embora.

Brechó – sapato frouxo, o cambaio.

Brocoió – bronco, tolo.

Bruaca – mala ou saco de couro cru, para transporte de carga em boi ou burro.

Brusco – nevoento, escuro (tempo).

Burrica – gangorra.

Buscar – procurar.

Cabeça – inteligente.

Caçar caiaia – procurar problemas; procurar chifre na cabeça de cavalo.

Cachorrada – doce feito com leite coalhado. (catchorada)

Caínha – quem não dá nada prá ninguém. Sempre nega.

Cambada – porção de peixe, em geral, de três a cinco, enfeixados com um cipó.

Canháem – latido de cachorro. Expressão usada para discordar.

Canivete – rapaz muito jovem.

Caramba – espanholismo. Interjeição designativa de espanto ou admiração.

Carne-de-pescoço – diz-se de pessoa tenaz, birrenta, implacável.

Cascar – descascar.

Casquete – boné, boina.

Cata-mamona (ficar de) – ficar em atropelo, às voltas com a solução dos problemas.

Catcho – namoro, paquera, amante.

Catchorro – expressão de espanto de negação.

Catíça – muito, bastante, exagerado.

Caximbocó – vaia, apupo.

Cerradu – fechado, mas não trancado. Só encostado, o portão, a porta, a janela, etc.

Cesso – ânus.

Cêpo – bom, ótimo. Grande.

Chá – café da manhã. (tchá)

Chambalé – camisola. (tchambalé)

Chá por Deus – expressão de espanto, admiração, dúvida. (tchá porDeuxs!!)

Chaté – baixote.

Chispa daqui – expressão que indica “caia fora”, pode ser usada também para espantar algum animal.

Chuva de caju – chuva em período de seca (julho, agosto). (tchuvado cadjú)

Coisa-ruim – o diabo.

Coloiado(a) – junto, próximo em grupo.

Comeu barata – pessoa que era bonita e ficou feia.

Constipação – gripe, resfriado.

Cordêro(a) – denominação de quem gosta de dar corda nas pessoas.

Coscorão – massa de pastel sem recheio.

Coxá – relação sexual. (cotchá)

Creança – criança. Também usado pra adolescentes, jovens e adultos. Basta a pessoa ser pelo menos uns 20 anos mais novo que a vovó, que ainda é creança.

Cruz credo – expressão de nojo; espanto.

Cuia – vasilha da casca da cabaça.

Curtido – cínico.

Cutilada – cortada, golpe de faca.

Cutuba – muito bom.

Dar no padre – fraquejar.

De a pé – a pé.

De jápa – grátis, o que vem a mais. (djápa)

Demás – expressão usada para discordar.

Dereito – direito.

Despois – depois.

Despotismo – muito abundante.

Digoreste – ótimo, bom, exímio.

Disque – diz-se. (dixsque)

Dois-de-paus – pessoa apagada, sempre alheia à conversa, quando em grupo.

Duvidá – talvez.

Ê ah! – indagação.

É mato – abundante.

Embromador – tapeador.

Empachado - repleto, muito cheio, cheio (pop. cheio de fezes)

Empamonado – tutu de feijão.

Encasquetar – ter idéia fixa.

Entojado – farto, saciado.

Entupigaitado – desorientado.

Enxuito – enxuto.

Escuitar – escutar.

Espeloteado – desmiolado.

Espia lá – olha lá, veja. (exspía)

Espinhela caída – dor, problema na coluna vertebral.

Estar de lua – estar mal humorado.

Estrúdio – extravagante, esquisito.

Fazer de conta – fingir, supor.

Festá – festar, participar de festa. (fexstá)

Ficar fofo de esperar – Esperou demais

Figa! – Deus me livre! (fíga)

Foló – folgado, largo.

Fruito – fruto.

Fuá – Desordem, confusão

Funda – estilingue, atiradeira.

Futxico – mexerico, fofoca.

Futxicaiada – muito futxico, excesso de mixirico, muita fofoca.

Fuzuê – confusão, bagunça.

Gandaia – cair na farra, adotar atitude suspeita.

Garrô – pegou, começou, realizou.

Gente de quem? - Pertence a qual família?

Gordurame – Comida, bóia

Grocotchó – pessoa mole, doente, desanimado.

Grulha – tapado, bronco.

Guri(a) – menino(a).

Hãããm – expressão de felicidade, algo foi bom.

Hamburgo – hambúrguer.

Imbicar – ir a algum lugar.

Imbricar – virar.

Incômodo – menstruação.

Intá – toma.

Invisive – grampo, grampo de cabelo.

Ioseilá – Não sei...

Ir aos pés- evacuar.

Ispiaí – Olha aí...

Jacá – cesto de palha ou taquara para guardar peixe na beira do rio e manter vivo.

Janta – jantar.

Jápa – brinde. (djapa)

Jáprecei – Já consultei o preço

Jururú – Triste, quieto. (djururú)

Ladino – esperto, inteligente.

Lambido – cínico.

Lançar fora – jogar.

Larido(a) – guloso, esganado.

Lêpa- largo – grande, enorme.

Leva-e-tráz – fofoqueiro, bisbilhoteiro.

Levado – travesso.

Leviano – leve.

Levô os córno – complicou tudo.

Lonjura – longe, muito distante. (londjura)

Luma – lua.

Macambúzio – Tristonho

Malemá – Mais ou menos.

Mamparrear – remanchar, usar de evasivas para fugir aos compromissos.

Manducar – comer.

Mano – mão na bola (futebol).

Matula – marmita, comida prá viagem.

Matungo – moleque gordo.

Mea orêa – minha orelha.

Micaje – ato de fazer imitação de alguém, fazer caretas.

Mininu – menino

Moage – frescura. (moadje)

Molóide – fraco.

Mujica – prato típico da região feito de peixe, muqueca.

Muriço: maciço (ouro maciço).

Muxiba – pelanca.

Muxirum – mutirão.

Não tá nem aí pá paçoca – não liga para nada. Não quer saber das conseqüências.

Nariz furado – veio na vontade, veio na certeza.

Na xinxá – levar uma ação com seriedade. (tchintcha)

Negatófi – não, nunca.

Nhá cá – venha aqui.

Nhô – Senhor (Nhô Dindo)

Num vô co cha Cara – Não fui com seu jeito (Num vô com tcha cara)

Obra – fezes.

Obração – Diarréia

O quá – duvidar, não acreditar.

Orêia – pessoa burra.

Paçoca – farofa de carne de sol.

Padecer – sofrer.

Pampêro – confusão.

Panhar – ato de pegar algo.

Papo-de-peru – balão de soprar.

Paquete – menstruação.

Pastinha – franja.

Pá terra – cair.

Pau-rodado – pessoa de fora que passa a residir na cidade.

Peitudo – corajoso.

Pé-ratchado - expressão que indica que é cuiabano legítimo.

Perrengue – molóide, fraco.

Pico – mulher fácil, dada.

Pinchar – jogar fora.

Pitché – milho torrado, moído, com canela e açúcar.

Podre de chique – Bonito, elegante, bem vestido.

Pongó – bobo, tolo, idiota.

Por essa luz que me lomea – prá dizer que está falando sério, que não está mentindo.

Pousar – pernoitar.

Prá besteira – bastante, muito, em excesso.

P'ra Dedéu – Para muitos, para sobrar, em abundância

Pranchei de banda – saí, escapei, tô fora.

Puxada – construção adicional, em prolongamento da casa.

Qrem Deus padre – expressão de espanto, assombro.

Quá! – expressão de espanto, indignação.

Quarar – corar, pôr a roupa no sol para secar.

Quarta-feira – pessoa boba, idiota, parvo.

Que, que esse? – o que é isso.

Quebra-torto – desjejum com comida reforçada, como carne com arroz farofa, etc.

Que nem – tal como.

Que nem cachorro de Bugre – Não tem onde ficar, sem paradeiro (Catchorro)

Quiçaça – Mata fechada, de difícil acesso

Quilo – fazer digestão após a refeição.

Quinco – denominação carinhosa de Joaquim.

Rabinha – frigideira

Rapariga – meretriz.

Rapelô – levou tudo, ganhou tudo.

Rebuçar– cobrir o corpo com lençol ou cobertor, agasalhar, embrulhar.

Rebúça e Chúça – rebuçar é cobrir e chuçar (tchuça) é cotchá.

Refestelá – sorrir, rir, gargalhar.

Ressabiado – desconfiado.

Rinchar – ranger do carro de boi.

Rino na chá cara – rindo na presença de alguém. (rino na tchá cara)

Rufá – bater.

Sabença – sabedoria.

Saltaveaco: espécie de banana da terra, enorme.

Saluço – soluço.

Salvar – cumprimentar.

Sapear – assistir do lado de fora.

Sapicuá – saco de pano, dividido por uma abertura onde se guarda a matula, nos dois lados.

Sartei de banda – tô fora, não concordo, não quero mais.

Sem-graceira – falta de modos, sem graça. (sem-gracêra)

Sepá – beijar.

Siminina – Essa minina

Sinhô(a) – senhor(a).

Sis creança – essas crianças.

Sistrodia – outro dia.

Solom – sol muito quente.

Sombrinha – guarda-chuva usado como guarda-sol.

Subaco – suvaco.

Sucedeu – aconteceu.

Sujo que tá – imagem ruim, conceito ruim. (sudjo que tá)

Supimpa – excelente.

Sustância – substância.

Tacuru – fogão improvisado de três pedras. Onde se assentam a panelas.

Tá de tchico – está menstruada.

Tanchim – inquietação, não pára quieto. (tá com tanchim!)

Tchá mãe – expressão característica para xingar alguém.

Tchapa e cruz – expressão que indica o nascimento (tchapa) e a morte (cruz) em Cuiabá. Pessoa registrada e batizada em Cuiabá.

Tchapa quente – Metido a ser bonzão em tudo.

Tchêro – vagina.

Taludo – crescido desenvolvido fisicamente.

Tá té no chifre – embriagado, bêbado.

Tibi – cheiro.

Tóma, corno(a) – expressão usada quando alguma coisa não acontece de forma correta.

Tora – ir a algum lugar.

Tralha – objetos de uso caseiro.

Trens – objetos, coisas.

Trepar – subir, escalar.

Tropicão – tropeção.

Ucharia – lugar nas festas, onde se colocam bebidas.

Vai tomá na peidera – vai se lascar.

Vai tomá na tarraqueta – vai tomá no cesso.

Vá tomá mate com garfo! – Não torre minha paciência!

Verdolengo(a) – fruta que está quase madura, meio verde.

Verter água – urinar.

Vídge – Exclamação, Nossa!

Vôte! – Deus me livre. Ave Maria!! Expressão de medo ou espanto.

Xaê – olha, espia.

Xispada – mandar embora, não deixar alguém num certo local.

Xixir – evacuar.

Xômano – cara, pessoa.

Xô Mano – cumprimento a um amigo, pessoa.

Zanzar – vaguear, andar sem rumo.

Características das 11 sub-regiões do Pantanal.

Em 1997, após levantamentos, pesquisas e estudos que visaram um gerenciamento baseado em dados científicos da Bacia do Alto Paraguai – BAP, que envolve o Pantanal, foi elaborado o Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai – PCBAP, ação coordenada pelo Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal – MMA. Destes estudos resultou uma classificação do Pantanal em 11 sub-regiões, a saber:

Pantanal de Barão de Melgaço

Características: Solos arenosos ou areno-argilosos com concreções de ferro em áreas inundáveis de relevo plano. Terras inundáveis por 3 a 4 meses. Vegetação de Savana. Fauna residente em presença de ninhais. Área de recarga de aquíferos. Reservas Indígenas Teresa Cristina e Perigara. Turismo e pecuária extensiva. Potencial para preservação e turismo.

Pantanal do Paraguai

Características: Solos arenosos ou areno-argilosos com concreções de ferro em áreas inundáveis de relevo plano. Área de inundação por mais de 6 meses. Vegetação de Savana e Formações Pioneiras. Alta concentração de fauna. Área de reprodução em sistema de piracema para as espécies de: pintado, pacú, cachara, barbado, dourado e curimatá. Contém o Parque Nacional do Pantanal e a Estação Ecológica Taiamã. Pecuária com pasto nativo.

Pantanal da Nhecolândia

Características: Solos arenosos, de ambientes úmidos com forte presença de material orgânico em relevo de planície. Área de inundação por 6 meses. Instabilidade dos leitos fluviais. Vegetação de Floresta Estacional e formações pioneiras. Pecuária com pastagem nativa com pouca ocorrência de plantada, bananicultura e pesca.

Pantanal de Poconé

Características: Solos arenosos ou areno-argilosos com concreções de ferro em áreas inundáveis de relevo plano. Área de inundação de 3 a 4 meses. Vegetação de Savana. Área de reprodução de avifauna e de recepção e deposição de sedimentos. Pecuária extensiva em pasto nativo, pesca profissional e turismo. Potencial para preservação e turismo.

Pantanal de Cáceres

Características: Solos arenosos ou areno-argilosos com concreções de ferro em áreas inundáveis de relevo plano. Área de inundação de 3 a 5 meses. Concentração de fauna. Vegetação de Savana e Floresta Estacional. Potencial para preservação, turismo e pecuária.

Pantanal do Paiaguás

Características: Solos arenosos profundos e hidromórficos em relevo de planície. Inundação de 3 a 4 meses ao ano. Concentração de fauna. Vegetação de Savana. Área de recarga de aquífero. Pecuária extensiva com pastagem nativa. Potencial para pecuária em pasto nativo e para turismo.

Pantanal de Aquidauana / Negro

Características: Solos arenosos ou areno-argilosos com concreções de ferro em áreas inundáveis com relevo de planície. Áreas de inundação de 3 a 4 meses. Concentração de fauna. Vegetação de Savana. Pecuária extensiva como atividade econômica. Potencial para preservação.

Pantanal do Abobral

Características: Solos argilosos e siltosos em relevo e planície. Área de deposição de sedimentos finos de instabilidade dos leitos fluviais com inundação por mais de 6 meses. Alta concentração de fauna e presença de capões de matas com sítios arqueológicos. Vegetação de Savana e Formações Pioneiras. Pecuária com pastagem nativa e turismo. Potencial para turismo e pesca.

Pantanal do Miranda

Características: Solos argilosos de baixa permeabilidade em relevo de planície, com inundações de 4 a 6 meses ao ano. Vegetação de Savana Gramíneo-Lenhosa e Paratudal (tabebuia). Atividades como rizicultura irrigada e pecuária extensiva com pasto nativo e turismo recreacional e pesqueiro.

Pantanal do Nabileque

Características: Solos argilosos com alto teor de sódio em relevo de planície, com período de inundação acima de 6 meses. Vegetação de Savana Estépica Gramíneo-Lenhosa e ocorrência de Carandazais, com concentração de fauna.

Atividade de pesca profissional e esportiva e pecuária extensiva em pastagens nativas.

Pantanal de Porto Murtinho

Características: Solos hidromórficos e argilosos, com concentração de sódio, em relevo de planície. Área de inundação de 4 a 6 meses. Vegetação de Savana Estépica. (Fonte: Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal – MMA, 1997. Organização: Rocha Filho, J. F. 2010.).

A força do falar pantaneiro

por Augusto César Proença

Para entender o Pantanal – já dizia Cássio Leite de Barros – é necessário sentir o que ele sugere para depois compreender o que ele oferece. E eu, humildemente, acrescento: há que se ir ao chão, às raízes, para buscar a rusticidade e simplicidade do homem pantaneiro. Esta vasta planície, dada de mãos beijadas à Nação brasileira como um Patrimônio Natural, oferece-nos, além de uma exuberante paisagem pintalgada pela branca pelagem do nelore, uma linguagem extremamente expressiva, rica em variações fonéticas e prosódicas.

O livramentano, cuiabano, poconeano, cacerense, quando desceram lá do Norte para povoar o Pantanal do Sul viajaram com as suas palavras. Trouxeram, junto com os caribéus, as jacubas, os paus de guaraná, uma enormidade de termos e expressões que, ao longo da história, através de um processo laborioso de troca, assimilação, absorção, mesclaram-se com a oralidade dos países vizinhos e formaram um universo muito próprio que se traduz naquilo hoje concebido como o “falar do homem pantaneiro”.

Quantas expressões singulares! Quantos termos inusitados! Quantas riquezas! Os acordes atrevidos da viola de cocho, os quais motivaram os improvisos dos curureiros, versejadores/cantadores das antigas festas pantaneiras produziram neologismos, ampliando a versatilidade lingüística e cultural da região.

Em torno do vagaroso carro de boi, que transitava pelo Pantanal com suas rodas triturando o lamaçal, auxiliando os desbravadores, existe um vasto e pitoresco linguajar, toda uma nomenclatura como fueiro, guieiro, cambão, gangorra e muitos outros termos. O cavalo, esse companheiro inseparável do vaqueiro, bichinho rústico e resistente, moldado pelas condições do ambiente deixou-nos expressões riquíssimas, todas elas ainda presentes nos diálogos dos ginetes, nas “estórias” contadas sobre as proezas dos redomões – daquele “pagão” que é laçado pela primeira vez no curral para ser domado, a rodilha do laço entrando justa no pescoço, apertando-o com o arrocho do tirão, até que, já quase enforcado, olhos esbugalhados, respiração ofegante, vai “quebrando das carnes” e se entregando ao domador, se chegando ainda meio desconfiado, soprando o ar pelas ventas dilatadas e trêmulas.

As comitivas, pelos caminhos pantanosos, conduzindo boiadas, contribuíram para enriquecer o vocabulário pantanês. Da cozinha das nossas avós vieram o furrundu, a paçoca de banana, a Maria-Izabel... Aliás, das velhas cozinhas não só frases, expressões e termos nos ficaram, mas, também, a lembrança do fogão à lenha, de 4 ou 6 bocas, amplo e empretecido, da carne-seca e do toucinho defumado “dipindurado” ao lado do fogão, do pote d’água, do dedo na panela para provar o “doce de cadju” e a “catchorrada”...Ah! ... e também a lembrança dos suspiros, dos quindins, dos beijos adocicados e sensuais, daquele banquinho perto do fogão onde a bugrinha, cabelo penteado, toda “perfumada de água de chero”, esperava a hora de abrir a porta “pro fio do patrão entrá”. Em torno do laço do vaqueiro, instrumento que faz parte da sua “traia”, dos seus “quase- nada”, nasceu uma rica terminologia que vai desde a escolha do couro até o colocar da argola, no arremate final. Tais como: tento, braça, iapa, afogador, lonqueação, boneca e outros termos. O sobrenatural, tão presente no imaginário da população, deixou-nos um fabulário vastíssimo de almas do outro mundo que vagueiam pela planície, ou estão presas nos “enterros” iluminados, penando, pedindo rezas. Entidades que povoam o universo infantil e persistem na crença dos adultos, nomes como Mãozão, Pé-de-garrafa, Minhocão, Come-língua, Negro-d’água, Anta-amiga, figuras mitológicas e lendárias que habitam as matas, baías, rios e corixos.

Se o cavalo é de “queixo-duro” (ruim de boca) o cavaleiro tem que “quebrá ele por baixo”. Se o peão fica sem “paradeiro”, andando de fazenda a fazenda, ele é andejo feito “burrico sem mãe”. Pessoa que não gosta da preparação do amor e vai logo ao ato, é que nem anta, quando o troço sobe ele já vem por cima. A sexualidade fez morada e nos largou pitorescas expressões e nomes que até hoje são resgatados como uma prenda valiosa. Assim como, também, a sociabilidade estabelecida entre homem/natureza. A lua, por exemplo, com seus reflexos prateados influenciou os hábitos e costumes do pantaneiro. “Lua nova é boa pra enfrená (colocar freio no cavalo redomão)”. Mas é ruim para tirar madeira para cercas: “Se tirá na nova ela vai broquiá, vai bichá tudinho”. Existe a crença de que a anhumana no largo chama chuva criadeira. Há pássaros e bichos abençoados, como há os agourentos, os que “têm parte com o demônio (fala-se demonho)”. Cruz – credo! Figa! Vote! São expressões ainda hoje freqüentes no Pantanal.

A Farmácia do mato, por sua vez, enriqueceu o Pantanal de um conjunto de plantas e elementos que curam. Para tosse: casca de camburu ou canela de veado (chá). Para males do estomago, vermes e diarreia, têm-se o pára-tudo. A polpa do fruto do jatobá, esquentado, é tiro-e-queda para extrair o “carnegão” dos furúnculos. O rabo do bugio e a raiz de amarra-pinto são indicados para quem tem a “urina solta”.

As charqueadas, cujos trabalhos contribuíram para o desenvolvimento da pecuária, transmitiram-nos sinistros termos, como esfoladores, carneadores, esquartejadores, sangradores. Mas os versos de Cururu e Siriri, temperados com o som da viola de cocho, nos deram palavras adocicadas de ternura e amor, como estas: “É na manhã seguinte quando o galo canta, e a madrugada, pouco a pouco, já se vê; a voz da morenada em coro se levanta, tristonha a soluçar: Não deixa amanhecê!” (Versos de Carlos Vandoni de Barros).

O Pantanal está mudando de dono. Novas mentalidades, novos recursos, novas tecnologias surgem empurrando o “tradicional” para outras paragens e, logicamente, vai-se com ele a moda de se expressar e de falar. A TV, o rádio e demais veículos de comunicação massificantes e standardizadores aceleram o processo de desintegração de identidades. Preservar a riqueza do falar pantaneiro é mais do que necessário; aliás, é dever dos que estão inseridos na luta de resgatar e difundir os valores da nossa Cultura.